

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**IDOSO E CIDADANIA  
O TRABALHO DE REINVENÇÃO DA VIDA**

THEREZA CHRISTINA DA CUNHA LIMA GAMA

RECIFE-PE

2004

THEREZA CHRISTINA DA CUNHA LIMA GAMA

**IDOSO E CIDADANIA**  
**O TRABALHO DE REINVENÇÃO DA VIDA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Mudança Social.

ORIENTADOR: Profº Drº. Paulo Henrique Martins

RECIFE-PE

2004

**Ata da Sessão de Arguição de Defesa de Dissertação de THEREZA CHRISTINA DA CUNHA LIMA do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.**

Aos treze dias do mês de julho do ano de dois mil e quatro, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o **Exame da Dissertação de Mestrado de THEREZA CHISTINA DA CUNHA LIMA GAMA**, intitulada: "*IDOSO E CIDADANIA: o trabalho de reinvenção da vida*". A Comissão foi composta pelos Professores: **Dra. Paulo Henrique Martins de Albuquerque – Presidente/orientador; Dr. Russel Parry Scott - Titular Interno - PPGS; Dra. Adélia de Melo Branco – Titular Externo – FUNDAJ**. Dando início aos trabalhos o Dr. Paulo Henrique Martins de Albuquerque explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar o Dr. Paulo Henrique Martins de Albuquerque, presidente da mesa e orientadora da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade**. E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 13 de julho de 2004.

*Lulista Bleis*

*Russell Parry Scott*

*Adélia de Melo Branco*

*Paulo Henrique Martins*



**“Viver e não ter  
a vergonha de ser  
feliz. Cantar a  
beleza de ser um  
eterno aprendiz”.**

(O que É o Que É,  
Gonzaquinha)

*DEDICATÓRIA*

A Oscar, meu esposo e amigo;

*Às minhas filhas: Bárbara Christina e  
Anna Beatriz (está a nascer);*

Aos meus pais, exemplo de vida!

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Ao meu orientador, Professor Paulo Henrique Martins, por sua simplicidade, paciência, orientação eficiente e dedicação em todo este estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

A **DEUS**, que mais uma vez me acompanhou, dando-me sabedoria, esperança e tranqüilidade, principalmente nos momentos mais difíceis desta trajetória;

Aos **IDOSOS**, que compuseram a amostra da pesquisa, minha gratidão pela disponibilidade e colaboração;

Aos **MEUS PAIS e AVÓS**, pelo orgulho, perseverança no cumprimento do dever;

Aos **MEUS IRMÃOS**, agregados, **TIOS e PRIMOS e BERÉ (a babá)**, pelo apoio neste período;

A **TODOS OS PROFESSORES DO MESTRADO**, pelos conhecimentos construídos coletivamente;

Aos **COLEGAS DE MESTRADO**, pela convivência durante o curso;

Aos meus **COLEGAS DE TRABALHO**, pela disponibilidade em me ajudar na concretização deste estudo;

A todos que compõem o **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO em SOCIOLOGIA** pelo carinho, paciência e prontidão em me atender;

À **PROFESSORA GEIDA**, e **PROFESSOR WALNEY SARMENTO** pelos “toques” e revisão do trabalho;

À **ADRIANA DEUSDARÁ MOURA ARAÚJO**, pelos serviços de digitação;

Às **EQUIPES DO PROGRAMA DE SAÚDE DA FAMÍLIA e SECRETARIA DE SAÚDE DE PETROLINA E JUAZEIRO** pela colaboração de material e informações obtidas;

A **CASA GERIÁTRICA DE PETROLINA e TODO CORPO TÉCNICO** que me receberam na pessoa de LUSCA.

## RESUMO

O envelhecimento da população em todo o mundo constitui, hoje, um problema social da maioria das comunidades, particularmente dos países em desenvolvimento. Essa temática vem se desenvolvendo, de maneira crescente, nas últimas décadas e, a prova disto, é a articulação de políticas sociais para pessoas idosas. Esta pesquisa objetiva estudar o fenômeno da Terceira Idade e sua relação com a constituição da cidadania, percebendo as formas de solidariedade entre os idosos, redefinindo modelos de conduta, redes de solidariedade e práticas sociais destinadas à pessoas idosas, refletindo a possibilidade do idoso poder sentir-se útil, procurando melhorar a qualidade de vida, a fim de aumentar a longevidade. Acredita-se que tal pesquisa possa subsidiar estudos e políticas voltadas para um melhor relacionamento social entre as gerações, através de seus direitos, aspirações, desejos e necessidades. Com as representações sociais da Terceira Idade, tem-se a oportunidade de perceber as práticas sociais que os envolvem, observando também as diferenças nos modos de viver do envelhecimento atual, como também, enfocando a velhice e a questão de poder exercer sua cidadania com os direitos pertinentes, mostrando a relação da dívida e solidariedade num processo de institucionalização. Através dessa pesquisa, percebe-se uma nova expressão da cidadania democrática refletida nas condições de vida e nas formas de solidariedade.



## **ABSTRACT**

The aging of the world's population represents today a social problem for the majority of the world's communities, particularly those from the developing countries. This trend has been evolving at an increasing rate during the last decades and is reflected in the social policies and programs designed for the elderly. This research seeks to study the phenomena of Old Age and its effects on the social structure of the general population. It looks at the different forms of solidarity among older people, including changing patterns of behavior, friendship networks and existing social practices towards this group. It also examines the possibility of senior people being able to feel useful and to search for improved quality of life and increased life spans. We believe that the present research, while identifying the rights, aspirations, wishes and needs of the elderly, may provide information for other studies and social policies that seek to improve the social relations in the generation gap. Through the social recognition of the aging, it might be possible to: understand the social practices that affect this group; observe the differences in current life styles of people as they age; and show the relationship between the act of giving and true solidarity in an institutional process that focuses on the Old, and on their challenge to live within their social rights. Finally, this research shows a new expression of democratic citizenship as such is reflected on life conditions and forms of solidarity.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
CAPÍTULO I – REPRESENTAÇÃO SOCIAL E TERCEIRA IDADE .....	11
1.1 – O ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL .....	11
1.2 – REPRESENTAÇÃO DOS IDOSOS .....	14
1.3 – REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA .....	18
1.4 – REPRESENTAÇÃO E SOLIDARIEDADE TRADICIONAIS .....	22
1.4.1 – O IDOSO NO NORDESTE RURAL .....	23
1.4.2 – FAMÍLIA E VELHICE .....	27
CAPÍTULO 2 – A VELHICE NOS DIAS ATUAIS .....	35
2.1 – PERSPECTIVA DE VIDAS DOS IDOSOS .....	35
2.2 – CONDIÇÕES DE VIDA .....	39
2.2.1 – ALGUMAS EVIDÊNCIAS SOBRE A VELHICE .....	39
2.2.2 – ALGUMAS CATEGORIAS DE ANÁLISE .....	41
2.3 – CONDIÇÕES DE SAÚDE .....	45
2.3.1 – ATIVIDADE FÍSICA E REJUVENESCIMENTO .....	46
2.3.2 – PAPEL DO DESPORTO .....	49
2.4 – O DRAMA DA APOSENTADORIA .....	52
2.4.1 – A MÃO-DE-OBRA IDOSA .....	54
2.4.2 – MECANISMO DE REGULAÇÃO DA APOSENTADORIA .....	55
2.4.3 – DO ENVELHECIMENTO .....	59
2.5 – OS MITOS E A QUESTÃO SOCIAL .....	63
CAPÍTULO 3 – A CIDADANIA DO IDOSO .....	70
3.1 – DÁDIVA E SOLIDARIEDADE .....	73
3.2 – OS DIREITOS DO IDOSO .....	76
3.3 – A IMPORTÂNCIA DA CONVIVÊNCIA .....	82
3.3.1 – NOVAS ATITUDES .....	84
3.3.2 – O TRABALHO COM GRUPOS .....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	91
BIBLIOGRAFIA .....	96
ANEXOS .....	111

## INTRODUÇÃO

### I – JUSTIFICATIVA E PROBLEMÁTICA

A escolha do tema “Idosos e Cidadania- O trabalho de reinvenção da vida” se justifica pela carência de estudos na área e a importância de se obter uma maior informação sobre este assunto. Tal discussão pode servir para subsidiar estudos e políticas voltados para um melhor relacionamento social entre as gerações através do conhecimento de seus direitos, suas aspirações, desejos e necessidades.

É crescente o número de idosos. Segundo dados do IBGE<sup>1</sup>, nos últimos 10 anos, a população brasileira, com 65 anos ou mais, atingiu 7 milhões de pessoas. Conforme projeções, atualmente uma em cada 13 pessoas faz parte da população idosa e prevê-se que, até o ano de 2025, o número de idosos com 60 anos ou mais chegará a 32 milhões (Teixeira, 1999). O Brasil que, há pouco tempo atrás, era considerado “país jovem”, hoje, encontra-se no rol dos países com crescimento da população idosa. Será talvez a quinta maior nação de idosos.

A população idosa no município de Petrolina alcança, hoje, o patamar de 13 000 pessoas, o que corresponde a 6% da sua população, distribuídas nas diversas camadas sociais (dados colhidos na SEPRODES/Secretaria de Projetos e Desenvolvimento Social, do município de Petrolina-PE, 2002). Esse envelhecimento acelerado é em decorrência da redução da taxa de mortalidade infantil, melhoria da qualidade de vida, avanço da medicina, novas tecnologias, entre outros fatores que possibilitaram aumentar a expectativa de vida do brasileiro.

Essa modificação na estrutura demográfica da sociedade precisa ser acompanhada por mudanças de atitudes, mentalidades e da organização de toda a sociedade para enfrentar os novos desafios gerados pela também nova demanda. Infelizmente, para envelhecer numa sociedade que tem como modelo a juventude, é necessário enfrentar o preconceito os valores estigmatizados que evidenciam mais os aspectos negativos dessa etapa da vida.

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Atualmente, os direitos do idoso estão previstos em legislação dispersa, em muitos casos em leis especiais, em que não se esgota o leque de direito dos idosos. O que está claro e se luta é em constituir um ponto de partida, com certeza incompleto, para que, através da mudança social, se insira um direito social digno para o idoso. Além disso que este ponto de partida seja adotado, de início, pela família.

Por fim, a ética da convivência social impõe, também, o dever moral de se educarem as novas gerações na convicção de que os idosos representam, além de outras virtudes, a de acumular um cabedal de sabedoria e de experiências que só a vida proporciona, como um valor indispensável e insubstituível que só os anciãos carregam. Eles são fatores de equilíbrio, tolerância e cometimento da vida familiar e na vida social. Sua experiência, portanto, tem que ser aproveitada, valorizada e estimulada. (Maciel, 1998).

Com base nesses últimos anos, observa-se a importância que tem tomado a temática da velhice. Atualmente, pretende-se contribuir com a articulação de uma política social que coloque o idoso em um lugar na sociedade onde ele possa sentir-se útil, com o intuito de procurar melhorar a sua qualidade de vida e a das pessoas que o cercam (como exemplo os grupos da terceira idade), a fim de ajudar a sua longevidade.

Com esta realidade, propõem-se concepções para que se redefinam modelos de conduta, redes de solidariedade e práticas sociais destinadas ao idoso, com a possibilidade de minimizar seu problema social. Para esses objetivos serem alcançados, é necessário partir tanto de dados empíricos, como recorrendo ao referencial teórico existente, para se tentar apontar soluções, visando à transformação de práticas sociais na expectativa de se criarem novas formas de sociabilidade sob a força das interações sociais.

É preciso que assuntos como estes sejam escritos, lidos, debatidos e sirvam de base para futuras legislações que ajustem a democracia à nova realidade de um mundo, pelo que vai além das nações, no qual surgem os donos do planeta, que manipulam a globalização econômica; também as organizações da sociedade civil que, nos planos local, nacional e global, lutam por justiça social e pela proteção da

natureza, pois as futuras gerações precisam ser respeitadas. (Vieira, 2001, 253-273).

Este trabalho justifica-se a partir da relevância da questão a ser enfocada. Como se dá a relação entre cidadania e vida material, na institucionalização dos direitos dos idosos?

Pressupondo-se que a terceira idade constitui uma nova expressão da cidadania democrática, discorre-se sobre o estudo do fenômeno da terceira idade e sua relação com a constituição da cidadania, percebendo as formas de solidariedade entre os idosos. Analisaram-se o processo de institucionalização e as suas histórias de vida com a construção da cidadania.

## **II – CIDADANIA DOS IDOSOS**

Esta pesquisa envolveu vida, cidadania, dádiva e institucionalização do direito, analisando as bases teóricas e empíricas. Fundamentou-se nos estudos desenvolvidos por: Moscovici (1995), Guareschi (1995), Jouchelovitch (1995), Zimerman (2000), Okuma (1988), Bosi (1987), Peixoto (1997), Kastembaum (1979), Vieira (2001), Santos (2000), Martins (2001), Mauss (2002), entre outros.

Autores consagrados como: Moscovici (1995), Guareschi (1995), Jochelovitch (1995) que tratam da teoria da Representação Social, dão contribuição na pesquisa, pois conferem a racionalidade da crença coletiva e sua significação, portanto, as ideologias, aos saberes populares e ao senso comum (Moscovici, 1995, 11) enfocando essas realidade das vidas dos idosos.

Já Zimermam (2000), Okuma (1998), Bosi (1987), Kastembaum (1979), (Peixoto 1997), entre outros, apresentam sua contribuição teórica, tratam a realidade dos idosos refletida nas condições de vida e nas formas de sociedade, no decorrer dos capítulos da pesquisa.

Se, como afirma Santos (2000), o projeto da modernidade é, essencialmente, identitário, reforça-se que essa concepção leva a uma ruptura radical com relação à

antigüidade prisioneira dos mitos religiosos e tradicionais dos idosos. Essa nova identidade racional e moderna jamais sairia do papel se não fosse contextualizada através da ciência, da política e da cidadania.

Vieira ((2001, p. 277), cujo cenário de reflexão é a crise do estado nacional, propõe a reinvenção dos conceitos de democracia (democracia cosmopolita), de cidadania (cidadania pós-nacional e multicultural) e de sociedade civil (sociedade global) de modo a servir de base para a construção de uma política alternativa a globalização hegemônica, neoliberal.

Com base em estudos realizados sobre os idosos, Mateus e Andrade (2001) constataram que se precisa de mais políticas adequadas que favoreçam a terceira idade, com a finalidade de proporcionar um envelhecimento de qualidade, ficando explícito o interesse pelo processo de envelhecimento. Já Passos (2001) percebeu que através de uma pesquisa etnográfica da realidade, sobre a acelerada densidade demográfica dos idosos, há uma nova abordagem da compreensão do processo de envelhecimento nos diferentes discursos institucionais, em que estão ligados à dinâmica das relações sociais que se estabelecem no âmbito das instituições voltadas para o idoso. Garbin e Marteka (2001) contestam que os idosos realizam as atividades por escolha pessoal, e estas são consideradas por eles prazerosas. Os idosos entrevistados valorizam a vida institucionalizada, porque continuam desenvolvendo comportamentos que a realização das atividades pode lhe favorecer socialmente, com intuito de auxiliar o desenvolvimento da independência e autonomia dos indivíduos.

Quanto à cidadania, (Janoski apud Vieira 2001, p. 33) destaca três vertentes teóricas: A teoria de Marshall acerca dos direitos de cidadania; a abordagem de Tocqueville/Durkheim a respeito da cultura cívica; e a teoria marxista/gramsciana acerca da sociedade civil. O desenvolvimento de uma teoria pertinente e cuidadosamente elaborada se faz necessário com vista a três metas principais, trazidas à realidade dos idosos de Petrolina que são: 1º) analisar os segmentos para sociais de Petrolina em uma perspectiva comparativa, de modo a auxiliar o o desenvolvimento dos direitos, sobretudo, os direitos de participação; 2º) explicar os aspectos da sociedade civil e da organização social, no contexto da teoria da

cidadania, que têm o fito de organizar reivindicações dos diversos grupos sociais e prevê os resultados dos conflitos das diversas bases ideológicas; 3º) compreender o texto de solidariedade que mantém o conjunto social. A cidadania do idoso presume a existência de uma sociedade civil inserida em redes e conexões entre pessoas e grupos e, ainda, normas e valores que exerçam papel significativo na vida social. Afinal, a cidadania desenvolve-se em comunidades de cidadãos responsáveis através da estrutura da sociedade civil.

Sob a ótica de responder a relação de cidadania com a democratização da terceira idade é interessante construir o conceito de cidadania a partir da noção de “direitos a ter direitos” proposta, há décadas, por Hanna Arendt, filósofa alemã, segundo Marshall, que considera três gerações de direitos e se acrescenta mais uma, que é sugerida pela sociedade civil (Marshall apud Martins, 2001, p. 18).

Percebe-se que na existência da cidadania democrática há três elementos básicos: a) a igualdade; b) diferença em sentido amplo; c) justiça social.

De início, vem a igualdade, dando uma idéia de universalidade para todos. Já a diferença permite observar alguns idosos que se sentem mais marginalizados que outros em razão da exclusão social porque passam, quer seja em suas famílias, quer seja na sociedade em que vivem. A idéia de justiça social, no reconhecimento da igualdade e da diferença, além da articulação entre ambas, procura, dessa maneira, resgatar o humanismo na elaboração da cidadania democrática, abrindo-se, com isso, o direito de o ser humano viver com dignidade com sua família, vizinhos, amigos, parentes ou com a sociedade.

Segundo Mauss, a dádiva dá a sua contribuição, pois ela se encontra presente nas origens das iniciativas espontâneas e o grupo de terceira idade é um exemplo que revela a presença de uma dinâmica humana incondicional que se reproduz mesmo sob o ataque da lógica individualista e utilitarista. Esta dádiva está presente como exemplo na sociabilidade (Caillé apud Martins, 2001, p. 28). Através de estudo sobre a dádiva, verifica-se que o bom direito constrói modelo de solidariedade que é de suma importância para a sociedade brasileira, pois as novas práticas associativas abrem um espaço de articulação que antes não existia, como o trabalho de

voluntários com idosos, utilizando práticas solidárias através das próprias comunidades, sabendo que essas iniciativas são espontâneas, ocasionadas individual ou coletivamente sem que haja necessariamente relação direta com as políticas estatais ou mercadológicas. Possibilita com isso o surgimento de uma esfera cívica e democrática inédita como referência (Martins, 2001, p. 20).

### **III – PERCURSO METODOLÓGICO**

Quanto à metodologia trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, pois retrata a investigação direta no ambiente social dos idosos, buscando entender a natureza desse fenômeno social, a partir da experiência de vida do próprio idoso. O universo estudado situa-se em Petrolina e versa sobre idosos e cidadania – o trabalho de reinvenção da vida - adquirindo-se conhecimentos de um fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de segmentos de idosos. (Lakatos & Marconi 1994, p. 98)

Foram utilizadas, prioritariamente, as técnicas de entrevista em profundidade e observação, sendo complementadas por outras técnicas. Após um agendamento prévio, procurou-se representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes nessa situação social, enfatizando a “interpretação em contexto” e retratando a realidade. Com a intenção de pesquisar o grupo de idosos, a amostra foi dividida em dois grupos: sendo 19 idosos entrevistados da casa geriátrica (asilar) e grupos de terceira idade do PSF<sup>2</sup> localizados no bairro José e Maria, em Petrolina, (lideranças dos grupos de 3ª idade e demais segmentos ligados aos asilos e grupos de 3ª idade), no período de agosto 2002 a setembro de 2003.

Cabe ressaltar que, com a manutenção do anonimato, o entrevistado não foi identificado, para tanto, recebeu um pseudônimo pelo qual será referido em toda pesquisa. Em atendimento à Resolução 196/96, utilizou-se o Consentimento Livre e Informado.

Passos da pesquisa:

---

<sup>2</sup> Programa de Saúde da Família



1º Levantamento bibliográfico sobre a 3ª idade, utilizando como instrumento a análise de conteúdo, baseando-se na definição precisa dos objetivos da pesquisa, abordando dados qualitativos para interpretação dos resultados, ligando-os ao arcabouço teórico-metodológico da ciência.

2º Caracterização das condições de vida dos idosos de Petrolina com a finalidade de atender aos objetivos do trabalho, abordando algumas identificações sobre os entrevistados, tais como: idade, nível de escolaridade, comportamento social, nível de renda, profissão, relação familiar, entre outros, procurando obter uma caracterização das condições de vida dos idosos.

3º Organização da Pesquisa de campo:

- Atividade etnográfica;
- Descrição do objeto do cenário, em estudo, com vistas à realidade atual;
- Preparação da pesquisa de campo através de:
  - Elaboração de roteiro de entrevistas, em profundidade, tendo em vista o tempo escasso para a defesa da dissertação, embora a história de vida dos idosos fosse um material excelente para uma tese de doutorado.

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com os idosos e pessoas do seu convívio, em vários aspectos (social, político e familiar), por considerar a importância do seu caráter de interação, a liberdade do percurso, partindo de questionamentos básicos e permitindo a espontaneidade necessária para o processo; questionário com familiares dos idosos, procurando dar uma caracterização e conceituação da evolução das experiências dos idosos (asilar ou grupos de 3ª idade).

Segundo Ludke & André (1986, p. 33), a entrevista é a forma imediata e corrente para adquirir informações, além de possibilitar o aprofundamento nos pontos de maior interesse.

As entrevistas foram documentadas através de gravações em fita K7 o que, na opinião de Triviños (1987, p. 148), tem a vantagem de manter a fidedignidade do conteúdo emitido oralmente pelo pesquisado. Após obtenção dos depoimentos,

iniciou-se a etapa de transcrição dos mesmos, mantendo a veracidade do discurso dos participantes. Em seguida, fez-se a classificação e, posteriormente, a categorização. Para tal, utilizou-se a análise do conteúdo segundo Bardin (2000). A interpretação do conteúdo temático foi efetuada à luz do referencial teórico.

Questões norteadoras:

O que é ser idoso?

- Como o idoso é visto pela sociedade?
- Quais as condições de vida do idoso?
- Quais as dificuldades enfrentadas durante a terceira idade?
- Quais os direitos assegurados e cumpridos em relação ao idoso?
- Quais as expectativas para o idoso em relação ao futuro?

- Estudo das representações dos atores baseadas nas histórias de vida dos idosos.

O estudo da representação será com a finalidade de se procurar constituir o pensamento, em um verdadeiro ambiente, em que se desenrola a vida cotidiana. Foi utilizado como instrumento a entrevista em profundidade, aberta ou não estruturada, na qual o informante abordou livremente o tema proposto através de uma conversa espontânea, sendo gravada para depois ser transcrita, e destacadas os elementos mais significativos, relacionando o que fazem, com quem compartilham, em se comportam em relação à sociedade como um todo e também com relação a sua família, atividades desempenhadas anteriormente, como trabalham com grupos de terceira idade.

Pela observação espontânea sobre a realidade dos atores sociais e seus próprios contextos, será possível captar uma variedade de situações ou fenômenos. Foram anotadas informações no ambiente social dos idosos, aproveitando o desenrolar dos acontecimentos, como também os questionários informais com pessoas ligadas aos idosos.

4º Análise do material

- Sobre as representações com o foco em: vida, cidadania e institucionalização (solidariedade) na perspectiva da dádiva e dos vínculos sociais.

O presente estudo contou com a participação do grupo do PSF do José e Maria (em média 32 idosos entre homens e mulheres) e da Casa Geriátrica (em média 35 pessoas entre homens e mulheres) e foram entrevistados 19 idosos com a idade acima de 60 anos. Desses idosos, a maioria era do sexo feminino (12) e a minoria do sexo masculino (7). Em relação à escolaridade, observou-se um baixo nível escolar; caracterizando-se, a maioria, com renda familiar de um salário mínimo. Quanto ao estado civil, pode-se identificar no Grupo de Terceira Idade do PSF José e Maria 10 idosos, 5 homens e 5 mulheres, que a maioria era viúvo (a), outros casados. Já na Casa Geriátrica 9 idosos, 7 mulheres e 2 homens, a maioria dos Idosos são solteiros e outros viúvos. Dessa forma, pode-se confirmar uma freqüência da realidade na velhice que é a viuvez. Ao questionar quanto à ocupação atual, percebeu-se que quase todos os homens e apenas poucas mulheres eram aposentados e as demais eram pensionistas. O padrão de relação interpessoal e familiar dos sujeitos dessa pesquisa foi classificado como bom, pois estavam convivendo, em sua maioria, com filhos já casados; somente alguns conviviam apenas com o seu cônjuge e poucos moravam sozinhos, principalmente os da Casa Geriátrica. A questão religiosa foi explicitada pelos idosos de forma bem natural e a maioria referenciou Deus em algum momento durante a entrevista. A preferência é pela religião católica.

Neste trabalho, procura-se estudar o fenômeno da terceira idade e sua relação com a constituição da cidadania, através das formas de solidariedade e história de vida dos idosos.

Esta pesquisa é composta de três capítulos. No I Capítulo “Representação Social e Terceira Idade”, enfocando-se o estudo da representação do idoso, na perspectiva de Moscovici e nas concepções teóricas ligadas ao estudo da velhice como Zimermam (2000), Okuma (1998), Debert (1994), entre outros. Procurou-se avançar com informações e esclarecimentos teóricos, metodológicos necessários para permitir uma crítica sociológica adequada, o que é a cidadania do idoso e em que

formas de solidariedade se insere a Teoria da Dádiva nos planos da Sociabilidade, (Martins, 2001), O estudo de Vieira 2001 com a constituição de uma sociedade emergente civil global que atua numa estrutura demográfica de mudança social. Para Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990), Santos (1994) a memória e a lembrança fazem parte do dia-a-dia dos idosos. Quanto às formas de solidariedade tradicionais teve-se contribuição de Foucault (2002), Woortmam e Woortmam (1999), entre outros, ilustradas através das falas dos idosos na realidade familiar, como também na região em que vive.

No Capítulo II, “A velhice nos dias atuais” há uma discussão sobre velhice, na perspectiva de vida dos idosos, condições de vida e saúde; depoimentos, que foram divididos em categorias de análise como ex: o poder de decisão dos idosos, degenerescência física e mental, desengajamento social e viuvez e, também, o drama da aposentadoria, os mitos com a colaboração de teóricos como Motta (1996), Almeida (1999), Veras (1999), Guerreiro e Rodrigues (1996), Kastembaum (1979), entre outros. Procurou-se avançar na pesquisa com o objetivo de relacionar a história de vida dos idosos e idosas.

Já no capítulo III, “A cidadania dos idosos” percebe-se a relação da velhice com a cidadania, envolvida na teoria da dádiva e solidariedade, sendo enfocados os direitos do idoso com a Nova Legislação, evidenciando a importância da convivência através de novas atitudes e o trabalho com grupos recebendo contribuições de: Vieira (2001), Simmel (1983), Martins (2001, 2002), Zimmerman (2002), entre outros.

## **CAPÍTULO I**

### **REPRESENTAÇÃO SOCIAL E TERCEIRA IDADE**

O sustentáculo teórico do trabalho encontra guarida em primeiro lugar, na contribuição de Serge Moscovici (1995) e, em seguida, Minayo (1995), Guareschi (1995), Jovchelovitch (1995), entre outros, no campo das representações, com isso, contribuindo para uma caracterização da representação do idoso com a finalidade de alcançar as metas do estudo.

#### **1.1 O ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA DE MOSCOVICI**

Para Moscovici, a teoria das representações sociais confere um papel à racionalidade e à crença coletiva, portanto, às ideologias, aos saberes populares e ao senso comum. (Moscovici, 1995, 11). Com esse ponto de vista fica claro que representação é reproduzir, repetir, reconstituir, retocar, um ser, uma qualidade, etc. (Moscovici, 1978, 58).

Representação social por tratar filosoficamente da reprodução de uma percepção retida na lembrança ou o conteúdo do pensamento. Nas ciências sociais é definida como categoria de pensamento que exprime a realidade, explicando-a, justificando-a ou questionando-a, enquanto imagens construídas do real. Representações sociais são um material importante para a pesquisa, pois elas demonstram o modo de trazer à realidade o mundo das idéias e seu significado no conjunto das relações sociais.

Durkheim foi quem primeiro utilizou o conceito de representação social no mesmo sentido de representação coletiva. Essas representações são um grupo de fenômenos reais, dotados de propriedades específicas que determinam as crenças comuns. É a sociedade que pensa que vive a consciência coletiva e a cultura. Observa-se que os termos “consciência” e “representações coletivas”, usados por Durkheim, têm o mesmo significado de cultura utilizado por antropólogos culturais

como Sapir, Malinowski e Kroeber. (Bohannan citado por Minayo no texto O Conceito das representações sociais dentro da Sociologia Clássica, 1995, 91-92).

As Representações Sociais findam por constituir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenrola a vida cotidiana. Assim sendo, a Representação Social é um conceito importante para o estudo, uma vez que ela constitui o dado empírico que propicia uma análise que leve a atingir, concretamente, a consciência, a atividade e a identidade de sujeitos situados sócio-historicamente. Representação social para Serge Moscovici:

É uma modalidade de conhecimentos particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. (Moscovici 1978, 26):

Para Jane Spink, a estrutura de uma representação é descrita a partir das categorias perceptiva e conceptual em busca da compreensão de uma vida social em construção, em que *os conceitos e as percepções são elaborações e estilizações secundárias, umas a partir do sujeito e as outras a partir do objeto*. (Spink, 1995, p. 118-119) São seus processos formadores o sentir e o perceber, como diz Moscovici, a objetivação e a ancoragem. Na opinião de Jovchelovitch a objetivação e a ancoragem são formas específicas pelas quais as representações sociais estabelecem mediações... das representações sociais na vida social. (Jovchelovitch 1995, 81). Moscovici considera a ancoragem como um dos processos formadores das representações, consistindo na integração cognitiva do objeto representado por pessoas, idéias, acontecimentos, relações, etc. Ancorar é classificar e denominar. (Moscovici, 1978, 173-74).

Emerge, com isso, a oportunidade de trazer ao conhecimento o desconhecido em uma realidade conhecida e institucionalizada.

Já a objetivação, outro processo constitutivo das representações, consiste em uma operação imaginante e estruturante pela qual se dá uma “forma” (ou figura) específica do conhecimento acerca do objeto, tornando concreto, quase tangível, o conceito abstrato. Para Moscovici (1978, 110-11), objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia ou ser impreciso, reproduzir um conceito em uma imagem.

Com a objetivação e a ancoragem observam-se as mediações existentes entre a vida social e a vida individual, tais mediações são as representações, estruturas simbólicas que se originam tanto na capacidade criativa do psiquismo humano, como das fronteiras que a vida social impõe (Jovchelovitch, 1995, 81-82).

Para Moscovici, nas sociedades contemporâneas, existem duas classes de universo de pensamento: os universos reificados e os universos consensuais. Ambos atuam simultaneamente para moldar a nossa realidade. Nos primeiros, bastante circunscritos, produzem-se e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral.

Os segundos dizem respeito às atividades intelectivas de interação social cotidiana, pelas quais as representações sociais são produzidas. A construção de significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo, cuja base é a realidade social. (Sá, 1993, 28-30)

Desse modo, se analisa o intrincado jogo simbólico, no qual está inserida a representação da velhice sob o referencial do saber do senso comum, entendido como um *“conhecimento legítimo e motor de transformação social”*. (Spink in Jochelovitch, S.C. guareshi, P. 1995, p. 119).

Schutz (1982) comenta que o termo senso comum é utilizado para se referir às representações sociais do cotidiano, tendo como referência à vivência cotidiana. A compreensão do mundo se dá a partir de um repertório de experiências, pessoais e de outros, predecessores, contemporâneos e sucessores. Ele tem como preocupação teórica o mundo do dia-a-dia, objetivando compreender os pressupostos das estruturas significativas da cotidianidade. A experiência pode ser comum a um grande número de pessoas ao mesmo tempo. O conhecimento é individual, consistindo na elaboração interior. Assim sendo, cada pessoa possui um conhecimento de sua experiência, atribuindo importância a determinados temas, aspectos ou situações, dependendo de sua história de vida (Minayo, 1995, 95-96)

Após tais considerações, serão apresentados alguns estudos realizados sobre a representação dos idosos inspirados nos elementos teóricos.

## 1.2 REPRESENTAÇÃO DOS IDOSOS

No campo das representações sociais do idoso constam os estudos de Zimmerman (2000), que apresenta a conceituação de velhice e do corpo, tecendo considerações sociológicas originais referentes ao processo de interação social. Outros autores deram importante contribuição neste campo, como: Minayo (1995), Okuma (1998), Moscovici (1995), entre outros.

Para Zimmerman, a Velhice é um fenômeno biopsicossocial, cujas manifestações variam ou dependem de momentos históricos e da sociedade em questão. Historicamente construído, o conceito de velhice emerge da dinâmica entre referenciais individuais e valores culturais, implicando uma ética, uma política e uma estética da existência. A ética, como fio condutor das ações do homem enquanto ser ativo, livre e pessoal, tem seu campo composto por dois elementos interrelacionados: o sujeito moral e os valores ou virtudes éticos (Zimmerman, 2000, p. 21).

Do primeiro, espera-se a participação e autodeterminação; do segundo, o expressar do modo pelo qual a cultura e a sociedade definem referenciais de ações positivas e negativas. Pensar e sentir a velhice e o ser velho emerge dessa composição entre objetividade e subjetividade, em direção à construção harmônica e bela de uma existência atualizada sob um (re)pensar de idosos sobre si mesmos, num contexto psicossocial (Zimmerman, 2000, 21).

A velhice é um tema significativo na sociedade. Seja como alvo de aceitação ou rejeição, essa etapa da vida se insere numa dimensão valorativa que mobiliza pensamentos, sentimentos, comportamentos em torno de práticas sociais.

As representações dos valores relacionados à velhice<sup>3</sup> vinculados ao físico, ao corpo, parecem ter assumido a forma social do conflito, organizado nos termos polares à velhice e juventude bem comentados por Zimmerman (2000, p. 28) A

---

<sup>3</sup> Entender o que é velhice e o que é ser velho não é uma questão de simples definição "Velhice não é uma concepção absoluta, mas uma interpretação sobre o desenrolar da existência. (Birman apud Veras, 1994, 30)



juventude representa uma visão bipolar do conflito – o lado positivo, enquanto a velhice se refere ao lado negativo. Há, no entanto, aspectos capazes de minimizar essa oposição radical, como por exemplo, características éticas como: simpatia, alegria de viver, bom humor etc. Quanto a isso, observam-se, nos discursos, atitudes e comportamentos, referências também à velhice interior e a velhice exterior nas variantes físicas, sociais e psicológicas.

Segundo Minayo as representações sociais devem ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais da vida. Nesse contexto, a visão de mundo dos diferentes grupos expressa as contradições e conflitos presentes nas condições em que foram engendradas (Minayo, 1995, 109).

Conflito é entendido como uma unidade em que se integram aspectos positivos e negativos. Para Simmel (1983, p. 27), as disposições conflitivas contêm, na sua essência, a união dos contrários. Até mesmo a noção central de sociedade se funda no conflito, responsável pela sua origem e mudança. A vida é curta e as modificações corporais acontecem rapidamente. De todo modo, o tema velhice foi disposto dentro de uma dimensão conflitiva.

Cada pessoa tem um retrato mental do seu eu físico, podendo considerar-se alta ou baixa, gorda ou magra, bonita ou feia, ou algo intermediário; passa, assim, anos aprendendo a viver com sua imagem corporal. O retrato que tem de si, afeta o modo de pensar sobre si como pessoa e, conseqüentemente, a sua interação com os outros. O esquema corporal é a representação mental do corpo, que deve se modificar sempre que este último se altera. Essas sucessivas transformações, tanto na forma quanto no conteúdo, nem sempre são acompanhadas de modificações no esquema corporal. Há, no cotidiano, a produção de uma imagem social do envelhecimento e da velhice de tal modo negativa, que idosos saudáveis e lúcidos não se reconhecem nela ou reconhecem a velhice apenas nos outros (Okuma, 1998, p. 13-14). Um estudo desenvolvido por Neri (1991) comenta a desvalorização do idoso nas sociedades atuais, demonstrando que tal preconceito é universal, ou seja, *“valoriza mais as perdas do que os ganhos”*. (Neri apud Okuma, 1998, 14)

Para Moscovici, as representações sociais, situadas na interface entre o social e o psicológico possibilitam uma compreensão das estruturas psicológicas em interação com o sistema coletivo de significações, visto que elas remetem a “um conjunto de conceitos, proposições e explicações, originado na vida cotidiana, no curso das comunicações interpessoais (Moscovici, 1995, 10-11)

Nesta perspectiva teórica, referir-se à velhice significa não só considerar a idade como realidade biológica, mas também como uma convenção sócio-cultural. As representações sociais do corpo envelhecido sofrem fortes influências de fatores ambientais e sócio-econômicos, à medida que proporcionam ou não a satisfação de necessidades básicas como saúde, alimentação, higiene, estimulação e proteção contra agravos; assim também como a sua aceitação referente à ocupação de espaços sociais. Para Okuma, o impacto da velhice dependerá dos recursos internos e das normas e relações sociais às quais está vinculado o idoso (Okuma, 1998-14).

Na verdade, observa-se que algumas idosas pesquisadas – sem negar a velhice e apresentando preocupação com a estética do corpo – parecem determinadas em não desistir da beleza e nem da competição no mercado sexual. Ao comentar o valor em torno do qual os homens constroem a especificidade de sua situação, assinalam a manutenção da lucidez como idéia básica de reconhecimento de que já não se é jovem. Sobre o tema comenta Debert: “*Diferentemente das mulheres, os homens não distinguem entre o processo biológico e o espírito, que poderia resistir à velhice, retardá-la ou dar-lhe nova direção*”. (Debert, 1988, p. 65)

Ao se falar em interioridade sobre a velhice, percebem-se aspectos positivos e negativos. Quanto ao negativo, como exemplo, é encontrado o sentimento de solidão. Este sentimento remete à realidade como a da aposentadoria, a do relacionamento familiar, a da viuvez. Algumas vezes, os velhos são despojados de seu papel de dono e dona de casa, perdendo coisas, espaços. A aposentadoria afasta o idoso do convívio com colegas e o deixa mais de oito horas de tempo vazio. E, em outras situações, acontece o contrário, os velhos passam a ser o sustento e o centro das atenções sem se dar conta da solidão. Embora a solidão seja categoria associada à velhice, não será aprofundada nesse trabalho.

Enfatiza-se, ainda, que a questão do idoso se faz presente a nível mundial. Segundo Vieira, (2001, p. 277), atualmente existe, em andamento, um processo de constituição de uma emergente sociedade civil global, que atua num incipiente espaço público transnacional. Parece sugerir que modificações na estrutura demográfica levam a uma mudança na mentalidade e nas atitudes sociais em relação à velhice, em que se observa o preconceito e a degradação contra ela, ao mesmo tempo em que se evidenciam focos de resistência, indicando que talvez a quantidade possa intervir na qualidade.

O número de pessoas com mais de 60 anos cresce no mundo todo. No Brasil, os mais velhos somam hoje cerca de 14 milhões de pessoas. No ano de 2025, esse número subirá para 33 milhões de brasileiros. ( Fonte: ONU, IBGE, US news-2000)

Para Santos, na sua perspectiva teórica, referir-se à velhice significa não só considerar a idade como realidade biológica, mas também como uma convenção sociocultural, que, à semelhança de cada uma das diferentes etapas do desenvolvimento, corresponde a papéis sociais, valores e expectativas específicos que interagem na construção da identidade dos sujeitos idosos. (Santos, 1994, 123)

Quando se trata de explicitar a representação social que se tem do velho, Santos destaca dois modelos não-excludentes. No primeiro, ressaltam-se a experiência, a realização e a sabedoria alcançadas pela idade. Esses ganhos adquiridos ao longo dos anos, levam a velhice a ser percebida e tratada como uma fase da vida marcada pela ausência de dúvidas e conflitos. Essa fase da vida, definida pelo critério cronológico, seria, então, o momento de entrada da velhice no qual a realização pessoal, tendo sido alcançada, garantiria um período de calma, paz e tranquilidade para desfrutar o tempo livre. As lembranças do passado operam como conhecimentos acumulados para serem transmitidos às novas gerações. O segundo modelo é marcado por um sentimento de perda. A entrada na velhice, aqui, é caracterizada por modificações subjetivas do tipo sentimento de improdutividade, falta de interesse pela vida e sentimento de inadaptação. A idéia de improdutividade, associada ao marco cronológico da idade avançada, faz ressaltar a incapacidade física e mental, levando a uma perda de autonomia e desvalorização social. É um corpo velho, doente e impotente que afasta o outro. A inutilidade, a perda de

respeito, a solidão, o desprezo são expressões do sentimento de perda que o velho suscita e vive. (Ibid, 123-131)

Representações sociais é um tema amplo. Destarte, a realidade social, a nível mundial, parece sugerir que modificações na estrutura demográfica levam a uma mudança de olhar e de atitudes sociais em relação à velhice, observando-se o preconceito contra ela. Ao mesmo tempo, evidenciam-se focos de resistência, sendo importante a conscientização das dificuldades próprias a esse respeito e a motivação para reagir à pressão exercida pela opinião pública. No entanto, têm se constatado também espaços em que o idoso parece vir se redefinindo em busca da criação de novos modos de vida, de novas formas de sociabilidade, assunto que será explanado mais adiante.

Baseado neste raciocínio, é intenção entender o significado da velhice a partir da compreensão de como ocorre a representação social da Velhice. É preciso dizer que quando alguém representa algo, no qual está contido, ao mesmo tempo se representa. Em seguida, ter-se-á oportunidade de encontrar elementos de uma sociologia da vida cotidiana através da memória do idoso.

### 1.3 REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA

O estudo focaliza o hoje de um grupo social da casa geriátrica de Petrolina e o grupo de terceira idade do PSF José e Maria que, como os demais, vive tensões específicas a cada momento de sua história, desenvolvendo sentimentos específicos sobre suas experiências, alternando conceitos, elaborando versões que são assimiladas e traduzidas em comportamentos. Importante ressaltar que no (re)pensar dos idosos formadores desse grupo, estão presentes as idéias respiradas na juventude. Por este motivo, discorre-se um pouco sobre a questão do tempo e da memória, apesar de não serem esses os elementos principais da pesquisa.

Tem-se a contribuição dos teóricos Halbwachs, (1990), Bosi (1994), Kastembaum (1979) entre outros, que trazem para essa pesquisa assuntos ligados à representação e à memória, como o tempo. Procuram demonstrar que as marcas do

passado são formadas tanto pela memória individual quanto por valores coletivos, atuando como elementos significativos na construção de representações sociais e, conseqüentemente, no comportamento social. Faz-se necessário, mesmo que de maneira superficial, situar o estudo, para a memória dos idosos.

Dentre as diversas idades do homem, a fase do envelhecimento deve ser um grande momento de reavaliação temporal. A idade madura parece direcionar o indivíduo à questão da temporalidade, para o reconhecimento de que o mundo da convivência social se localiza no presente. O presente, significando o tempo da ação imediata, encenando implicações passadas e futuras.

Para Habwachs o tempo faz geralmente pesar sobre todos um forte constrangimento, seja quando se considera muito longo um tempo curto. De várias formas, ele pode vir expressado: por um aborrecimento, um momento de pavor, terror, ou talvez um momento que não agrada na infância, na velhice, do nascimento à morte. Outra situação é de momentos longos que parecem acabar logo, como fazer uma coisa que gosta, que se tenha prazer, etc. O tempo, fixa o sentido da trajetória do ser, modifica a significação do passado e do presente. Entendendo o tempo, conclui-se que o futuro, por tratar-se de uma dimensão conjectural, é apenas sonhado, mas é o temido por conter a morte. Para Habwachs... *“as datas e divisões astronômicas do tempo estão encobertas pelas divisões sociais de tal maneira que elas desaparecem progressivamente e que a natureza deixa cada vez mais à sociedade, o encargo de organizar a duração.”* (Habwachs, 1990, 90).

Por essa razão, para os idosos desta pesquisa, em sua maioria, evidencia-se a importância do tempo. Para eles e para as pessoas que os cercam, o tempo revela a maturidade, a vivência. Querer bem à vida, faz parte do tempo. Para o idoso é importante, como diz Habwasch, “saber então com o passar o tempo” (Habwachs, 1990, 92).

Bergson traz comparações sobre o tempo dos indivíduos, exemplificando pelo tempo de uma criança e de um velho como o tempo é diferente em questões e ritmo da vida. O da criança é repleto de impressões, observações múltiplas, na fase do

querer conhecer tudo; já para o velho, tudo é mais lento, guardou a lembrança, de sua vida de criança, acredita que até o tempo corre mais lentamente. (Bergson apud Halbwachs, 1990, 93-94).

O tempo do indivíduo se constrói a partir do tempo biológico e do tempo social, sendo ele repleto de funções míticas dos rituais e tradições. O tempo individual remete à finitude, à história e à continuidade da sociedade. A vivência do tempo biológico assenta-se em um presente que engloba implicações passadas e futuras. O passado diz respeito, além da herança biológica que está implícita, aos ritmos fisiológicos que carrega as informações de cada pessoa. O envelhecimento biológico que poderá ser considerado negativo ou não, e ser sentido como perda ou como ganho. (Kastenbaum 1979, p. 8)

A vivência temporal se orienta de acordo com um registro de significações, suscetíveis de mudanças, pois embora o homem crie o tempo, não o determina. Não é o tempo que passa e, sim, as coisas que se sucedem em cada ser ou fora dele. O tempo, por ser determinante de um acontecimento, como exemplo a velhice, a impressão de que o isso decorre das representações sociais construídas de lembranças presentes e lembranças de vivências passadas.

A memória, como repositório das lembranças, é fluida e transita entre eventos de épocas emocionais que podem ter 20, 30 anos, alguns meses ou alguns dias. O acúmulo de informação, retido pelo cérebro no decorrer do tempo, reverte-se em lembranças guardadas no universo da memória, sendo a memória o receptáculo das lembranças. Para Bergson, a memória é responsável pela retenção do conhecimento necessário para que o indivíduo desempenhe suas atividades cotidianas, a partir de referenciais culturais que sedimentam sua formação. Aos dados do presente se misturam dados do passado, que alteram o sentido original do recebido para o percebido. (Bergson apud Halbwachs, 1990, 95-96).

Posição diferente da de Bergson encontra-se em Maurice Halbwachs que parte do princípio de que toda lembrança é resultado de vivência social, colocando que tudo o que foi experimentado no passado, quando vivenciado em grupo, deixa marcas bem mais fortes. Desse modo, a lembrança não seria algo estável e puro, podendo ser

resgatada em seu sentimento original, mas seria uma representação construída a partir dos valores coletivos vigentes no momento da experiência. O resgate dessas lembranças assume imagens diferentes. Cada vez que solicitado, o indivíduo lembra estar sempre, através das modificações da vida, recordando-a de forma diferente. No caso da memória de velhos isso é mais acentuado, pois quanto maior a distância temporal do fato lembrado, maior a probabilidade de variações no contexto social, resultando em uma representação mais diversa, pois são os valores do presente que dão outra perspectiva ao que foi vivido no passado. (Halbwachs apud Bosi, 1994, 64).

Ecléa Bosi (1994), falando de velhos socialmente menos participativos questiona se nos idosos a percepção teria menos o efeito do presente e mais do passado, efeito das lembranças, por retratarem momentos de participação, misturados a aspirações não realizadas. Nesse sentido, as lembranças prestariam o serviço de conservar o passado na forma que é mais agradável a quem o recorda, e que, por vezes, comporta-se sem preocupação com a ação. Segundo o pensamento de Willian Stern, citado por Bosi (1994:68) a pessoa conserva as imagens do passado, podendo alterá-las conforme as condições concretas de seu desenvolvimento. A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado.

A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada. Acredita-se que as marcas do passado são formadas tanto pela memória individual quanto pelos valores coletivos. O passado pode ser trabalhado qualitativo e quantitativamente. Ele pode ocupar quase todo o espaço mental do idoso como acontece com alguns idosos da pesquisa, que estão na casa geriátrica por abandono e também os idosos enfermos que preferem viver do passado.

É de suma importância valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens como meio de garantir a continuidade cultural. Relembrar o passado é uma ocorrência natural da vida de cada um que parece se acentuar à medida que se envelhece. Com o passar dos anos, as pessoas vão registrando na memória fatos de toda natureza, o que constitui um verdadeiro patrimônio de informações e de valores culturais que, se não for

registrado, será perdido, causando prejuízo às novas gerações (Souza<sup>4</sup>, 1999, 107-108)

Compreende-se que as atividades das lembranças forem conduzidas de maneira adequada, elas podem e devem ser incorporadas à rotina de diferentes estabelecimentos e resultar de benefícios ao indivíduo e à sociedade. Já existem projetos que tratam deste assunto em que os idosos levam às escolas o seu conhecimento cultural, artístico e afetivo e com essa integração a sociedade só tem a ganhar. Existe um projeto de reminiscência, em 1994, que faz essa integração de saúde e educação com intensa participação comunitária como comenta Elza Souza no texto reminiscências – As lembranças como patrimônio social (1999, 108).

Na realidade de Petrolina, precisamente no grupo de terceira idade do PSF José e Maria, os idosos já se integram com algumas instituições sociais. Como exemplo: na parte cultural, eles levam às escolas suas danças, seus costumes, sua culinária que passa de geração em geração.

A seguir, serão comentadas as representações e as formas de solidariedade tradicionais direcionadas à região e à família em que vivem.

#### 1.4 REPRESENTAÇÃO E SOLIDARIEDADES TRADICIONAIS

Esse estudo parece, portanto, apontar na direção de uma representação social tradicional, a qual organiza e serve de referência à construção de identidades diferenciadas entre idosos e idosas. As reflexões desta pesquisa que serão neste subtítulo esboçadas, permitem extrair implicações no âmbito teórico.

Para Almeida, a idéia de desenvolvimento ao longo da vida, articulada em torno das noções de maturidade e sabedoria, pressupõe o gosto pelas coisas simples do cotidiano, o engajamento ativo nos desafios que ainda são possíveis de serem

---

<sup>4</sup> Elza Maria de Souza. Médica especialista em geriatria e gerantologia pela Universidade de Southampton, Inglaterra e mestra em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília e Coordenadora do Programa de atenção integral a saúde do idosos da Fundação Hospitalar do Distrito Federal.



enfrentados e, por conseqüência, a consideração da plasticidade limitada do ser humano diante das situações que a vida apresenta. Assim, a recente psicologia e sociologia do envelhecimento, ao pressupor um equilíbrio entre ganhos e perdas, quando os objetivos perseguidos ultrapassam os recursos biológicos disponíveis, deve incorporar o estudo das representações e práticas sociais que a ela se vinculam, no sentido de compreender, mais amplamente, os processos que podem limitar ou acelerar o envelhecimento. As representações de gênero, ao definir papéis e lugares sociais distintos em função do sexo, modulam e flexibilizam as representações de envelhecimento e aposentadoria – ambas fortemente arraigadas na tradição e normatizadas por crenças e valores sociais – entre homens e mulheres. (Almeida, 1999, 130)

Contribuíram para a pesquisa estudos que trabalham com representação social do idoso, tratando de formas de solidariedade tradicionais, enfocando em particular a família e a região onde vivem. Temos a contribuição de Almeida (1999), Woortmann e Woortmann (1999), França (1999), entre outros.

#### **1.4.1 – O idoso no Nordeste Rural**

Já que o tema central da pesquisa propõe concepções da terceira idade em que redefinam modelos de conduta, redes de solidariedade e práticas sociais destinadas ao idoso, faz-se necessário recorrer a referências teóricas existentes, enfocando, com este tema, a realidade das formas de solidariedade tradicionais e, mais adiante, as novas formas de solidariedade. A intenção é examinar a condição de velho em sociedades tradicionais, partindo das experiências de teóricos na área rural, no Nordeste e também com o grupo estudado, o grupo de terceira idade do PSF José e Maria e os idosos da Casa Geriátrica – Instituição Asilar de Petrolina. Entre os idosos em estudo, observa-se que o velho, na maioria dos casos, principalmente quando tem o poder econômico, é detentor de autoridade na família e na comunidade em geral.

Para Woortmann e Woortmann (1999, 134) em seu texto sobre velhos camponeses, no Nordeste, o velho é aquele que já não é capaz de trabalhar na lavoura com a mesma intensidade que o pai-de-família mais jovem, independentemente da idade

cronológica. No entanto, aquele mesmo velho pode continuar, “governando” o trabalho de seus filhos.

Telpicht comenta que a família passaria, então, por um ciclo evolutivo que começaria com um casal jovem e seus filhos pequenos, isto é, um estágio no qual há mais unidades de consumo que de produção; chegaria a um estágio de grande produtividade, em que os pais contam com o trabalho dos filhos já “rapazes”, para usar a expressão dos sitiantes; finalmente, com o casamento e a saída dos filhos, chegaria a um estágio final de baixa produtividade e dependência com relação aos filhos adultos jovens. (Telpicht apud Woortmann e Woortmann, 1999, 135)

Já Galeski (apud Woortmann e Woortman 1999, p. 135) desenvolve o conceito de *workteam*<sup>5</sup>. Este modelo, contudo, possibilita acompanhar a trajetória de participação de cada membro no *workteam familiar*. Ver-se-á então que o velho passou por todas as posições, dentro de sua situação de gênero. Uma vez velho, poderá não mais realizar o trabalho físico; ou poderá não mais precisar realizá-lo. No entanto, já fez tudo, passou por todas as modalidades de emprego de força de trabalho e acumulou experiências e saberes.

Estes teóricos, de uma maneira geral, evidenciam o modo de vida dos idosos em sociedades tradicionais, envolvendo os idosos do Nordeste. No passado, segundo relatos, faziam-se presentes tensões em função da “tirania” e de “pais carrascos”, os filhos e netos muitas vezes levando-os a fugir de casa. Mesmo o pai podia levar ao extremo sua autoridade, como comenta Woortmann e Woortmann (1997, p. 91). Os idosos entrevistados dessa pesquisa em relação a esse assunto, são, em geral do sexo masculino, e atualmente, vivem na zona urbana com comportamentos tradicionais. Mas novos modelos de velhice estão florescendo, apontando para a desvalorização do idoso.

---

<sup>5</sup> *Worteam* significa a família que forma uma unidade de trabalho por complementaridade, levando em consideração as peculiaridades de cada membro – crianças, jovens, adultos e velhos; homens e mulheres. (Woortmann e Woortmann, 1999, p. 135)

Diante do exposto, em referência a teóricos anteriores, enfocam-se depoimentos de alguns idosos entrevistados que fazem parte do grupo de terceira idade do José e Maria, um deles relata:

*“Fui até ele (um dos principais fundadores do bairro) porque o povo o considerava um dos mais antigos do local (bairro José e Maria<sup>6</sup>), pois tinha chegado quando a região ainda era habitada somente pelos invasores, da Favela do Papel. Segundo o pessoal ele havia ajudado muita gente nos anos que precederam o conflito entre os posseiros e os proprietários dos terrenos, arriscando sua própria segurança para salvar os invasores da Favela do Papel como era conhecida”. (IDOSO PSF P)*

Para os idosos, o principal acontecimento que marcou a memória dos idosos desse bairro foi a luta entre a comunidade, que lá vivia há algumas gerações e os donos do terreno, hoje, bairro José e Maria que desejavam desalojá-los. São considerados velhos fortes aqueles que participaram da luta contra a reintegração de posse, por vezes arriscando sua vida e assim contribuíram significativamente para a continuidade da comunidade. Isto se deu no início da década de 20 e 30. Nesta época, as pessoas entrevistadas não eram idosos.

Ponto de vista dos moradores da comunidade José e Maria onde está presente o grupo de terceira idade do PSF José e Maria. Enfocando o estilo tradicional. Para eles quem participou do conflito em defesa da comunidade é forte, mesmo que mais velho que outros e mesmo com a saúde debilitada. Já aqueles que se omitiram ou tomaram o partido dos donos dos terrenos são percebidos como fracos. Um caso significativo relatado por moradores do bairro é o da senhora (IDOSA PDF Q) que, além de fundadora, “foi uma brava lutadora”. Hoje ela é hanseniana.

Outro idoso da comunidade, o (IDOSO PSF R), cego desde os 25 anos de idade, é estimado e respeitado pela população. Embora não tenha participado diretamente do conflito, sempre apoiou a comunidade. É visto como forte, apesar da cegueira e da idade (embora, em outro registro, seja fraco, porque depende agora do trabalho

---

<sup>6</sup> Bairro localizado na região suburbana de Petrolina-PE, que antigamente era chamada de Favela do Papel, pois eram terras particulares que aos poucos as pessoas foram invadindo e se apossando.

do filho). O prestígio deles não nasceu de uma hora para outra e está ligado à história da comunidade, estória de luta.

O (IDOSO PSF S) é conhecido como o “Velho Chico”. Ali o termo “velho” é um título, apenas indiretamente relacionado à idade. É o caso de um senhor que, além de ter lutado pela manutenção das terras da comunidade, que hoje é o bairro José e Maria, foi também acumulando o saber que o tornou um curador poderoso, conhecedor da força das plantas

O (IDOSO PSF T), ao contrário de seu irmão, cronologicamente mais velho, continua sendo chamado apenas pelo prenome e é um personagem secundário para a comunidade. Já seu irmão, aquele curador, merece o título de “velho”, como forma de reconhecimento público. Sentado em sua cadeira, à sombra da árvore de nome Ficus na calçada, tendo em volta crianças e adultos sentados no chão, ele ensina aos mais jovens, distribui conselhos, administra poções e “garrafadas”. É a ele, e não a outros cronologicamente mais idosos, que todos na comunidade pedem a bênção. Já no mundo suburbano, contudo, o velho encarna a continuidade da comunidade, à medida em que transmite normas, saberes e valores aos Jovens. Ao contrário dessas experiências acima relatadas no mundo urbano individualista, pessoas idosas não possuem status elevado. São tratadas como irrelevantes pela sociedade. A condição de velho, portanto, não é dada simplesmente pela idade e a categoria “velho” não existe em si, no contexto social, cultural e histórico com a mesma idade, mas são igualmente velhos; tudo depende da história de vida de cada um. (Woortmann e Woortmann, 1999, 140)

Na família suburbana da Região Nordeste, como é o caso dos idosos dos grupos de 3ª idade do PSF do bairro José e Maria, funções distintas são ligadas a idades distintas. O conhecimento é passado pela gradativa iniciação dos mais jovens ao saber necessário ao trabalho agrícola e esse processo envolve a inculcação de normas específicas, valores morais e hábitos. O conteúdo de tal conhecimento é a experiência acumulada de gerações passadas. Embora possam existir tensões, como já foram das registradas antes, o velho é o guardião da memória e da tradição, do saber acumulado, da identidade do grupo.

### 1.4.2 Família e Velhice

A família é responsável pela educação na fase mais sensível e vulnerável da evolução humana. A saúde de uma sociedade depende da estrutura das famílias que a engendram. Os que condenam a família como instituição autocrática, a definem como uma escola de submissão, obediência a resignação, que acarreta no futuro cidadão uma necessidade de poder acrítico e resignação, que acarreta no futuro cidadão uma necessidade de poder acrítico e ideal venerável e imitável. A relação do jovem com a família é um misto de sentimento profundo e necessidade de liberação. Porém, generalizar em conceito e características é um erro considerável, pois as exceções existem em todas as regras. Mas não se pode desconsiderar a importância primária da família e, se quiser zelar pelo bem-estar da nação, com a formação de líderes que despontem de uma juventude sadia, deve-se obrigatoriamente preocupar-se com a responsabilidade individual e coletiva na formação familiar. O planejamento familiar não deve ser somente artifício para o controle de natalidade, mas, sim, uma disposição de toda uma sociedade no sentido de aperfeiçoar a sua prole.

As críticas à família não são destituídas de razão, porém, condená-la e estimular a sua desagregação, transferindo suas prerrogativas para qualquer outra instituição, é um erro crasso. A família é insubstituível na formação do caráter humano. Os desacertos são produtos da inerência contraditória do ser humano, que se acredita estar em fase de superação com o desenvolvimento da consciência individual de que tudo pode dar certo, desde que se estejam dispostos a prevenir-se contra toda malevolência. Além dessa mudança individual, conta-se com o auxílio das observações das ciências humanas que podem orienta-se sobre os dispositivos da mente humana, facilitando na decisão de como conduzem-se as relações familiares.

A família é a célula mater da sociedade. No entanto, o momento é de renovação. A rebeldia dos jovens não pode ser vista de maneira pessimista. Todo problema visível é mais fácil de resolver. A estrutura familiar antiga oprimia e restringia muito a liberdade individual de seus membros.

(Moraes, 2004, p. 1)

Devido ao caráter distinto desse nosso momento transitório, acredita-se e ajuda-se a construir a emergente sociedade baseada na estabilidade familiar, na cooperatividade e na freqüência da participação da juventude, que vai constituir-se nos idosos do amanhã e que apoiem os idosos atuais.

Por ser a família uma instituição de base de cada indivíduo tem-se a oportunidade de focar com este tema como esta instituição utiliza maneiras tradicionais de proceder, como os velhos na expectativa desta pesquisa contribui com a construção da cidadania do idoso.

A família não é apenas um empreendimento econômico. Ao longo de sua história de vida, o pai-de-família acumula pelo saber-fazer<sup>7</sup>, um patrimônio de conhecimento relativo à natureza (solos, plantas, animais) e a relações sociais (práticas e estratégias de comercialização, por exemplo), assim como um capital social, dado por relações de parentesco e compadrio, ou por relações de patronagem ou políticas, fundamentais para a reprodução social da família e da comunidade como um todo. Entre os idosos nordestinos, principalmente os idosos desta pesquisa os que integram o grupo de terceira idade do PSF José e Maria e os que moram na casa geriátrica vêm de uma sociedade patriarcal, onde o pai é o dono do saber. Percebe-se que é pela acumulação e renovação desse saber que alguém se torna pai-de-família ou mãe-de-família<sup>8</sup>. De um lado, é pai-de-família em sentido pleno aquele que soube transmitir ao filho o saber da lavoura e da criação de gado. É mãe-de-família aquela que transmitiu à filha os saberes relativos ao espaço da casa, que fez dela uma nova dona-de-casa. Esses saberes são adquiridos por transmissão e pelo fazer. (Woortmann e Woortmann, 1999, 135).

De uma forma geral, as famílias dos idosos do alto sertão nordestino, precisamente do grupo terceira idade do PSF do José e Maria, embora de maneira superficial demonstra um comportamento patriarcal, na figura do pai, seu chefe de família.

---

<sup>7</sup> Há saberes que são independentes das ciências (que não são) nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (Foucault, p. 2002, p. 207)

<sup>8</sup> O primeiro governa o espaço do roçado; o segundo é o agente de saúde do grupo doméstico e, nessa qualidade, detentor do saber relativo à comida adequada e ao tratamento de enfermidades. Esses saberes são adquiridos por transmissão e pelo fazer. (Woortmann e Woortmann, 1999, p. 135)

Constata-se que a forma de organização familiar tradicional ainda prevalece na região. Não é à toa que a reputação de boa parteira<sup>9</sup>, por exemplo, é reservada a mulheres já de meia idade, ou velhas, que tiveram elas mesmas muitos filhos e souberam cuidar de sua saúde, além de terem aprendido com outra parteira mais velha. Não é de estranhar, pois, que enfermeiras ainda jovens e solteiras, que nunca tiveram filhos, não sejam bem aceitas em seu aconselhamento para com mulheres do campo, como se pode observar com relação às famílias dos idosos. Aquelas enfermeiras não possuíam a legitimidade da experiência pessoal na transmissão do saber. Neste caso específico, seu próprio corpo não experienciou o parto. Falta-lhes, aos olhos da comunidade, a experiência que vem com os anos de fazer. (Ibid, 136)

De acordo com relatos de alguns idosos do grupo terceira idade do PSF José e Maria, a certa altura do ciclo de vida, o pai já não terá o vigor físico necessário para o trabalho na roça. Sob esse ponto de vista está velho, mas, como já foi abordado anteriormente, ele continua com o governo da atividade agrícola, mesmo não morando mais na zona rural, decidindo o que, como, onde e quando plantar. Os filhos rapazes, e mesmo homens casados, já iniciaram suas migrações temporárias para outras regiões do País, ou outros municípios equidistantes, ou até mesmo continuam cuidando do roçado do pai, embora tenham seu pedaço de chão, como relatam o idoso M e o idoso S

*“Meu fio, que cuida da roça já não tenho mais força... mas sempre ele vem prestar conta comigo e aprender mais um pouquinho”* (IDOSO PSF M)

*“Um dos meus fios, tá no sul, o outro cuida no meu lugar do roçado e assim, eles tocam a vida, embora cada um tem seu sustento próprio...”* (IDOSO PSF S)

Na verdade, essas migrações são parte do processo que, entre os nordestinos, transformam o rapaz em homem. Viajando para outros lugares, aprendem novas técnicas ou conhecem novas variedades de cultivares desconhecidos por seus pais. Contudo, como o velho é o detentor social do saber, a inovação poderia contrariar sua autoridade. Não é isso, porém, que acontece, pois a inovação é como que filtrada pelo modelo de saber tradicional, como que traduzida para a cultura

---

<sup>9</sup> Pessoas que fazem parto em mulheres nas suas próprias casas, na qualidade de obstetras só pelo conhecimento empírico.

tradicional, conforme foi examinado em estudo no texto Velhos Camponeses da autoria de Woortmann. Além disso, a inovação é experimentada numa área reservada da Roça<sup>10</sup>. Se der certo – e se for aprovada pelo pai – poderá ser integrada às práticas agrícolas do grupo doméstico. Assim, neste caso a novidade não solapa a hierarquia familiar; pelo contrário, reforça-a (Woortmann e Woortmann, 1999, 136).

Esse comportamento é comum nas famílias tradicionais do Nordeste Brasileiro, pois de acordo com os valores dos idosos, para eles cada um deve ter seu sustento, embora atualmente isso não vem acontecendo com frequência pelas famílias, acredita-se que seja pelas dificuldades da vida econômica, conforme já mostrado anteriormente por Woortmann (1999).

Ainda nessa direção pode-se citar França ao abordar, a situação do velho, nas áreas rurais desde algumas décadas atrás, afetada por uma inovação trazida pelo Estado: a aposentadoria rural, mais conhecida por FUNRURAL<sup>11</sup> (este assunto se encontra mais adiante). Importância pequena, para padrões urbanos, mas uma renda fixa e segura recebida pelos “velhos”, suficiente para manter as relações hierárquicas da família. Nos denominados “tempos de chuva” no sertão, em que a subsistência básica da família é obtida pelo trabalho no roçado e por uma eventual criação de animais, essa renda supre a família com outros bens, tais como remédios, roupas, instrumentos de trabalho, uma bicicleta, etc (França, 1999, 26) .

Diante da insegurança financeira, muitos dos idosos precisam continuar a trabalhar para manter o padrão de vida que tinham ou mesmo sobreviver com o mínimo de dignidade. Já nos tempos das recorrentes secas do Nordeste, o dinheiro de um aposentado ou aposentada pode ser capaz de garantir a sobrevivência de toda a família. Então aquele definido cronologicamente como “velho”, torna-se para efeito de aposentadoria, “arrimo de família<sup>12</sup>”. De fato, há idosos que ainda trabalhavam aos setenta ou oitenta anos de idade. Observando-se os idosos, aqueles dos grupos de terceira idade do José e Maria e da casa geriátrica, constatam-se ainda que

---

<sup>10</sup> Na região do Vale do São Francisco os sítios recebem o nome de “roça”

<sup>11</sup> FUNRURAL – Fundo de Aposentados Rurais

<sup>12</sup> Esteio da família, quem sustenta a família (conforme entrevista da Revista Veja)



vários dos idosos têm condições para o trabalho. (Grecco, abr. 2002, p. 68) Sheila Revista VEJA, 3 de Abril 2002, p. 68, ed. Abril)

Numa época de desemprego e recessão, o idoso aposentado passa, na maioria das vezes, a garantir o sustento de toda família, reproduzir melhor o patriarcalismo. A aposentadoria rural abriu novas dimensões na vida dos velhos, dimensões essas que reforçam sua autonomia, afastando o fantasma da dependência para com os filhos. Algumas falas dos idosos entrevistados do grupo de terceira idade do PSF do José e Maria e da Casa Geriátrica, reforçam a temática em questão, de que o velho, agora, se doente, pode comprar seus medicamentos. Como disse um idoso aposentado:

*“Graças a Deus, posso ficar doente; Já tenho garantido da farmácia”.* (IDOSO PSF M)

Se a preocupação do velho aposentado se centra em saúde, a de sua esposa aponta para a melhoria da qualidade de vida da família como um todo:

*“Está certo, eu não posso mais trabalhar (na roça) como antigamente. Mas pode escrever aí, sou eu quem compra tecidos, os sapatos, para um e para outro, uma panela, o uma TV; cada vez que busco o dinheiro da aposentadoria (no centro) trago sempre alguma coisinha”.* (IDOSA PSF N)

Recentemente, esta senhora (IDOSO N) que faz parte do grupo de terceira idade do José e Maria “abriu uma poupança”, fato inédito na família. Confidencialmente, disse que tal poupança deveria assegurar que tanto ela quanto “seu velho” tivessem “um enterro direito”, sem comprometer o orçamento da família do filho. Até na morte queria ser independente.

Para a maioria dos idosos, é com o dinheiro da aposentadoria que o velho proporciona maior conforto para a família, com a compra de um aparelho de televisão, uma máquina de lavar roupa, um freezer; etc. – nunca, porém, à prestação; acumula-se o dinheiro até atingir o montante necessário.

Comentam Woortmann e Woortmann que, dificuldades sérias podem surgir quando os velhos perdem o controle sobre esses recursos. Sem condições de saúde para receberem eles mesmos o dinheiro da aposentadoria, são obrigados a delegar esse recebimento a algum filho. Podem surgir, então, suspeitas de que o dinheiro seja utilizado pelo filho para fins não autorizados pelo velho, de que “não dá pra nada”. É o medo da perda de autonomia. Esse medo da perda de autonomia é pavoroso para eles, como muitos idosos do grupo PSF José e Maria comentam.

De certa forma França abordou esta questão ao enfatizar a questão da aposentadoria rural e as relações hierárquicas. Como também a seguir Bourdieu (1986) que trata da herança e dos hábitos das famílias tradicionais.

A maioria dos habitantes do Vale do São Francisco, (precisamente o grupo terceira idade do PSF José e Maria) são oriundos da região das roças. Na medida em que vieram para a cidade trouxeram seus parentes e agregados onde prevalece a família nuclear como unidade doméstica, a tradição é a da família número. O grupo doméstico – a “casa tronco” – é construído pela chamada “família tronco”, associada ao padrão de herança. Tem-se, então, que, além dos pais, moram na casa também alguns dos filhos, e, freqüentemente, um filho ou filha solteiros, netos, etc. Eles se instalam na zona urbana para ter um apoio médico, educacional melhor.

Conforme pesquisa de campo, entre tais idosos, é comum a existência de celibatários, como também ocorria entre camponeses da França (Bourdieu, apud Woortmann e Woortmann, 1999, 138). É o que Bourdieu (1980) chama de “*menoridade adulta*”<sup>13</sup>. Por mais velho que o celibatário seja, permanece na condição de “criança”. Entre aqueles idosos, ele é chamado de “rapaz velho”. Uma celibatária seria uma “moça velha”. O herdeiro, por seu lado, só assume o governo da “casa tronco” com a morte de seu pai ou com a decisão deste de lhe transferir o governo.

Não bastasse semelhante situação, há a violência presente nas relações dos idosos com seus parentes. Comenta Zimmerman que existem várias formas de violência

---

<sup>13</sup> Expressão dada por BORDIEU para expressar rapaz velho, moça velha (2001)

praticadas contra o velho por sua família. Entre elas cabe destacar a falta de comunicação, o abandono e a superproteção, impedindo de fazer coisas, para as quais ele tem condições plenas, a desqualificação de sua personalidade e experiência, a infantilização do velho, tratando-o como se fosse um bebê e a negação de um espaço físico onde ele possa sentir-se seguro. Um outro tipo de violência comum por parte de muitas famílias é a interdição do velho, alegando sua incapacidade para administrar seus bens. Não é raro, inclusive, que essas famílias me procurem, não com intuito de proporcionar ao pai, à mãe e ao avô num tratamento capaz de melhorar sua qualidade de vida, mas sim pretendendo receber a confirmação do que o velho deve ser interditado. (Zimmerman, 2000, 46). Em Petrolina, precisamente na Casa Geriátrica onde os idosos que lá se encontram são deixados pela família, às vezes, interditado e suas pensões os sustentam nesta instituição asilar. O depoimento a seguir, reafirma:

*“Minha família me deixou aqui, fui interditado no juiz e recebo pensão. É ela a pensão que paga minha morada”* (IDOSO Casa Geriátrica V)

A velhice deve ser vista como a questão social; assim, os grupos do velho adquirem a importância vital na promoção e na reconstrução de sua identidade e nos resgate do vínculo com os familiares e das capacidades existentes dentro deles, mas adormecidas. (Zimmerman, 2000, 49)

Pelos estudos de Woortmann e Woortmann (1999, p. 138) diga-se de passagem, às vezes, a própria sociedade em que vivem, pode pressionar moralmente o velho pai a realidade tal transferência. Há, pois, segundo eles, diferenças significativas entre os idosos nordestinos e os colonos sulistas; são valores e tradições distintos. De qualquer maneira, cabe ao herdeiro cuidar dos pais idosos até a morte destes; é a ele, mais que aos demais filhos, que deve cumprir o mandamento bíblico “honrarás teu pai e tua mãe para que se prolonguem e prosperem seus dias na terra” (Êxodo, 20;1-21), embora na realidade isto nem sempre acontece.

Esse assunto sobre novas formas de solidariedade vai ser vista mais adiante. Um fato importante é que a família de hoje não é a mesma de ontem e as fotografias literalmente retratam essa mudança. Ao se olhar foto de família de 50 anos atrás poder-se-ao observar as expressões sérias e rígidas, a formalidade no

posicionamento, deixando perceber claramente quem são os pais e os filhos. Já uma fotografia atual mostra o aumento da descontração e da informalidade, com as pessoas rindo, em atitudes informais e carinhosas umas com as outras e posicionadas de maneira que às vezes é difícil definir quem é quem com um simples olhar.

Após tais considerações, serão à apresentados de alguns estudos realizados sobre a velhice nos dias atuais. Também será dada a oportunidade, a partir de trabalhos apresentados, de chegar à delimitação objetiva do objeto de estudo, indicando características e elementos que ficaram de fora, dos aportes teóricos referidos acima. Ao mesmo tempo em que se apresentam as teorias das representações sociais, seguir-se-á uma apresentação interpretativa inspirada nos elementos teóricos da velhice nos dias atuais.

## **CAPÍTULO II**

### **A VELHICE NOS DIAS ATUAIS**

Dentre as várias tendências de evolução da estrutura social que se vêm acentuando nos últimos anos, merece reflexão o envelhecimento da população como também a perspectiva de vida dos idosos, condições de vida e saúde, depoimentos pessoais dos idosos e dos que o cercam (que fazem parte do campo da pesquisa) e os mitos que serão expostos no decorrer deste capítulo com a colaboração de autores reconhecidos sobre o assunto em questão como Bento (1999), Mota (1996), Almeida (1999), Veras (1999), Guerreiro e Rodrigues (1996), Kastenbaum (1979) entre outros.

Justifica-se este capítulo por procurar abordar temas visando a um melhor relacionamento social entre as gerações, em que se redefinem modelos de conduta, redes de solidariedade e práticas sociais destinadas ao idoso.

#### **2.1 PERSPECTIVA DE VIDA DOS IDOSOS**

A perspectiva de vida dos idosos vem-se acentuando, em ritmo acelerado, como decorrência dos índices de natalidade que não páram de decrescer. A longevidade não cessa de aumentar a par do encolhimento da taxa de mortalidade. Isso resulta da melhoria da qualidade de vida, avanço da medicina, novas tecnologias, entre outros fatores que possibilitam aumentar a expectativa de vida das pessoas.

Segundo a previsão das Organizações das Nações Unidas (ONU)<sup>14</sup>, em 2050, os sexagenários vão ultrapassar os jovens com menos de 15 anos, o número de centenários será dezesseis vezes maior do que atualmente e a população, com mais de oitenta anos, vai se multiplicar por seis. Ressalta-se que, no ano 2000, o número de idosos já ultrapassava o de jovens nos países desenvolvidos. Em 2050, este fato será constatado em todo o mundo, implicando essa trajetória em múltiplas conseqüências, uma vez que se prevê para os próximos 25 anos um crescimento da população mundial, com mais de sessenta anos, na ordem dos 88% contra um

---

<sup>14</sup> Bento, 1999, p. 15 Dados colhidos pela US Department of Health and Human Services – no texto sobre o século do idoso.

aumento de apenas 45% dos indivíduos em idade de trabalho, com base em estudos feitos pela Us Departmente of Health and Human Services (Bento, 1999-15)

Em números redondos, nos países desenvolvidos, entre 1950 e 2050, o número de jovens baixa de 219 milhões (27% da população) para 173 milhões (15% da população); o número de idosos sobe de 97 milhões (12%) para 375 milhões (32,5%). No concernente aos países em desenvolvimento, como no Brasil, no mesmo período, o número de jovens sobe de 650 milhões para 1,5 bilhão, mas vê baixar a sua percentagem em relação à população total, de 38% para 20%, por força da subida dos idosos, quer em termos numéricos, quer em percentuais de 110 milhões (6,4%) para 1,6 bilhão (26%). (Ibid., p. 15)

Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – 2000, nos últimos 10 anos, a população brasileira com sessenta e cinco anos ou mais atingiu 7 milhões de pessoas. Conforme projeções, até o ano de 2025 o número de idosos com 60 anos ou mais chegará a 32 milhões. Já a população idosa no Município de Petrolina, segundo dados colhidos pela SEPRODES, (Secretaria de Projetos e Desenvolvimento Social do Município de Petrolina-PE - 2002) alcança o patamar de 13.000 pessoas, correspondendo a 6% da sua população, distribuídas nas diversas camadas sociais.

Assim, faz-se fé nos indicadores existentes e nas previsões de políticos e de especialistas na matéria. Tudo aponta para esta alteração da estrutura etária da população, emergente nas últimas décadas, continuar a acentuar-se no futuro. Desse modo, a pirâmide populacional tende a inverter-se, a ponto de o próximo século poder ser considerado, com inteira propriedade, como o século do idoso. (Bento, 1999, 15)

Mediante esta realidade, muitas perguntas podem ser lançadas para uma infindável discussão.

1º) Que transformações advirão para a sociedade, provocadas por uma alteração tão profunda e radical da sua estrutura tradicional?

2º) Estará a sociedade preparada para uma situação absolutamente nova?

3º) Será capaz e terá sensibilidade bastante para a necessidade de reorganizar-se, como uma sociedade para todas as idades?

4º) Quais são as medidas e modificações que urgem operar nos modos de considerar o idoso e o seu estatuto de uma certa marginalidade e exclusão?

5º) Deixará o idoso de ser visto como um manifesto ônus para a sociedade?

Com a contribuição de Bento, estas respostas não podem ser dadas sem ser desenhado o figurino da realidade de vida dos idosos – como foi visto no capítulo anterior e no pressuposto de não se contentar com uma situação de exterioridade ou de insensibilidade e neutralidade em relação ao re-exame dos princípios e direitos fundamentais. Realmente, detendo-se na maneira como os idosos preenchem seu dia-a-dia, depara-se, em regra, com dois grupos:

O primeiro, congrega adultos relativamente jovens ou novos que, graças à sua boa situação no tocante à saúde e finanças, apresentam melhor mobilidade e disponibilidade empreendedora. Por isso, fazem viagens e excursões, praticam desporto, dançam e freqüentam cursos da mais variada tipologia em universidades e escolas superiores. Constituem até uma razoável bolsa de procura das universidades, suscetível de estimulá-las a uma oferta acrescida de cursos conferentes ou não de grau acadêmico; (não é o caso dos idosos do campo de estudo, só alguns viajam, mas um número muito limitado pelo poder aquisitivo baixo).

O segundo grupo referencia pessoas que vivem no limiar da pobreza, abandonadas à sua sorte, minadas pelas mais variadas doenças e desprovidas de capacidade para o exercício das funções mais elementares. São vistas como um fardo dispensável e, por isso mesmo são encaminhados para casas de terceira idade.

Como exemplo: casa geriátrica, ou vivem em bairros suburbanos ou pequenas granjas conhecidas por roças. (Bento, 1999,17)

Nesta perspectiva, envelhecer atualmente é um processo natural que envolve perdas, mas também importantes aquisições. Enquanto até há três ou quatro décadas os indivíduos com cinqüenta, e mesmo com quarenta anos, já eram vistos

como velhos. Hoje, essa classificação se aplica apenas – e, com reservas – para além dos sessenta anos, ou seja, registra-se uma evolução dos conceitos, justificando que se pergunte:

São realmente “velhos” os idosos? A partir de quando é que uma pessoa deixa de ser um adulto ativo e passa a ser um ancião?

Para Bento, estas respostas não podem ignorar que o terceiro e último período da vida não são usufruídos com elevada cotação, mesmo quando se expressa numa multidão de eufemismos<sup>15</sup> e paliativos, apostados em procurar encobrir a idade e em ignorar ou adoçar o desenlace final. Acredita que seja uma tarefa que deve ser encarada com toda a frontalidade pela gerontologia<sup>16</sup>. Para ele, isso terá várias conseqüências. Desde logo, a própria imagem da idade tenderá a libertar-se do estereótipo de “velho, coitado, pobre e doente”. O velho reassume a conotação de sábio e a função de referência, podendo concluir-se que o século dos idosos poderá ser concomitantemente designado como o século da sabedoria da vida. Por outro lado, esse grupo será cada vez mais exigente para com a sociedade e os poderes instituídos. Por fim, ainda será maior o seu peso na condução dos destinos da sociedade, em contraste com a exclusão e marginalização, nomeadamente no tocante à perda de emprego, de que hoje são vítimas indivíduos em idades francamente baixas. (Bento, 1999, 18)

A população brasileira está ficando cada vez mais velha, trazendo uma profunda alteração na estrutura tradicional da sociedade, ou seja, o perfil do velho antigamente não é o perfil do velho atualmente. Esta evolução da estrutura da população, compreende-se como mudança da qualidade de vida. Esta evolução vem acontecendo gradativamente para que a sociedade esteja preparada para essa mudança, que coloca a sociedade e suas instituições a se sentirem na obrigação de se abrirem à prestação de novos serviços e se redefinirem e atualizarem para, com isso, se tornarem uma sociedade para todas as idades, ou seja, ter sensibilidade

---

<sup>15</sup> Expressão atenuadora ou indireta da idéia desagradável, grosseira ou indecente (Minidicionário Lufty, São Paulo, Scipione, 1995).

<sup>16</sup> Área do conhecimento científico voltado para o estudo do envelhecimento em sua perspectiva mais ampla para não somente os aspectos clínicos e biológicos, mas também as condições psicológicas, sociais, econômicas e históricas.



bastante para se reorganizar mediante a realidade do novo modelo e parâmetros de velhice. Não se pode deixar de ignorar uma sociedade que se diz democrática e defensora da dignidade humana, se detectam seus idosos em situações de marginalidade e exclusão. Mesmo com o Estatuto do Idoso ainda há muito a melhorar e ser cumprido. Acredita-se que em um tempo bem próximo, o idoso deixará de ser visto como um ônus para a sociedade.

Passo seguinte é discutir das condições de vida da terceira idade, tecendo comentários sobre algumas evidências pertinentes à velhice e categorias de análise extraídas de alguns depoimentos.

## 2.2 CONDIÇÕES DE VIDA

Tratar de condições de vida, pensa-se logo em saúde, embora não se limite só a isso. Procurou-se caracterizar os idosos a partir de depoimentos dos mesmos, com ênfase às evidências e características da velhice.

### 2.2.1 Algumas evidências sobre a velhice

Silva, (2002, p. 24), considera que refletir sobre a questão do envelhecimento social é fundamental, pois ele representa o descortinar de toda uma história de vida, permeando as variadas fases do indivíduo. Essa fase poderá retratar os frutos das ações que foram semeadas durante sua juventude e esses poderão apresentar-se alheios à vontade dos idosos, associando-se às degenerescências física, mental, à presença de patologias e vários outros fatores que tornam o envelhecimento como um fato desagradável. Sabe-se que, no processo de envelhecimento, alguns fatores sinalizam a representação da velhice, não só pelo idoso, mas por toda a sociedade.

Por isso, no decorrer deste capítulo serão abordados quatro fatores relacionados às condições da terceira idade: perda do poder de decisão, degenerescência física, o distanciamento social e a viuvez, conforme revelam os entrevistados.

A perda do poder de decisão é um dos fatores relacionados à velhice. Este episódio se dá por inúmeros fatores relacionados, como a questão financeira, a própria

degenerescência física, mental e até emocional, como exemplo da perda de poder de decisão por questão financeira.

*“Graças a Deus, se não recebesse aposentadoria, já tinha era morrido, às vezes falta ajuda...”* (IDOSA Casa Geriátrica A).

Já com a presente diminuição da valorização do idoso, ele passa a apresentar-se menos ocupado em seu presente e o seu passado recebe uma valorização exorbitante. A degenerescência física exerce uma influência valiosa na participação do indivíduo adulto na sociedade, principalmente quando associada às patologias da perda de visão e audição, como exemplo da degenerescência física.

*“Tem uma parte da velhice que é bom e outra ruim, a ruim é as saudades dos que já se foram e as doenças que aparecem, não escuto nem enxergo como antigamente”.*  
(IDOSA Casa Geriátrica A)

O declínio da memória é outro fato presente, em que o idoso valoriza a lembrança do passado, tornando-se, então, repetitivo e com dificuldade de participar dos assuntos atuais que envolvem o ciclo familiar e a própria sociedade, ocasionando, possivelmente, um conflito geracional da degenerescência mental.

*“... sinto muita falta dos parentes que já se foram, a saudade é uma coisa ruim..., me conformo..., foi uma morte dada por Deus...”* (IDOSA Casa Geriátrica B).

O distanciamento social inicia-se com a diminuição do contato com familiares, principalmente com o crescimento dos filhos. Estes começam a percorrer seus próprios caminhos, passam menos tempo com seus familiares e ocasionam um afastamento de gerações (Motta, 1996, p. 26). Esse distanciamento é a diferença de classe social, muitas vezes alcançada pelos filhos, levando-os a freqüentar grupos sociais nunca freqüentados pelos pais, ocasionando uma alteração no estilo de vida, a exemplo do distanciamento social dado pela diferença de classe social.

*“... Moro só, durmo só, os meus filhos já têm a vida deles, estão em outro mundo”.*  
(IDOSA PSF C).

Um outro fator bastante interessante é a viuvez, que não deixa de ser um afastamento de uma pessoa muito próxima. Essa realidade/experiência passa a ter um significado maior, até por conta do afastamento dos demais familiares, principalmente dos filhos. Desta forma, evidencia os sentimentos de desânimo, tristeza ou até depressão, como o fator viuvez de tristeza<sup>17</sup>.

*“Tive filhos... fiquei viúva, me sinto só...”* (IDOSA Casa Geriátrica A)

A viuvez pode levar a resultados positivos, pois muitos indivíduos começaram a viver após a morte de seus companheiros, como fator de viuvez de alegria<sup>18</sup>.

*“Criei os filhos... fiquei viúva e agora é que ando mesmo...”* (IDOSA PSF D)

Diante de todas as conseqüências retratadas pelo processo de envelhecimento somado às atitudes representativas da sociedade, obteve-se um resultado de modificação na própria história da humanidade. Serão discutidas, agora algumas categorias de análise de acordo com entrevistas realizadas com os idosos.

### **2.2.2 Algumas categorias de análise**

Nesta pesquisa, contou-se com a participação de 19 idosos com idade compreendida entre 60 a 93, anos dentre 07 homens e 12 mulheres, do grupo de terceira idade do José e Maria e da Casa Geriátrica, apresentam deficitário nível de escolaridade, pois a maioria é de baixa renda; quanto ao estado civil, perceberam-se 04 casados, 09 viúvos e 06 solteiros. A maioria dos participantes são aposentados os demais pensionistas. O padrão de relação interpessoal e familiar é relativamente bom. A maioria convive com a família e quanto à questão religiosa optaram pela religião católica.

Através dos depoimentos foi possível, nesta pesquisa, trabalhar com 04 categorias de análise:

---

<sup>17</sup> Viuvez de Tristeza → Termo empregado para designar aos viúvos que não se conformam com a perda do ente querido, estão sempre tristes.

<sup>18</sup> Viuvez de Alegria → Termo empregado para designar aos viúvos que se conformam com a perda do seu ente querido.

### **Categoria 1: O envelhecimento determinado por perda do poder de decisão**

A sociedade passa a ver o idoso como uma criança, assim este perde a sua autonomia e sua independência. Geralmente, esta perda é suscitada pela decadência do idoso ou pela presença de degenerescência física, mental e/ou emocional, resultando na inversão de papéis sociais: quem cuidava passa a ser cuidado, exemplo do poder de decisão.

*“... fui fazer um crédito, não podia abrir a mão ser que uma pessoa mais nova fosse assinar. Isto é velhice”.* (IDOSA Casa Geriátrica E)

Para Peixoto, nenhum indivíduo gostaria de abrir caminhos para ser considerado um ser decadente, “incapacitado para o trabalho”, passando a pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres. (1977, p. 72) Os idosos se sentem excluídos, exemplo da perda de poder de decisão.

*“... eu queria viver a vida conforme era antigamente, mas acho que não vai dar mais...”* (IDOSA Casa Geriátrica F)

Desta forma, com a diminuição da valorização do indivíduo, esse passa a desenvolver menos atividades, apresentando-se menos ocupado em seu presente, portanto o seu passado recebe uma valorização exorbitante, ou seja, vão reviver a memória.

### **Categoria 2: O envelhecimento representado pela degenerescência**

A velhice pode ser compreendida como o resultado de um processo que começa na vida embrionária, apresentando modificações mediante a influência de vários fatores, como: biológico, ambiental e do estilo de vida. (Duarte, 1998, 20).Vejam-se os depoimentos dos entrevistados.

*“... eu acho que o envelhecimento é da vida mesmo. Tem gente que vai mais longe, mas também se cuida melhor”* (IDOSA Casa Geriátrica G)

*“... meu corpo não é mais o mesmo, minha pele está seca, meu braço mole... Não responde mais como antigamente...”* (IDOSA Casa Geriátrica F).

*“... a gente vai perdendo as feições, fica tudo irrugado”.* (IDOSA Casa Geriátrica H)

Para Duarte (1998, p. 19), o pensar na própria velhice não é uma prática comum. Portanto, deduz-se que quando não há uma disponibilidade para reflexão acerca do envelhecimento, a aceitabilidade deste se torna um tanto quanto complicada. E ao não aceitar esta etapa, apresenta dificuldade de vivenciá-la bem.

Esta fala nos leva a refletir acerca da consciência que os idosos têm de envelhecer, mas deseja continuar bem, bonito, permanecendo com vitalidade. Segundo Mota, o envelhecimento não é visto como um processo de adoecimento. Na medida em que se envelhece, espera-se experimentar mudanças normais associadas à idade. (1996, p. 110) Vejam-se os novos depoimentos sobre a degenerescência:

*“A idade chegou, comecei a perceber o cabelo branco, o modo de andar; dor no corpo...”* (IDOSA Casa Geriátrica I)

*“Eu não acho o envelhecimento muito bom não, porque eu vejo muita dificuldade, eu tenho problema de visão, já operei uma vista e não deu certo... transar tá parado”.* (IDOSA Casa Geriátrica G)

Enfim, a aglomeração de degenerescência, somada às patologias, geram um drástico desengajamento social, que por si só contribuirá para o aumento das complicações de velhice.

### **Categoria 3: O envelhecimento representado pelo desengajamento social**

Para alguns e para os próprios idosos, a terceira idade é vista como uma etapa por seres problemáticos, incapacitados, desvalorizados, apesar de contemplar o envelhecimento como um processo normal. Assim, identificou-se que o idoso traduz o que, de forma sutil, a sociedade faz incorporar: a exclusão social. Como exemplo de desengajamento social, podem mencionar o seguinte relato:

*“... me sinto como um atrapalha, porque assim perturbo a minha família”.* (IDOSA Casa Geriátrica J)

Um fator de relevante aspecto social evidenciado pelos sujeitos dessa pesquisa foi a aposentadoria. Como exemplos do desengajamento social pode-se citar:

*“... eu me aposentei com 62 anos por tempo de serviço. Depois que se aposenta não fica mais a mesma coisa, se perde muita coisa”.* (IDOSA Casa Geriátrica G)

*“... eu sinto falta da convivência dos amigos do trabalho e é uma perda muito grande...”* (IDOSA Casa Geriátrica K)

Para Adler a aposentadoria pode ser vivida como assustadora ou como início de uma nova fase. Assustadora na medida em que vislumbra a inutilidade, o isolamento, a depressão e proximidade da morte. Já como a possibilidade de uma nova vida, por permitir a realização de projetos adiados, prazeres não vividos e de novas trocas afetivas. (1999, p. 43)

No discurso a seguir, percebe-se o envelhecimento como exemplo do desengajamento social.

*“... a pior coisa do mundo. O envelhecimento pra mim é uma tristeza”.* (IDOSA Casa Geriátrica K)

*“Tem coisa que a gente quer fazer e não pode porque em primeiro lugar a gente que é velha é discriminada”.* (IDOSA CASA GERIÁTRICA E)

Nessa perspectiva, a velhice é instituída por um sistema que revoga os direitos do indivíduo após certa idade.

#### **Categoria 4: O Envelhecimento Representado pela Viuvez**

Em relação à viuvez, Peixoto (1997, p.157) em suas pesquisas realizadas na Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI, com mulheres, identificou que a morte do cônjuge pode ser uma tragédia ou libertação, a exemplo da viuvez.

*Para alguns sujeitos desta pesquisa, a viuvez é vista como algo desagradável, e adquire proporções significativas: "... depois que ele morreu, tudo morreu, tudo acabou..." (IDOSA PSF C)*

Percebe-se, então, a intensa ligação dos cônjuges. Portanto, quando um dos dois morre, o sentimento é de perda, de solidão, a falta de direção surge, dificultando o caminhar do envelhecimento desse idoso.

*"... eu comecei a envelhecer quando meu marido morreu..." (IDOSO Casa Geriátrica B)*

Beavoir, apud Assis (1996, p.44), afirma que a morte de um parente não priva somente de uma presença, mas de toda aquela parte da vida que esteve ligada a eles. No caso dos indivíduos idosos, lembra que geralmente os convívios são duradouros, portanto, há uma construção de uma história de vida, que em determinado momento, não teve um fim agradável.

A realização desta pesquisa de campo, procurou demonstrar traços peculiares individuais, como também muitas características comuns, tais como a perda do poder de decisão, desengajamento social, a degenerescência e a viuvez, traduzindo um envelhecimento de cada indivíduo, ficando claro que a qualidade de vida não está ligada somente aos fatores biológicos, mas, aos sociais, familiares, dentre outros. A seguir, serão tratadas as condições de saúde ligadas à velhice.

### 2.3 – CONDIÇÕES DE SAÚDE

Para Safons, envelhecer é um processo multifatorial e, geralmente, associa-se à enfermidade. É certo que há mais problemas de saúde com pessoas velhas que com jovens, mas isso não determina que a velhice esteja necessariamente ligada a doenças. Todos os seres vivos pertencentes ao reino vegetal, animal, de maior ou menor complexidade, passam pelo envelhecimento. Esse envelhecimento, por ser um processo biológico natural, tem uma fisiologia e não uma fisiopatologia. (1999, p.28)

É conhecido que a perda de capacidades pode começar bem cedo e nem sempre é ocasionada por doenças. Isso quer dizer que baixo nível de capacidade funcional numa pessoa idosa não é, necessariamente, consequência de “velhice”, nem de alguma doença peculiar aos velhos. As diminuições e perdas são coisas distintas, porque dependem muito de como se percebem. O que acontece é que com a idade, a pele pode perder sua suavidade e adquirir rugas. Do ponto de vista da função da pele, que é encobrir nossos órgãos e nos proteger do meio ambiente, não importa muito se nossa pele é suave ou enrugada. Já o pessimista vê a mudança como negativa e a classifica como perda; o otimista vê a mudança como positiva e a chama de ganho. Da mesma forma o cabelo branco é uma mudança normal da idade que não afeta a saúde. Se for uma perda ou um ganho, depende do ponto de vista sob o qual este fato é vivenciado. (Ibid., p. 28)

O envelhecimento está acompanhado de mudanças físicas e, assim, aumenta a possibilidade de desenvolver enfermidades crônicas. A idéia de que tudo piora na velhice é coisa do passado. É necessário que a sociedade atual redesenhe ambientes que ofereçam mais apoio aos idosos, ajudando-lhes a manejar suas vidas de forma segura e confortável. Nesse contexto, os idosos necessitam viver em melhores condições, ou seja, com boa qualidade de vida. A prática regular de atividade física visa não somente, a produzir uma melhoria da saúde, mas a criar também oportunidade de se constituir um ponto de encontro e um espaço para o desenvolvimento pessoal e interpessoal. Tem-se a contribuição de estudos nesta área como Okuma (1998), Veras (1994), Bento (1999), entre outros.

### **2.3.1 – Atividade física e rejuvenescimento**

Estudos têm constatado que a atividade física, a alimentação adequada e os hábitos de vida saudáveis podem melhorar, em muito, a qualidade de vida dos idosos.

No ano de 1994, foi sancionada a Lei nº 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, na qual se incluem menções “ao incentivo e à criação de programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade”. Tem como objetivo aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida



para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, incapacitadas fisicamente e que requerem cuidados, ou seja, os excluídos, através da cidadania, solidariedade, dádiva (será visto a seguir, com mais clareza).

Para autores como Berger (1989) e Shephard (1991), o declínio das capacidades funcionais se inicia ao redor dos trinta anos de idade. Esse declínio natural pode ser modificado pelo exercício, pelo controle do peso e por uma dieta função de manutenção de sua autonomia, que tende a evidenciar com a ausência da atividade física (Berguer, 1989; Shephard, 1991 apud Okuma, 1998, 86).

Do ponto de vista de Okuma, a atividade física nos idosos contribui em potencial para melhorar o bem estar funcional e aumentar a expectativa de vida dos idosos. (Ibid, 55). Já Veras acredita que na velhice a autonomia está ligada à qualidade de vida na qual se relaciona com estilo de vida saudável, contribuindo para o bom relacionamento entre as pessoas e o meio ambiente. Considera-se como autonomia a liberdade de decidir sobre sua vida, sobre seus movimentos e desejos. Entende-se autonomia como a não-dependência de outrem, seja para falar, andar, cuidar de sua casa e de suas coisas. Acredita-se que a atividade física que consegue proporcionar ao idoso esse grau de liberdade autonômica deve fazer parte do rol de suas atividades diárias. (Veras, 1999, p. 151-153)

Nesta perspectiva, a atividade física na terceira idade, pode levar ao bem-estar físico e mental e à autoconfiança, por meio do domínio do corpo, aumento da prontidão para a atividade (maior disposição, maior mobilidade articular, intensificação da circulação sangüínea, sobretudo nas extremidades, aumento das capacidades de coordenação e reação, combate à depressão, medo, decepções, aborrecimentos, tédio e solidão).

Através de grupos do PSF José e Maria de terceira idade, esses efeitos benéficos da atividade física na terceira idade têm contribuído para o controle e a prevenção de doenças como diabetes, enfermidades cardíacas, hipertensão, arteriosclerose, varizes, enfermidades respiratórias, artrite e desordens mentais ou psicológicas.

Berger e McInman (1983) realizaram estudos que mostram que idosos praticantes de atividade física têm características de personalidade mais positivas do que idosos não-praticantes. As pessoas que sempre fizeram atividade física mostram-se mais confiantes e emocionalmente mais seguras. Para essas autoras, idosos fisicamente ativos tendem a ter melhor saúde e mais facilidade para lidar com situações de estresse e tensão, gerando atitudes mais positivas para o trabalho, reforçando a correlação forte que existe entre satisfação na vida e atividade física. Apontam que estudos sobre a relação entre atividade física e satisfação de vida mostram que os sentimentos positivos de auto-estima e auto-imagem são prevaletentes em tal relação. (Berger e McInman apud Okuma, 1998, p. 95)

Particularmente, tem-se observado que as pessoas que decidem pela prática de atividade física na terceira idade, ou antes dela, estão optando pela melhoria da qualidade de suas vidas. A educação física, não tem a intenção de prometer vida eterna ou rejuvenescimento a ninguém, mas dispõe de meios para conscientizar as pessoas sobre sua importância na vida. Decidir-se sobre como viver na terceira idade deve ser posição de cada indivíduo.

Dessa forma, o poema “Instantes”, de Jorge Luís Borges, dá a dimensão exata do que pode vir a ser envelhecimento saudável:

*Se eu pudesse viver novamente a minha vida,  
Na próxima, trataria de cometer mais erros  
Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.  
Seria mais tolo ainda do que tenho sido,  
Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério.  
Seria menos higiênico.  
Carreira mais riscos, viajaria mais,  
Contemplaria mais entardeceres,  
Subiria mais montanhas, nadaria mais rios.  
Iria mais a lugares onde nunca fui,  
Tomaria mais sorvetes e menos lentilha,*

*Teria mais problemas reais  
E menos problemas imaginários.  
Eu fui uma destas pessoas que vivem  
Sensata e produtivamente cada minuto da sua  
Vida, claro que tive momentos de alegria.  
Mas se pudesse voltar a viver trataria de ter  
Somente bons momentos.  
Porque, se não sabem, disso é feito a vida, só  
De momentos, não percas o agora.  
Eu era desses que nunca ia a parte alguma  
Sem um termômetro, uma bolsa de  
Água quente, um guarda-chuva e um pára-quedas;  
Se voltasse a viver viajaria mais leve.  
Se eu pudesse voltar a viver; começaria a  
Andar descalço no início da primavera e  
Continuaria assim até o fim do outono.  
Daria mais voltas na minha rua, contemplaria  
Mais amanheceres  
E brincaria com mais crianças, se tivesse outra  
Vida pela frente.  
Mas já tenho 85 anos e sei que estou  
Morrendo. (BORGES, Jorge Luis. “Poema Instantes”)*

### **2.3.2 – Papel do Desporto**

O papel do desporto para o idoso é de suma importância, embora muito há ainda para ser conquistado. Segundo Bento, o desporto assume, nesse contexto, uma relevância crescente para os idosos. Não como uma maneira isolada de preenchimento do tempo livre, mas como parte da formação e desenvolvimento da sua personalidade. Uma sociedade que se diz e quer cada vez mais humana e humanista, tem a obrigação indeclinável de oferecer aos idosos apoio e solidariedade, a fim de que eles possam enriquecer a velhice com novos conteúdos e manter nela um alto grau de satisfação e de realização da vida. (1999, p.19)

Ora, é precisamente aqui que o desporto encontra possibilidades para redefinir e renovar a sua missão, dada que os seus efeitos nos planos corporal, espiritual e social encerram uma possibilidade, não desprezível, de retirar os idosos de situações de isolamento e afastamento. (ibid., p.19)

De acordo com a realidade da nossa pesquisa, tudo leva a crer que o interesse dos idosos pelo desporto é elevado e está longe de ser devidamente explorado. Essa presunção se funda no fato de ser elevado o número dos que discutem vivamente sobre desporto, seguem programas desportivos tanto no rádio como na televisão, e também é tida, no geral, como a principal atividade dos grupos de terceira idade como exemplo, os Idosos do Grupo PSF do José e Maria. Porém, esse número não tem a mesma expressão na prática desportiva; pelo contrário, é ainda muito baixa a quantidade de idosos, sobretudo de mulheres, que se entregam à prática desportiva, ou seja, é muito grande a resistência entre o interesse pelo desporto e a participação neste. Acredita-se ser o motivo, na maioria das vezes, vergonha em decorrência de costumes tradicionais.

Com isso, mostra ainda que os fatores determinantes, tanto da ausência como da participação desportiva, têm muito a ver com o círculo familiar, em função dos interesses, dos hábitos e motivos que nele reinam. Na escala das motivações, o lugar principal pertence ao motivo “saúde”.

Sempre se busca afirmar a existência de numerosos e confiáveis estudos, levando a concluir que uma ajustada e regular prática desportiva tem efeitos positivos e contraria, ou ajuda a retardar o surgimento das degenerescências atribuídas ao envelhecimento, no tocante ao sistema cardiopulmonar, ao aparelho de suporte e de locomoção, ao metabolismo, etc., ou seja, a prática desportiva é suscetível de influenciar positivamente os diversos parâmetros da capacidade de rendimento corporal das pessoas em idade avançada como afirma Okuma (1998, p. 121-123).

Pode-se perceber que o motivo “saúde”, pelo menos na sua dimensão física ou corporal, tem encontrado correspondência na prática desportiva. O que constitui uma boa base para voltar, agora cada vez mais, a atenção para as outras dimensões do conceito de saúde e para as funções que o desporto assume. Até porque há quem sustente que os efeitos positivos do desporto nos idosos são mais significativos no

domínio psicológico do que no puramente médico-biológico (Goldestein apud Okuma, 1998, p. 128). De resto, Rousseau (1712-1778) já afirmava que “um corpo fraco enfraquece a mente”. (Rousseau apud Bento, 1999, 20)

Para os idosos, uma coisa está ligada a outra. Com efeito, o processo de envelhecimento psíquico é caracterizado por sintomas de diminuição das capacidades intelectuais e está em estreita relação com as alterações biológicas e sociais. Logo, se o estado de saúde piorar e se aumentarem o isolamento, a perda de autonomia e as restrições do espaço de vida dos idosos, isso repercute também, negativamente, no seu estado psíquico, como fica evidenciado em idosos do grupo de terceira idade do PSF José e Maria.

Aqui emerge o grande e verdadeiro problema desse grupo etário na sociedade: a influência exercida pelos aspectos negativos da velhice. O decréscimo da capacidade de rendimento, com o avançar da idade, conduz à falta de vivências de sucesso, à perda de prestígio social e a formas várias de discriminação negativa. Daqui pode resultar, no idoso, uma atitude de resignação e negação da sua idade. É, também, por isso, que o desporto é chamado a dar o melhor do seu teor de humanismo. Realmente, a chave desse problema está na manutenção da capacidade de rendimento corporal, já que a sua diminuição é objeto de avaliação negativa, com manifestas conseqüências de ordem geral, social e psíquica e não apenas de ordem física. À diminuição da capacidade de rendimento corporal associam-se outras diminuições, nomeadamente da capacidade de reação, de aprendizagem, de memorização e assimilação de informações. (Okuma, 1998, 95)

Os resultados de estudos, dedicados à avaliação de feitos psicossociais da atividade desportiva nos idosos, apontam no sentido da melhoria do sentimento de autovalia e do bem-estar geral, do reforço da necessidade de atividade, da diminuição de medos e receios, da reposição da disponibilidade para a comunicação, para o convívio e para a recreação, da estabilidade emocional e da redução dos estados de depressão e agressividade. Além disso, a aprendizagem de movimentos e habilidades desportivas tem efeitos positivos na capacidade geral de aprendizagem, podendo dizer-se, com inteira propriedade, que é nessa idade que a aprendizagem cognitiva motora é verdadeiramente aprendizagem cognitiva e sócio afetiva, isto é,

por meio das exigências e vivências motoras são estimuladas e solicitadas todas as outras dimensões da personalidade. (Ibid., 1998, p. 106)

Nessa perspectiva, a grande tendência hoje em cotação alta seria investir em desporto, procurando valorizar a auto-estima dos idosos. Assim, por que não incentivar a abertura de clubes desportivos que podem e devem renovar a sua missão social, e de outras instituições que ofereçam este serviço ,abrindo-se à prestação de variados serviços a esse grupo etário? A seguir, será discutido o tema de grande relevância para a velhice: a aposentadoria.

## 2.4 O DRAMA DA APOSENTADORIA

A aposentadoria tornou-se um assunto de grande discussão da terceira idade. Ao passar dos anos era tida como o selo da velhice, caracterizada por um período decadente da vida, ou seja, a passagem de um período ativo, para outro sem motivações e objetivos. No entanto, ela pode ser vivenciada de outra forma, caso o sujeito se adapte às mudanças trazidas por essa nova fase da vida. No decorrer deste capítulo tem-se a contribuição de Santos (1990), Almeida (1999), França (1999), Guerreiro e Rodrigues (1990) entre outros, que expõem sobre o assunto da aposentadoria, enfocando a mão-de-obra do idoso, mecanismos de regulação da aposentadoria e sobre o envelhecimento. Percebe-se, que novos modelos de conduta social para o idoso estão sendo considerados.

Em um estudo sobre a crise de identidade na aposentadoria, realizado em meados da década de 1980, Santos constata que a aposentadoria constitui o “atestado oficial da chegada na velhice, (...) fato que marca a passagem da maturidade à terceira idade. Aposentadoria e velhice parecem assim estar ligadas e são freqüentemente confundidas como um mesmo fenômeno” (p. 22). Apesar da idade estar associada à idéia de sabedoria e experiência, “a passagem para a aposentadoria significa a passagem para a velhice” (p.34) e, nessa simbiose que se opera entre aposentadoria e velhice, acentua-se a idéia de perda da capacidade produtiva e de inutilidade do ponto de vista social. (1990, p. 22 e 34).

Para Almeida, a aposentadoria constitui, assim, um acontecimento na vida do sujeito que o coloca frente a uma situação que pode atingir sua identidade, afetando uma estabilidade já adquirida. Além da diminuição concreta de sua atividade produtiva e social, agrega-se o sentimento de diminuição de suas capacidades físicas, da possibilidade de doenças, do aumento da probabilidade de perda de pessoas afetivamente importantes. Enfim, o momento da aposentadoria é associado à entrada na velhice, obrigando o sujeito a enfrentar o estigma social do velho. (Almeida, 1999, p.128)

No momento atual, como salientado anteriormente, parece esboçar-se uma nova concepção de velhice, assentada em um modelo de velhice bem-sucedida (Baltres, apud Almeida 1999, p. 130). Agrega-se a essa idéia a constatação de um número significativo de aposentadorias “precoces” em resposta defensiva às mudanças nas políticas previdenciárias, que ora estimulam a aposentadoria entre aqueles que já haviam completado o tempo de serviço previsto em lei (Governo Collor), ora ameaçam retirar direitos adquiridos na Constituição de 1988 (Governo Fernando Henrique Cardoso) e, atualmente, no Governo Lula, que instituiu o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, como também a reforma da previdência (em fase de elaboração).

Ao se referir ao Estatuto do Idoso, o atual Presidente da República do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, em entrevista ao jornal Diário de Pernambuco (Out./2003) afirma:

*“Seus 119 artigos formam um guarda-chuva de garantias legais que a sociedade devia aos seus idosos. A partir de agora, eles terão uma ampla proteção jurídica para usufruir direitos de civilização sem depender de favores, sem amargurar humilhações e sem pedir para existir. Simplesmente viver como deve ser a vida em uma sociedade civilizada: com muita dignidade”.*

Dessa forma, esse estudo sobre aposentadoria e velhice permitirá compreender o que os idosos e idosas, devem ou não devem ser quando atingem a velhice e se aposentam, nas atuais condições sociais e culturais. Com esta realidade, propõe-se

que sejam redefinidos modelos de conduta, redes de solidariedade e práticas sociais destinadas ao idoso, com o objetivo de exercer o direito da cidadania.

#### **2.4.1 – A mão-de-obra do idoso**

Atualmente, pelas dificuldades econômicas faz-se necessária a mão-de-obra do idoso. De acordo com a pesquisa de campo, a grande parte da população do grupo de terceira idade do PSF José e Maria e da casa geriátrica que estão aposentados ou em vias de se aposentar, aguarda a ajuda do governo e dos empregadores quanto ao reforço e à manutenção dos proventos da aposentadoria. Diante da insegurança financeira, muitos precisam continuar a trabalhar para manter o padrão de vida que tinham ou mesmo sobreviver com o mínimo de dignidade. Às vezes, dependem da ajuda dos filhos.

Comenta França que, dependendo da natureza do trabalho, alguns terão maior facilidade ou dificuldade de encontrar outro emprego. Certas profissões requerem um conhecimento tecnológico informatizado e permanentemente atualizado, além de exigirem uma facilidade de adaptação às mudanças. Algumas atribuições necessitam de maior força física que diminui com a idade; outras dependem do esforço intelectual que pode não se alterar com a idade. Outras, poderão necessitar de um conhecimento especializado e da experiência acumulada dos mais velhos. Muitas empresas estão aderindo à contratação de pessoas mais velhas, seja porque os mais jovens requerem treinamentos a custo mais alto, são mais difíceis de gerenciar, mais suscetíveis a reclamações trabalhistas e saem prematuramente das empresas. O redimensionamento de pessoal poderia ser uma solução. Esta ação deveria ocorrer em função das atribuições dos trabalhadores mais velhos, de seus interesses e das metas da empresa, ser complementada por um programa de atualização de conhecimentos tecnológicos. Os mais velhos poderiam ser estimulados a delegar as tarefas de rotina para os que estão se iniciando na empresa, ficando mais disponível para a transferência de informações e para a execução de tarefas que exigem maior experiência. (1999, p. 24-25).

Dependendo do tempo previsto para sua aposentadoria, será muito mais saudável para o futuro aposentado e para a empresa, contar com um aposentado motivado do que com alguém que está contando os dias para o seu desligamento. É inegável a



relação entre o nível de motivação e a produtividade. A empresa poderia aproveitar os aposentados em cargos temporários, consultoria ou em alguma fase do treinamento para os mais jovens. Os aposentados não precisam ser necessariamente funcionários formais, mas contratados por projeto, por dia ou mesmo por hora. Isto pode representar uma grande economia para as empresas e, ao mesmo tempo, um reforço no orçamento dos aposentados. (Ibid., p.25)

Como sugestão, valeria investigar, a longo prazo, os efeitos do aproveitamento dos aposentados e a sua satisfação pessoal, os resultados para a empresa e, ainda, se os aposentados que retornam ao trabalho representam ou não uma ameaça aos jovens que estão se iniciando no mercado de trabalho. O aproveitamento da mão-de-obra mais velha por parte das empresas leva a crer que os indivíduos podem se aposentar, voltar a estudar e reingressar no mercado de trabalho. Da mesma forma, o reengajamento não precisa acontecer através de atividades anteriormente desenvolvidas; ele pode ocorrer através de interesses não explícitos ou mesmo da descoberta de novos horizontes.

#### **2.4.2 - Mecanismos de regulação da aposentadoria**

Não é à-toa a importância dos programas de preparação para aposentadoria. Numa época de desemprego e recessão, é difícil imaginar o governo ou a empresa investindo recursos em projetos sociais a longo prazo. Entretanto, não parece razoável se voltar exclusivamente para o desenvolvimento econômico sem que seja priorizado o desenvolvimento do homem em qualquer faixa etária. Sabe-se que não é só o governo que deve estabelecer políticas que garantam o acesso à população que envelhece, as empresas também deveriam abrir espaço para a participação de seus empregados, de qualquer idade, em projetos próprios ou coletivos que abranjam a comunidade. (Atualmente a passos lentos, algumas empresas já se organizam para através de projetos próprios terem a sua previdência)

França considera que o tema envelhecimento e suas implicações deve ser discutido nas escolas de ensino fundamental e médio, da mesma forma que a questão da aposentadoria precisa ser abordada pelas empresas, assim que o indivíduo começa a trabalhar. Sem dúvida, um programa de preparação para a aposentadoria

constitui um benefício para o trabalhador, mas a empresa, ao ajudar seus empregados a aumentarem seus conhecimentos e a tomarem decisões em relação ao futuro, está investindo também nela mesma. (1999, p.26)

Quando a empresa se preocupa com seus funcionários, desde o momento em que ele é selecionado até a sua aposentadoria, torna a sua cultura organizacional mais consistente. Criando condições para que o trabalhador realize seu planejamento e se prepare para as mudanças que advirão da aposentadoria, a organização poderá se beneficiar, não só no âmbito da sua imagem e atuação social, mas também porque o seu produto terá maior repercussão comercial, além de se tornar mais competitiva e atraente diante do mercado de trabalho. (Ibid., p. 26)

Segundo Dennis (apud França, 1999, p. 26-7), este mecanismo de regulação de aposentadoria já vem acontecendo pelas empresas americanas, nas quais vêm adotando programas de preparação para aposentadoria desde a década de 1950. No início, eram abordados tópicos relacionados a investimentos, promoção de saúde, utilização do tempo e algumas considerações familiares. Atualmente, estes programas são implementados de dois a cinco anos antes da aposentadoria e incluem conteúdos como educação, trabalho, produtividade e outros propostos pelos próprios empregados. Os trabalhadores mais jovens também têm participado dos programas.

Para França, sem dúvida, o desafio das empresas, do governo, da sociedade e dos trabalhadores brasileiros é maior do que dos seus pares americanos, principalmente tendo em vista situações econômicas bastante diferentes. Entretanto, a estabilidade econômica das empresas americanas não parece ter sido tão preponderante na implantação e continuidade do planejamento para a aposentadoria. (Ibid., p. 28)

Nesta perspectiva, é recomendado a todos que comecem a encarar esta mudança de uma maneira positiva. Não é algo que possa ser decidido da noite para o dia, mas é um processo que deve ser iniciado. A empresa que adota um programa de preparação para a aposentadoria deve atuar junto à comunidade, investigando quais seriam as necessidades dos seus membros e como poderia proporcionar a inserção do pré-aposentado que queira participar de um projeto social.

Para França (apud Veras, 1999,p.30) a prática do trabalho voluntário não deve, entretanto, ser encarada como algo que “possa preencher o tempo” dos aposentados e sim como um auxílio fundamental, algo que contribui para o desenvolvimento da sociedade. Viver num país em que a pobreza “salta aos olhos” não deve ser confortável, mesmo para quem tem um padrão de vida elevado, pois somos partícipes e responsáveis, mesmo que indiretamente, pelo desenvolvimento do povo brasileiro. Apesar de muitos desejarem participar, nem sempre é fácil ser bem-sucedido no trabalho voluntário. O melhor, no início, seria participar de uma instituição já organizada para saber como ajudar conciliando suas habilidades com os objetivos da organização, suas atividades e necessidades.

De acordo com os comentários precedidos fica como sugestão, as empresas poderem criar seus próprios programas de voluntariado, por exemplo, mesmo de forma empírica, participando das escolas e comunidades como acontece com o grupo de terceira idade pesquisado do PSF do José e Maria. Eles atuam de voluntários na própria comunidade e em escolas, sendo orientados pelas equipes de saúde da família. Sabe-se, pois, que uma das grandes necessidades brasileiras é a educação, não necessariamente a formal, mas a relativa aos valores e à cidadania, o que poderia contar com a participação dos mais velhos. Muitos jovens vivenciam problemas de desestruturação familiar, alguns não contam com o exemplo de pai e mãe e, outros, sequer conheceram os avós. Os aposentados, neste caso, vão às escolas da comunidade, conversam por algumas horas sobre situações diversas vividas na sua juventude, como escolha da profissão, primeiro trabalho, casamento, filhos e outras situações que atinjam o dia-a-dia dos jovens e dos mais velhos, levando seu conhecimento cultural e social aos mais jovens.

França comenta que também a comunidade, através de parcerias das associações de moradores, de instituições como o SEBRAE, pode fornecer informações sobre que negócios seriam mais adequados àqueles que desejassem gerenciar suas próprias atividades. Para a abertura de uma auto-escola, de uma escola profissionalizante ou de uma sorveteria, por exemplo, é fundamental que o futuro prestador de serviços esteja em contato permanente com instituições de assessoramento empresarial e com a comunidade onde pretende se estabelecer. (Ibid., p. 30)

Outra sugestão, é tornar-se membro de uma associação de aposentados e pensionistas, o que pode representar também um excelente caminho de engajamento. Os aposentados podem ajudar às pessoas que estão a caminho da aposentadoria, tornando-as mais conscientes desta nova realidade. Além disso, esta é uma maneira de fazer amizades fora da esfera profissional. (Ibid., p.31)

Nesse contexto, a aposentadoria deve estar relacionada a um planejamento de vida, como acontece com o PSF do José e Maria de Petrolina, onde o grupo de terceira idade principalmente os aposentados preparam a multimistura<sup>19</sup> voluntariamente para servir às crianças de gestantes desnutridas, como também está ligado através da solidariedade humana, a participação da comunidade, mostrando como é útil para a sociedade e para si próprio.

Com o intuito de mostrar o contexto da aposentadoria de acordo com os entrevistados desta pesquisa, mostra-se o quadro seguinte sobre o conceito de velhice, o que pensam da velhice, relação da aposentadoria, com práticas sociais antes e depois da aposentadoria. Mediante quadro apresentado constatou-se que há diferença de pensamentos entre homens e mulheres. Que as mulheres vêem o envelhecimento de forma negativa, ligadas ao limite de idade cronológica e percebe-se um certo grau de subordinação. Já os homens consideram a velhice como algo positivo, enquanto as mulheres relataram mudança, considerando a aposentadoria como um momento de crise. Os homens valorizam esse momento demonstrando as vantagens da aposentadoria. Acredita-se esta situação dos homens na questão da aposentadoria se deva ao fato de se fazerem que está tudo bem, embora passa até não estar. Já as mulheres levantam a questão com mais clareza adequando que o que recebem mal dá para a mínima manutenção.

---

<sup>19</sup> Preparado artesanal à base de ferro (rapadura, folhas de girassol, semente de gergelim, mel, casca de ovo, etc.) para evitar a desnutrição (este preparado teve início pela pastoral da Igreja Católica)

## ELEMENTOS DA REPRESENTAÇÃO DA VELHICE E APOSENTADORIA, ENTRE HOMENS E MULHERES APOSENTADOS

MULHERES	HOMENS
“A menopausa veio cedo, o cabelo começou a embranquecer...”. (Idosa A da Casa Geriátrica)	“Apesar de ter 75 anos eu não tive a sensação de estar velho...”. (Idosa M PSF M do José e Maria)
“É uma parte da vida que a gente vai envelhecendo, perdendo parte das forças juvenis...”. (Idosa I da Casa Geriátrica)	“... eu não, eu pratico esportes. Ainda sou bom em várias coisas...”. (PSF P do José e Maria)
“... a impressão que eu tenho é que não se dá a devida consideração...”. (Idosa E da Casa Geriátrica)	“Não, [eu não sou velho] absolutamente. Eu estou completamente ativo (...) afinal de contas estou vivo! Muito vivo!”. (PSF S do José e Maria)
“O idoso é um pouco rejeitado, não se dá a ele oportunidade de manifestar a potencialidade que ele tem ainda em relação à vida”. (Idosa E da Casa Geriátrica)	“Há velhos aos trinta e há jovens aos oitenta anos. Me encontro entre esses últimos...”. (PSF T do José e Maria)
“Esses sentimento de não querer ser um fardo para os outros, eu acho que é o pior de tudo”. (Idosa C PSF do José e Maria)	“A velhice é um problema pessoal e espiritual...”. (Idoso G da Casa Geriátrica)
“... eu entendo de uma maneira muito dolorosa. Eu acho que a gente não se prepara pra essa fase da vida, que é muito difícil”. (Idosa N PSF do José e Maria)	“Me tratam muito bem, com muito respeito”. (Idoso G da Casa Geriátrica)
“... acho que a minha vida ficou confusa, transtornada com a aposentadoria...”. (Idosa C PSF do José e Maria)	“Muitas vezes me cuidam com um certo cuidado”. (Idosos G da Casa Geriátrica)

Fonte: Idosos da casa geriátrica de Petrolina e o grupo de terceira idade do PSF José e Maria Petrolina, em 2002/2003.

### 2.4.3 – Do Envelhecimento

Quando se fala de envelhecimento, vêm à tona certos questionamentos, como: em que momento da história começa-se a refletir sobre o envelhecimento e a finitude da vida? Perplexos diante dessa realidade, confrontam-se com questões da existência

humana. O que fazer para se reencontrar o conforto que o véu da ilusão da imortalidade e juventude eterna proporcionava? Será possível encontrar algum sentido no viver/envelhecer?

Segundo Martin Grotjhan (apud Beauvoir 1970, p. 12), “nosso inconsciente ignora a velhice. Alimenta a ilusão da eterna juventude”. Desse modo, se é surpreendido quando o outro se identifica como o idoso, o velho. Existe, em princípio, um descompasso entre a visão que a pessoa tem de si mesma, que tende a se auto-avaliar positivamente, a visão que ela tem dos seus companheiros de idade cronológica e a visão que estes possuem em relação a ela. A pessoa não percebe em si mesma as mudanças do envelhecimento; só as identifica no outro, quando, necessariamente, viver implica envelhecer.

Para Secco, “é pela rejeição da sociedade em relação a ele que o indivíduo começa a conceber-se como idoso”, isto é, a partir de uma construção social negativa, daquilo que ele já não mais é para o outro, daquilo que ele já não pode mais atender, ou ainda, daquilo que o outro e ele mesmo rejeitam para si, enquanto estereótipos negativos da velhice, que o indivíduo se percebe envelhecendo. A sociedade pode funcionar, assim, como um espelho cruel que busca impor uma imagem preconcebida, obrigando-a a olhar para o que não quer enxergar. (apud Guerreiro e Rodrigues, 1996, p. 52)

Numa sociedade em que o envelhecer distancia o indivíduo do ideal de homem concebido (Lima & Viegas, apud Guerreiro e Rodrigues, 1996, p. 52), onde a busca do prazer é priorizada a qualquer custo, em que a dor, o sofrimento, devem ser rapidamente interrompidos, demandando intervenções imediatas (Illich, 1975 apud Guerreiro e Rodrigues, 1996, p. 52), e em que o ideal de saúde perfeita é almejado, escamoteando as nossas reais fragilidades (Sfez, 1996 apud Guerreiro e Rodrigues, 1996, p. 52), a velhice é maldita.

O envelhecimento tem, sobretudo, uma dimensão existencial e, como todas as situações humanas, modifica a relação do homem com o tempo, com o mundo e com a sua própria história, revestindo-se não só de características biopsíquicas, como também sociais e culturais (Beauvoir, 1970, p. 15).

Sabe-se que o processo de envelhecimento está associado a uma maior suscetibilidade física e emocional. É certo que a expressão dessas suscetibilidades encontra-se na dependência da complexa interação de fatores físicos, psicológicos, sociais, econômicos e culturais, tornando o envelhecer, por um lado, um processo extremamente individualizado e, por outro, marcado pelos padrões socioculturais de uma época. Assim sendo, a maneira como o grupo social encara a velhice, como interpreta os adoecimentos e como lida com a perspectiva da morte interfere, sobremaneira, na vida de cada indivíduo em sua auto-imagem, na relação consigo mesmo, na sua capacidade de construir seu próprio caminho, de se adaptar ao meio ou transformá-lo em seu benefício e na sua relação com os outros, idosos ou não. (Ibid., p. 52)

Atendendo às respostas, tais considerações possibilitam perceber o terreno em que as mudanças biológicas ocorrem e entendê-las, não como uma força única, que se processa isoladamente, mas sujeitas também ao conjunto de forças que atuam na vida do homem. Assim, o determinismo das perdas biológicas rege o conjunto de outros declínios e se apresenta como um processo interacional e multidimensional, que inclui transformações constantes que podem ser interpretadas, simultaneamente, como ganhos e perdas. Desse modo, redimensionando esse momento da existência no curso da vida, pode-se descortinar um universo de potencialidades e possibilidades de transformações que são inerentes ao viver.

Pensar numa trajetória de envelhecimento bem-sucedido leva a refletir sobre o ideal de manutenção da autonomia, sobre a possibilidade de o indivíduo seguir o curso de sua vida, mantendo a concepção de sua identidade e de sua capacidade de interagir no mundo, fazendo opções ajustadas às suas necessidades, reconhecendo que é também autor de uma história singular que está continuamente sendo construída e dá sentido à sua existência etc. Nesse contexto, a velhice assume um papel de relevância, entre outros aspectos importantes na manutenção da autonomia, fazendo da produção de conhecimento, nessa área, fonte valiosa de subsídios para o entendimento e melhor aproveitamento das suas potencialidades do ser humano.

Para Guerreiro e Rodrigues, o ser humano vive o desafio do novo, em qualquer idade, vive o drama da dualidade entre o impulso de se lançar num mundo novo e o

conforto de se acomodar num universo já conhecido. O novo, o desconhecido, se por um lado, desperta a curiosidade, proporciona a aventura de descobertas e o prazer da liberdade, por outro, é gerador de dúvidas, incertezas e temores. Dá-se o sentimento de fragilidade sem o domínio das regras do jogo, a perda do controle, assusta. O mundo conhecido define uma zona de conforto em que é sentida como donos da situação, tranquilos, fortes, possuidores de verdades. Esse sereno conforto, porém, pode velar a uma acomodação cristalizada. (1996, p. 57)

Comenta ainda que, quando crianças, lidam-se com esse conflito, abrandando o temor com a perspectiva do prazer. Deste modo, se vai, pouco a pouco, conquistando o mundo. A aprendizagem acontece entre as brincadeiras e as horas de dever, reforçando a confiança e ampliando o território de domínio, a zona de conforto. Quando adultos, à medida em que se realizam os sonhos, tende a ter mais reservas diante do desafio de envolver-se com o (novo). Aprender sim, mas desde que não seja muito (ameaçador). A zona de conforto se torna cada vez mais sedutora, dificultando a saída para a conquista de novos territórios. Para muitos, o passar dos anos acaba definindo a situação. Ao dizer não à aventura da aprendizagem, encastela-se num universo de conhecimentos e verdades, fecha-se para a vida, desperdiçando a oportunidade de um contínuo aprimoramento pessoal, na ilusão, ou justificativa, de que já não há mais o que aprender. Em consequência, restringir as possibilidades de interação e deixar de “alimentar” adequadamente com estímulos o cérebro, favorecendo a rigidez do pensamento, a estreiteza da percepção e, por fim, a consolidação de um quadro de embotamento intelectual. (Ibid., p. 58)

Guerreiro e Rodrigues aborda sobre um olhar para o social observando que as perspectivas do envelhecer favorecem o recrudescimento de inquietações que afligem o ser humano, desde os primórdios de sua existência. Pode-se encontrar, nas permanências culturais, elos de afinidades entre o homem de hoje e seus antepassados que ao se verem diante da doença, da velhice e da morte, expressam as mesmas dores, as mesmas inquietações, os mesmos temores. (ibid., p. 58)

A velhice é a pior desgraça que pode acontecer a um homem (autor egípcio, citado por Vargas, 1994). As permanências culturais atravessam as barreiras geográficas e



as fronteiras do tempo. Nesse contexto, as palavras expressas por um egípcio há 2500 a.C. ecoam até hoje, com aparência tão familiar. Pois envelhecer requer alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo. Tais alterações são naturais e gradativas. Fica evidenciado, nesta pesquisa, que as características físicas do envelhecimento, as de caráter psicológico também estão relacionadas com a hereditariedade, com a história e com a atitude de cada indivíduo. As pessoas mais saudáveis e otimistas têm mais condições de se adaptarem às transformações trazidas pelo envelhecimento. Elas estão mais propensas a verem a velhice como um tempo de experiência acumulada, de maturidade, de liberdade, para assumir novas ocupações e até mesmo de liberação de certas responsabilidades, conquistando o seu direito de cidadania a cada dia que passa.

As crenças e os mitos negativos sobre o envelhecimento atuam gerando expectativas desfavoráveis e, mais do que isso, podem se comportar como verdadeiras profecias direcionando o curso de uma história de vida. (Levy & Langer, apud Veras, 1999, p. 59) É por este motivo que serão abordados alguns dos mitos que se referem à capacidade dos idosos dando ênfase à questão social.

## 2.5 – OS MITOS E A QUESTÃO SOCIAL

Ao questionar os mitos e a questão social sejam feitas as seguintes considerações: Almejam-se as mais variadas formas de “viver bem”. Desejam-se muito tempo de vida, e se esse viver implica, necessariamente, envelhecer, será possível envelhecer mantendo as capacidades intelectuais e a autonomia necessária ao gerenciamento das vidas?

Esta resposta pode ser dada através de muitos estudos nesta área que se voltam, hoje, para as potencialidades e limites no curso da vida, abrindo fronteiras que possibilitam o surgimento de modelos de envelhecimento bem-sucedidos. Muito antes, porém, que a ciência se propusesse a tratar dessas questões, o homem, diante de suas inquietações, buscou respostas na teologia e na filosofia, encontrando em ambas importantes espaços de reflexões sobre suas capacidades e o sentido de sua existência. Nas artes, pode retratar e vivenciar a experiência do envelhecer com toda sua riqueza e diversidade. Mas foi ao homem comum que

coube a concretização dessas possibilidades, e, hoje, a observação dessas trajetórias é um dos caminhos pelos quais a ciência se propõe a entender e a traçar parâmetros para o envelhecimento bem-sucedido. (Guerreiro e Rodrigues, 1996, p. 60)

Em sintonia com o desafio do desenvolvimento de propostas de envelhecimento bem-sucedido, o intuito aqui será, num esforço, o de reunir contribuições oriundas de diversas áreas da ciência, da amplitude de questões que este tema suscita, ou seja, procurar “quebrar” mitos que geram expectativas negativas nos idosos, com a finalidade de reinventar a vida, na busca do envelhecimento bem-sucedido.

A seguir, alguns mitos referentes à capacidades dos idosos, de acordo com os estudos de Guerreiro e Rodrigues (1996, p. 60-65)

Mito 1: Sabendo que, com o passar dos anos, perdem-se neurônios e que essas células não se multiplicam, imagina-se o dia em que poucas restarão, comprometendo nosso raciocínio e memória. Segundo Changeux (1991) a perda memorial ocorre, ao longo do tempo; estando associada ao processo de aprendizagem, o patrimônio memorial perdido não é renovado.

A perda que ocorre no envelhecimento fisiológico não compromete por si só o desempenho do adulto idoso (neste caso estão sendo considerados doenças que atinjam o sistema nervoso). (Changeux apud Guerreiro e Rodrigues, 1996, p. 61)

Com o passar dos anos, o desgaste é inevitável. Sabe-se que a velhice não é uma doença, mas sim uma fase na qual o ser humano fica mais suscetível às doenças. O segredo do bem viver, é aprender a conviver com essas limitações.

Mito 2: O esquecimento é sempre um sinal de que algo ruim está acontecendo no cérebro, na mente.

O esquecimento é um mecanismo fisiológico de eliminação de informações irrelevantes, sem o qual sobrecarrega o sistema desnecessariamente. Naturalmente, tende a eliminar os conteúdos que não tenham um importante significado afetivo ou

que sejam pouco utilizados. Na verdade, esse processo de eliminação inicia-se na própria percepção, isto é, capta-se mais facilmente aquilo que faz sentido nas vidas e deixa-se de perceber muitas coisas que não se afinam com a estrutura de percepção (Kastembaum, 1979, p.8). Com freqüência, atribuem-se, equivocadamente, os insucessos a falhas de memória quando, na maioria das vezes, a informação foi mal percebida ou sequer registrada, isto acarretando um descontentamento desnecessário para os idosos.

Mito 3: Com o envelhecimento, só se pode esperar o declínio de capacidades.

O reconhecimento das capacidades se mantêm estáveis e se aprimoram ao longo do envelhecimento à qual novos estudos se direcionam. Para Vargas (1994), a maior capacidade de aprendizagem em situações práticas e maiores habilidades para enfrentar o trabalho requer paciência, precisão, sagacidade, etc.) Algumas dessas características estão associadas à expressão de sabedoria nesse período da vida. No tocante à inteligência, se por um lado, existe um declínio na inteligência mecânica (associada a fatores biológicos, genéticos e de saúde), a inteligência pragmática (associada a fatores socioculturais) se mantêm estável, podendo, mesmo em idade avançada, expressar progresso. (Kastenbaum, 1979, p. 13) Com essa perda o indivíduo não deve se achar menos capaz e se forem observados os exemplos de adultos idosos que, no avançar da idade dão continuidade e/ou expandem a sua produção intelectual e artística, pode-se entender a importância da conquista permanente de recursos, ao longo da vida, (inteligência pragmática) que, além de amenizarem a expressão das mudanças biológicas, permitem ao indivíduo viver o auge de sua produção. Exemplo, os artistas de televisão famosos: Fernanda Montenegro, Eva Vilma, etc.

Mito 4: Para avaliar se a memória está normal, basta comparar nosso desempenho com o de outras pessoas.

Para Van der linder & Huper (1994 apud Guerreiro e Rodrigues,1996,p.63) as habilidades e capacidades são bem diferenciadas, quando comparadas às de outras pessoas. Alguns possuem especial talento no campo da música, enquanto outros se recordam facilmente de nomes. Uma mesma pessoa, em diferentes momentos de

sua vida, apresenta desempenhos distintos e isso pode acontecer em qualquer faixa etária. O desempenho do conhecimento em adultos idosos varia em função dos fatores próprios ao sujeito (seu nível escolar e intelectual, sua motivação, seus conhecimentos prévios sobre o assunto, sua saúde, sua personalidade, sua riqueza, sua estrutura, sua organização, sua dificuldade, etc.) e das condições de realização da tarefa, a velocidade e o modo de apresentação, as condições de recuperação etc.

Para Veras, avaliar a memória, é preciso dar, em primeiro lugar, crédito e observar em diferentes situações, procurando identificar o que se passa no mundo interior e nas circunstâncias que envolvem, a fim de entender melhor este desempenho. Em caso de insucessos mnésicos persistentes, é importante levar em conta a época em que surgiram, o comportamento de sua evolução (variável, estável, ou com piora progressiva) e como vêm comprometendo o desenvolvimento das atividades diárias para não se acomodar com perdas e limitações, justificando-as como sendo próprias do envelhecimento, deixando ao acaso o desenrolar de eventos que podem ou não expressar um estado patológico, passível de tratamento e, muitas vezes, reversível. (1999, p. 62) Atualmente, existem tratamentos a esse respeito em grande escala de sucessos.

Mito 5: O indivíduo idoso não é mais capaz de aprender coisas novas.

O aprendizado é possível para os idosos, estando sujeito à influência de fatores comuns ao aprendizado em qualquer idade e de outros, mais característicos deste grupo, associados às mudanças biológicas do envelhecimento. Essas mudanças são expressas na “lentidão no processamento de informações, interferindo na retenção e prontidão de resgate; cansaço precoce em tarefas que exijam a manutenção da concentração por longo período; maior sensibilidade às interferências, facilitando a ocorrência da distração; menor rendimento na execução de tarefas simultâneas; menor eficácia, por menor rapidez, no estabelecimento de novas estratégias de pensamento. Essas alterações modulam a performance do indivíduo sem que isso signifique comprometimento, incapacitação” (Guerreiro & Rodrigues, 1996, p. 63). Sabe-se, hoje, que o cérebro possui uma enorme plasticidade que permite a

contínua incorporação de novos conteúdos ao longo de toda a vida. É só questão de trabalhar o idoso nessa questão que ele é capaz.

Mito 6: Quanto mais se memoriza, mais se “gasta” a capacidade. É preciso economizar, memorizando só o que for mais importante.

A prática da memorização favorece o desenvolvimento de habilidades específicas. A realização de tarefas específicas de memorização facilita um melhor desempenho apenas no campo mnêmico correspondente. Por outro lado, o domínio de habilidades de memorização constitui um conhecimento diferencial que amplia diretamente (por favorecer o aumento da auto-estima, da autoconfiança e do prazer na aquisição de novos conhecimentos) a capacidade de aprendizagem. (Kastebaum, 1979, p. 75-7) Desse modo, a preocupação em poupar a capacidade de memória não se justifica, sendo importante ressaltar que a utilização equilibrada dos recursos cerebrais previne situações de stress decorrentes de sobrecarga de trabalho, atuando, assim, como fator promotor de saúde mental.

Mito 7: A saúde intelectual no envelhecimento encontra-se na dependência do consumo de complementos vitamínicos e outras drogas que previnam a deterioração do cérebro.

Apesar de inúmeras drogas promissoras estarem sendo pesquisadas para o tratamento de doenças neurodegenerativas, nenhum até o momento teve comprovada sua real eficácia. Por outro lado, o cuidado com a saúde em geral (estilo de vida saudável, controle de hipertensão e dos diabetes, tratamento das dislipidemias, da depressão, etc.) contribui de forma importante para a saúde do cérebro. (Kastebaum, 1981, p. 98-99)

No tocante ao uso de medicamentos que visem a deter ou a reverter o processo de envelhecimento, temos a dizer que, em toda a história do homem, nenhum procedimento foi ainda capaz de alcançar essas metas, por mais que tenham sido inúmeras e extravagantes as tentativas. Crenças equivocadas sobre o envelhecimento fazem parte de nossa cultura há milhares de anos e até hoje persistem, muitas vezes maquiadas, como a busca da fonte da juventude, que hoje

se expressa no consumo de panacéias modernas. Os “medicamentos para o envelhecimento” ressurgem hoje incorporados de maior valor simbólico, propondo-se proezas que deixariam Fausto, de Goethe, louco de inveja do homem do final do século XX. (Guerreiro e Rodrigues, 1996, p. 64-65)

Um outro aspecto relevante na promoção de um bom desempenho ao longo da vida, consiste nos cuidados de saúde, citados anteriormente, que permitem a melhor utilização do patrimônio biológico. Assim, os grupos de terceira idade do PSF do José e Maria utilizam a medicina preventiva, assumindo um papel marcante, atuando na promoção do estilo de vida saudável e propiciando a prevenção de doenças e disfunções que, direta ou indiretamente, podem trazer prejuízos aos idosos.

Neste contexto, verifica-se que há na verdade propagandas comerciais, mas o que é real, é uma boa qualidade de vida como, o cuidado com a saúde, o engajamento social, etc.

O engajamento social representa um aspecto diferencial no rumo de uma história de vida. Os sentimentos de utilidade, de identificação com os anseios e valores do grupo familiar e/ou social, de inserção e realização intrapessoal e interpessoal favorecem à vivência de um estado de plenitude e bem-estar que possibilita ao homem um reforço em seu sentido existencial, ajudando-o a perceber seu futuro como uma história em aberto, em construção. (Ibid., p. 66)

Para Kastembaum a acelerada produção de conhecimento e o desenvolvimento tecnológico da atualidade geram rápidas mudanças nas vivências, nas relações sociais e na maneira como lida com o universo interior. Estar em sintonia com essas transformações representa um grande desafio e o maior desafio se apresenta para aquele que se encontra fora do mercado de trabalho, numa faixa etária que já não atende mais ao perfil exigido pelo sistema; àquele em quem as mudanças associadas ao envelhecimento são percebidas, exclusivamente, como perdas e cujo papel familiar e social está sob questionamento. Nessas condições, facilmente se cai na armadilha do envelhecer = morrer, tornando o envelhecimento bem-sucedido, uma utopia.

Assim, para alguns, as mudanças não existem e, portanto, acontecem involuntariamente; para outros, representam oportunidades oferecidas pela natureza para o contínuo aperfeiçoamento da arte de viver. A grande variabilidade de atitudes, face às situações de vida e ao modo particular com que certos indivíduos encaminham, positivamente, as suas histórias, remetem-se à reflexão sobre o desenvolvimento da sabedoria no curso da vida.

Já os pesquisadores que estudam o envelhecimento cognitivo entendem essa capacidade como um modelo de expressão da inteligência pragmática (associada à impregnação sociocultural), capaz de compensar possíveis declínios associados às mudanças biológicas. Apesar de a sabedoria estar relacionada a um maior tempo de vida, a idade por si só não é suficiente para torná-la realidade – isso é um mito. A conquista da sabedoria é uma possibilidade e pode ser entendida como “um sistema de conhecimento especializado, o qual permite uma capacidade excelente de julgamento e aconselhamento envolvendo temas importantes e controvertidos da condição humana” (Baltes apud Veras, 1999, p. 68), sendo por isso, vista como um conhecimento diferencial o rumo ao ideal do envelhecimento bem-sucedido.

Por fim, a manutenção da curiosidade, da alegria interior, do interesse e da paixão pela vida pode contribuir em muito para uma vida plena ao longo da existência. O envelhecimento bem-sucedido é, portanto, para alguns uma utopia; para outros, uma possibilidade e uma realidade, nas palavras de Shakespeare apud Veras (1999, p.68):

Há homens que nunca parecem envelhecer. Sempre mentalmente ativos, sempre prontos para adotar idéias novas; satisfeitos e, contudo, querendo mais; realizados e, contudo, cheios de aspirações, sabem gozar o melhor do que há e ser os primeiros a descobrir o melhor do que há de vir.

Que seja possível contribuir para que as palavras de Shakespeare retratem cada vez mais a realidade. Em seguida, será abordada a questão da cidadania do idoso na perspectiva da dádiva.

## CAPÍTULO III

### CIDADANIA DO IDOSO

Na verdade, a problemática central é evidenciar que a terceira idade constitui uma nova expressão democrática. Através deste capítulo, objetiva-se perceber o fenômeno da terceira idade e sua relação com a constituição da cidadania, percebendo as formas de solidariedade entre os idosos e idosas; analisar o processo de institucionalização e as histórias de vida (já vistas anteriormente) na construção da cidadania e na perspectiva da dádiva. Tem-se a colaboração de Vieira (2001), Martins (2001-2003), Caillé (2002), Zimmerman (2000) entre outros.

Para Martins (2001), a Sociologia, mais recentemente, vem buscando ultrapassar as alternativas teóricas em que o espaço urbano deixa de ser visto como simples mecanismo funcional que se organiza em função das necessidades ou expectativas dos agentes passando a ser tratado como objeto dinâmico em permanente redefinição, feito pelos indivíduos que nele moram e que constroem dia após dia, ou seja, encaram a cidade seja como fenômeno histórico, seja como fenômeno social, ou como modo de organização das sociabilidades em geral. Tem-se a contribuição sociológica de Mauss (1924), na qual a cidade está presente nas interações humanas a partir do resgate do sistema social da dádiva. Esta para Caillé (1998) constitui o sistema de reciprocidade que tem como elementos estruturantes, obrigações x liberdade, interesse x desinteresse, funcionando a partir de uma relação tripartite: dar, receber, retribuir. Tais considerações são movidas pela liberdade e pelo desinteresse. (Martins, 2001, p. 15-18)

Quanto à cidadania<sup>20</sup>, Janoski apud Vieira (2001, p. 33) destaca três vertentes teóricas: A teoria de Marshall acerca dos direitos de cidadania; a abordagem de Tocqueville/Durkheim a respeito da cultura cívica; e a teoria marxista/gramsciana acerca da sociedade civil. A teoria de Marshall se faz presente neste capítulo, uma vez que foi a primeira teoria sociológica de cidadania ao desenvolver os direitos e obrigações inerentes à condição de cidadão.

---

<sup>20</sup> É a pertença passiva e ativa de indivíduos em um estado-nação com certos direitos e obrigações universais em um específico nível de igualdade. Janoski (1998) apud Vieira (2004)



Segundo Janoski (1998) o desenvolvimento de uma teoria pertinente e cuidadosamente elaborada se faz necessário com vista a três metas principais, trazidas à realidade dos idosos de Petrolina, são:

1º) proporcionar a oportunidade de analisar os segmentos sociais de Petrolina em uma perspectiva comparativa, de modo a auxiliar o desenvolvimento dos direitos, sobretudo os direitos de participação;

2º) possibilitar a explicação de aspectos da sociedade civil e da organização social. Uma teoria da cidadania tem o fito de organizar reivindicações dos diversos grupos sociais e prevê os resultados dos conflitos das diversas bases ideológicas;

3º) dar margem à compreensão do nexo de solidariedade que mantém o conjunto social. A cidadania do idoso presume a existência de uma sociedade civil inserida em redes e conexões entre pessoas e grupos, e ainda normas e valores que exerçam papel significativo na vida social. Afinal, a cidadania se desenvolve em comunidades de cidadãos responsáveis através da estrutura da sociedade civil.

A palavra cidadão tem vários sentidos. No sentido vulgar é quem mora na cidade, ex.: cidadão petrolinense, cidadão juazeirense, ou, em outra perspectiva, é todo desconhecido a quem se dirige para obter uma informação ex.: “cidadão que horas são?” Sob a ótica de responder a relação de cidadania com a democratização da terceira idade é interessante construir o conceito de cidadania a partir da noção de “direitos a ter direitos”, proposta, há décadas, por Hanna Arendt, filósofa alemã, segundo Marshall, que considera três gerações de direitos e se acrescenta mais uma, que é sugerida pela sociedade civil (Marshall apud Vieira, 2001, 33).

Os direitos de “primeira geração”, datados no século XVII, são considerados direitos civis, direitos à liberdade individual, direitos à igualdade, direitos à propriedade, direitos de ir e vir. Depois, a esses direitos foram acrescentados outros direitos, como os direitos políticos etc. Em seguida, vieram os direitos de “segunda geração”, na primeira parte do século XX chamados de direitos sociais, econômicos ou de créditos, como os direitos à habitação, trabalho, aposentadoria (idosos) etc. Verificaram-se conquistas democráticas já no século XX, com os direitos de “terceira

geração”, chamados de direitos “humanistas ou direitos à autodeterminação e à diferença”, conhecidos como o direito da minoria, tais como o dos idosos. Esses acompanham a complexidade da sociedade contemporânea mundializada. E nos dias atuais, os direitos “de quarta geração” que tendem a se expandir em grande velocidade no momento da mundialização (Scherer–Warrer apud Martins, 2001, p. 20).

Já Santos considera que um dos principais méritos de Marshall consiste na articulação que opera entre cidadania e classe social e nas conseqüências que dela retira para caracterizar as relações tensionais entre cidadania e capitalismo (2000, 244)

Por fim, Janoski apud Vieira (2001 p. 50), afirma que os indivíduos e seus grupos podem adotar valores diversos e pós-modernos e ainda demandarem a aplicação universalista de políticas estatais aos diversos grupos (ex. grupos de terceira idade), de gênero, idade, classe ou etnia. Enquanto muitas das teorias de cidadania requerem uma universalidade de direitos e obrigações, cada um desses direitos de fato beneficia certos grupos mais que a outros. Assim, a participação de uma diversidade de cidadãos expressa reivindicações, todavia, esses grupos pós-modernos poderiam mudar por novos direitos e obrigações, não só de forma a se beneficiarem especificamente, mas também a outros. É, precisamente neste sentido, que esses direitos se mantêm nas fronteiras de uma cidadania universal.

Assim, neste capítulo tem-se a intenção de levar ao conhecimento dos interessados e, principalmente dos idosos, a necessidade que se percebe na relação de velhice e cidadania envolvida na teoria da dádiva, redes de solidariedade, sendo enfocados os direitos dos idosos com a legislação pertinente ao assunto. É evidenciada a importância da convivência através de novas atitudes e o trabalho com grupos.

### 3.1 DÁDIVA E SOLIDARIEDADE

O estudo da dádiva<sup>21</sup> e solidariedade enfocando o idoso como objeto sociológico, não é ainda muito freqüente, pelo menos no Brasil. Existem colaboradores no estudo da dádiva e solidariedade como os sociólogos Martins (2001), Mauss (1999), Caillé (2002), entre outros.

Faz-se presente a estrutura da dádiva que constitui um sistema de trocas simbólicas e materiais. Essas trocas realizam-se em três movimentos: dar, receber e retribuir. Diferentemente de Weber e Simmel, que estruturam a ação social a partir de um movimento diádico, Mauss (1999) a concebe a partir de um movimento triádico: de doações, recebimentos e devoluções de bens simbólicos e materiais. O sistema da dádiva funciona a partir de dois pares opostos: interesse x desinteresse; liberdade x obrigação. Sobre o par interesse x desinteresse: existem vários interesses econômicos e material pelo poder, pelo prestígio, pela honra, por si, pelo outro, mas igualmente gratuidade na ação. Sobre o par liberdade x obrigação: existe entrar ou não na relação igualmente pela obrigação de se permanecer nela desde que se contrai uma dívida simbólica; ninguém é obrigado teoricamente a dar, receber ou retribuir um bem, mas existe interesse prático de se obrigar mutuamente para se alimentar o vínculo social. “O paradigma da dádiva transforma o Dom (o símbolo, o político) no operador privilegiado” (Caillé, 2002, p. 192-3)

A dádiva dá a sua contribuição na velhice, pois ela se encontra presente nas origens das iniciativas espontâneas e os grupos pesquisados constituem um exemplo, revelado à presença de uma dinâmica humana incondicional que se reproduz mesmo sob o ataque da lógica individualista e utilitarista.

De acordo com os níveis de operacionalidade da dádiva em que ela opera nos planos das sociabilidades, quer seja sociabilidade primária encontrada nas famílias,

---

<sup>21</sup> **Definição sociológica:** qualquer prestação de bens ou serviços efetuada sem garantia de retorno, tendo em vista a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social. na relação de dádiva, o vínculo é mais importante do que o bem. **Definição geral:** toda ação ou prestação efetuada sem expectativa, garantia ou certeza de retorno; por esse fato, comporta uma dimensão de gratuidade. O paradigma da dádiva insiste sobre a importância positiva e normativa, sociológica, econômica, ética, política e filosófica desse tipo de ação e de prestação.

amigos, vizinhos, etc. na qual delimita diretamente a sobrevivência da instituição social, quer seja a sociabilidade secundária encontrada no estado, mercado, ciência na qual delimita indiretamente a sobrevivência da instituição social, através de contratos coletivos e das leis jurídicas (assunto a ser comentado no próximo subtítulo). (Caillé, 2002, 195-6)

Esta dádiva está presente como exemplo, na sociabilidade primária Ex.: (grupos de idosos) abrindo um espaço de reorganização na sociedade civil. Segundo Caille citado por Martins( 2001, p. 28), a dádiva permite a formação do dar, receber e retribuir, através das amizades, relações de parentesco, camaradagem e vizinhança, em que se tem a liberdade, a obrigação, o interesse e o desinteresse. É o que encontra-se no campo de estudo desta pesquisa, não só no grupo de terceira idade, como também na casa geriátrica de Petrolina, onde existe a dádiva, sendo operador na sociabilidade primária. Como o idoso que recebe aposentadoria e se doa para o sustento de sua família e não solicita troca, ele têm essa doação como manutenção do vínculo familiar, sua troca está embutida num afeto que ele espera receber, entre outros casos. Já na sociabilidade secundária, tem-se atualmente, o Estatuto do Idoso que através do amparo legal dá uma proteção especial ao idoso, este, por sua vez, sente-se lembrado, prestigiado e assistido.

Pelo estudo da dádiva, verifica-se que o bom direito constrói modelo de solidariedade, de suma importância para a sociedade brasileira, pois as novas práticas associativas abrem um espaço de articulação que antes não existia, como o trabalho de voluntários com idosos, utilizando práticas solidárias pelas próprias comunidades, sabendo que essas iniciativas são espontâneas, ocasionadas individual ou coletivamente, sem que haja necessariamente relação direta com as políticas estatais ou mercadológicas. Possibilita, com isso, o surgimento de uma esfera cívica e democrática, inédita como referência (Martins, 2001, p. 20). Percebe-se que na existência da cidadania democrática há três elementos básicos: a) a igualdade; b) diferença em sentido amplo; c) justiça social.

De início, vem a igualdade, dando uma idéia de universalidade para todos. Já a diferença permite observar alguns idosos que se sentem mais marginalizados que outros, em razão da exclusão social porque passam, quer seja em suas famílias,

quer seja na sociedade em que vivem. A idéia de justiça social, no reconhecimento da igualdade e da diferença além da articulação entre ambas, procura dessa maneira resgatar o humanismo na elaboração da cidadania democrática, abrindo-se com isso o direito de o ser humano viver com dignidade com sua família, vizinhos, amigos, parentes ou com a sociedade. (ibid., p. 20)

Baseados neste conceito, percebe-se que através da solidariedade ela se faz presente nas sociabilidades implantadas na dádiva. Não poderia falar em dádiva sem citar redes sociais. Para início, tem-se como noção de rede, como sistema regido pela dádiva que permite o avanço da discussão teórica em dois sentidos: - os diferentes níveis de rede e desenvolvimento de uma metodologia. A rede pode vir expressa em sentido comum como exemplo redes de ensino, rede ferroviária (não faz parte do estudo) e rede em sentido sociológico, que compreende como o fenômeno social possui regras próprias de funcionamento. São consideradas redes, os movimentos nas sociedades complexas, como exemplo: ponto de encontro (grupos de terceira idade); circuitos de solidariedade (preparo da multimistura pelos idosos aos desnutridos e gestantes). É encontrada na família, com os amigos, relações do trabalho, de inserção comunitária e através das práticas sociais como comenta Sluzki C. A rede social na prática sistêmica. A casa do Psicólogo (1997, p. 37) no texto de Martins (2003, p. 8)

Existem diferentes tipos de redes sociais, como exemplo, as redes sócio-técnicas, que atuam em um nível técnico-organizacional, as redes sócio-institucionais que atuam ao nível político institucional, tendo como principal função a garantia do pacto de governança, está presente nas trocas de informações e de cruzamento de informações, e as redes sócio humanas, que atuam a nível interpessoal, tendo como principal função a garantia do pertencimento social e podem ser desenhadas a partir das modalidades de relações interpessoais que se estabelecem no plano local entre os membros de um sistema. (Ibid., 2003, p. 9-10)

O tipo de rede social na qual faz parte o objeto de estudo é da rede sócio-humana. Encontra-se na pesquisa, relações positivas ou negativas, entre familiares, vizinhança, membros de associação informal como exemplo grupo do PSF, etc. todos compreendidos na perspectiva da dádiva (dar, receber, retribuir) de alguma

forma ligadas em redes sociais de solidariedade, proporcionando, com isso, uma nova ótica para a velhice.

A seguir, explicita o Direito do idoso onde se faz presente a legislação pertinente ao assunto.

### 3.2 OS DIREITOS DO IDOSO

Nas culturas orientais, os idosos são profundamente respeitados pelos conhecimentos que recolheram durante a vida, podendo, desta forma, ensinar aos mais jovens para que eles possam aprender como ultrapassá-lo, escolhendo melhor a direção a seguir.

No Brasil, por outro lado, as pessoas que atingem a faixa da “terceira idade” deixam de ser ouvidas e, muitas vezes, não são respeitadas (o que é mais triste) por serem consideradas ultrapassadas, deixam de participar ativamente da vida em sociedade; como se toda a experiência, lutas e conquistas de uma vida de nada servissem. Infelizmente, aqueles que se encontram fora da população alvo deste trabalho talvez não se lembrem ou não acreditem que um dia serão mais um a integrá-lo, sendo irrefutável que sua eventual inclusão no mesmo, constitui uma bênção Divina, um Dom, merecedora de toda a gratidão. Na perspectiva da dávida, Cecília Meireles, no poema “Retrato” (transcrito abaixo), bem descreve a surpresa daqueles que se deparam com as mudanças ocorridas entre a juventude e a maturidade, perplexos quando verificam que não perceberam as transformações advindas do tempo:

*“Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro  
nem estes olhos tão vazios  
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida a minha face.?”*

Neste momento, em meio à situação descrita de forma poética, verdadeira para o idoso que se sente sozinho e desprotegido, é preciso reagir e acreditar nas outras verdades que a vida mostra àqueles que crêem na possibilidade de melhores dias, frente às adversidades reais.

Uma das questões mais importantes para a vida de qualquer pessoa é a que diz respeito aos seus direitos, sejam eles individuais – aqueles que interessam a cada um de nós particularmente; sejam eles coletivos – aqueles que dizem respeito a toda a sociedade. O Direito do idoso é um tema que merece bastante atenção. Muitas vezes, dúvidas surgem e as pessoas se sentem incapazes de dirimi-las, pois não sabem como resolver determinada situação aflitiva, aparentemente contrária aos interesses, mas representa um verdadeiro direito, capaz de assumir relevância jurídica e, por isso, passível de ser defendido, em última análise, judicialmente.

Auxiliar os que se encontram nessa situação, levando-os a melhor entenderem e conhecerem seus direitos constitui o proposto deste subtítulo como um primeiro passo, sem aprofundar-se nas questões aqui tratadas, porque não é essa a finalidade. Assim, principalmente os idosos devem conhecer seus direitos e exigí-los da sociedade, para que tenham preservado o respeito, a dignidade e a consideração que merecem. Além disso, devem participar, ativamente, em todas as esferas do governo para fazer valer e garantir os seus direitos.

Através do Estatuto do Idoso (recentemente instituído), destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade superior a 60 anos, menciona-se alguns dos direitos dos idosos que operam no plano das sociabilidades secundárias, que delimitam, indiretamente, a sobrevivência da instituição social.

De acordo com a legislação, o idoso goza de todos os direitos inerentes à pessoa humana, sendo assegurada a vida, saúde física e mental, seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade, sendo estes obrigação da família, da comunidade e do poder público assegurar. Outras

legislações contemplam o idoso, embora se trate de pesquisa científica. Não se pretende detalhar a legislação, só alguns dos direitos serão comentados para dar a noção de como a sociedade está se preparando para esta nova população que cresce anualmente.

### **O IDOSO TEM DIREITO À VIDA**

- A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar o idoso, garantindo-lhe o direito à vida;
- O filho maior tem o dever de ajudar a amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade;
- O poder público deve garantir ao idoso condições de vida apropriada;
- A família, a sociedade e o poder público devem garantir ao idoso acesso aos bens culturais, participação e integração na comunidade;
- O idoso tem direito de viver, preferencialmente, junto à família;
- O idoso deve ter liberdade e autonomia.

### **O IDOSO TEM DIREITO AO RESPEITO**

- O idoso não pode sofrer discriminação de qualquer natureza;
- A família, a sociedade e o Estado têm o dever de:
  - assegurar ao idoso os direitos de cidadania;
  - assegurar sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar;
  - os idosos devem ser respeitados pelos motoristas de ônibus, no atendimento às suas solicitações de embarque e desembarque, aguardando sua entrada e saída com o ônibus parado;
- todos os estabelecimentos comerciais e de prestação de serviço deverão dar preferência ao atendimento ao idoso, devendo ter placas afixadas, em local visível, com os seguintes dizeres: “Mulheres gestantes, mães com crianças de colo, idosos, e pessoas portadoras de deficiência têm atendimento preferencial”;
- as farmácias devem ter assentos de braços especiais para os idosos, mulheres grávidas e deficientes.



- os órgãos municipais da administração direta, indireta e os ônibus deverão ter afixado em local visível uma placa com os dizeres: **“Respeitar o idoso é respeitar a si mesmo”**.

## **O IDOSO TEM DIREITO AO ATENDIMENTO DE SUAS NECESSIDADES BÁSICAS**

- À aposentadoria após completar o tempo de serviço de 35 anos para os homens e 30 anos para a mulher;
- À aposentadoria proporcional por idade 65 anos para os homens e 60 anos para as mulheres;
- Ao benefício de prestação continuada, se tiver idade superior a 67 anos e não possuir outras rendas e sua família não dispuser de meios para assisti-lo;
- Receber apoio jurídico do Estado, se não tiver meios de provê-los;
- Acolhimento provisório através de Centros-Dia, e/ou Classe-Lares;
- Ser atendido nos plantões sociais da Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar Social, recebendo orientação, encaminhamentos, óculos e documentação;
- Os idosos inscritos no Programa de Atendimento à Terceira Idade da Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar Social – FABES – têm o direito de receber “O leite para a Vovó”.

## **O IDOSO TEM DIREITO À SAÚDE**

Poder público deve:

- garantir ao idoso acesso à saúde;
- Criar serviços alternativos de saúde para o idoso;
- Prevenir, promover, proteger e recuperar a saúde do idoso;
- O idoso tem direito ao atendimento preferencial nos postos de saúde e hospitais municipais, juntamente com as gestantes, deficientes, devendo os mesmos serem adaptados para o seu atendimento;
- O idoso tem direito de ser vacinado, anualmente, contra gripe e pneumonia;

- O idoso deve ser informado sobre a prevenção e controle da osteoporose.

## **O IDOSO TEM DIREITO À EDUCAÇÃO**

- dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

Aos órgãos estaduais e municipais de educação compete:

- implantar programas educacionais voltados para o idoso, estimulando e apoiando, assim, a admissão do idoso na universidade.
- Incentivar o desenvolvimento de programas educativos voltados para a comunidade, ao idoso e sua família, mediante os meios de comunicação de massa;
- Incentivar a inclusão dos programas educacionais de conteúdo sobre o envelhecimento;
- Incentivar a inclusão de disciplinas de Gerontologia e Geriatria nos currículos dos cursos superiores;
- O idoso tem o direito de participar do processo de produção, reelaboração e fruição dos bens culturais;
- O saber do idoso deve ser valorizado, registrado e transmitido aos mais jovens, como meio de garantir a sua continuidade, preservando-se a identidade cultural.

## **O IDOSO TEM DIREITO À MORADIA**

Aos órgãos públicos, no âmbito estadual e municipal, cabe:

- Destinar, nos programas habitacionais, unidades em regime de comodato ao idoso, na modalidade de casas-lares;
- Incluir nos programas de assistência ao idoso, formas de melhoria de condições de habitabilidade e adaptação de moradia, considerando o seu estado físico e sua independência de locomoção;
- Elaborar critérios que garantam o acesso da pessoa idosa à habitação popular;
- Diminuição de barreiras arquitetônicas e urbanas.

## **O IDOSO TEM DIREITO À JUSTIÇA**

- Todo cidadão tem o dever de denunciar à autoridade competente qualquer forma de negligência ou desrespeito ao idoso;
- Ao Ministério da Justiça (nos âmbitos estadual e municipal) compete zelar pela aplicação das normas sobre o idoso, determinando ações para evitar abusos e lesões e seus direitos, assim como acolher as denúncias para defender os direitos da pessoa idosa junto ao Poder Judiciário.

## **O IDOSO TEM DIREITO AO TRANSPORTE**

- O idoso, homem com 65 anos e mulher com 60 anos, está isento do pagamento de tarifa em todas as linhas urbanas de ônibus e trolebus operados pela SP Transporte e empresas particulares permissionárias de serviço de transporte coletivo;
- Todos os veículos empregados nas linhas de transporte coletivo de passageiros, no município de São Paulo, deverão ter os quatro primeiros lugares sentados, da sua parte diante reservado para uso por gestantes, mulheres portando bebês ou crianças de colo, idosos e deficientes físicos.

## **O IDOSO TEM DIREITO AO LAZER**

- Os aposentados e idosos têm direito à meia-entrada para ingresso nos cinemas, teatros, espetáculos e eventos esportivos realizados no âmbito do município de São Paulo;
- Foi instituído, no âmbito do município de São Paulo, o passeio turístico gratuito para as pessoas com mais de 65 anos de idade.

## **O IDOSO TEM DIREITO AO ESPORTE**

- As unidades esportivas municipais deverão estar voltadas ao atendimento esportivo, cultural, de recreação e lazer da população, destinando atendimento específico às crianças, aos adolescentes, aos idosos e aos portadores de deficiência;
- O município deve destinar recursos orçamentários para incentivar a adequação dos locais já existentes e a previsão de medidas necessárias,

quando da construção de novos espaços, tendo em vista a prática de esportes, de recreação e de lazer por parte dos portadores de deficiência, idosos e gestantes de maneira integrada aos demais cidadãos;

- A Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação realizará, no mês de setembro de cada ano, a Olimpíada Municipal da terceira Idade.

Esses direitos, em qualquer município, podem-se fazer valer, não só no município de São Paulo como nos outros também. Basta ter boa vontade dos gestores municipais. Eles estão contemplados no Estatuto do Idoso e em outras legislações pertinentes. A legislação do idoso, ou seja, o Estatuto do Idoso entrou em vigor a partir de janeiro de 2004.

### 3.3 A IMPORTÂNCIA DA CONVIVÊNCIA

Para Zimerman, a palavra convivência vem do latim: cum (com) + vivere (viver).<sup>22</sup> Viver com alguém, com alguma coisa, com idéia. Desde o dia em que nasce, está em contato com muitas pessoas. Trafega-se por diversos grupos, ocupando diferentes papéis. Uma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, filha, mãe, professora, vizinha, colega, amiga, ou seja, viver diferentes papéis simultaneamente. Isso faz com que a pessoa se sinta pertencer a algo, a alguém, ter importância ao desenvolver este ou aquele papel. Há uma troca permanente de afeto, de carinho, de idéias, de sentimentos, de conhecimentos, de dúvidas. A convivência é essencial para a terceira idade. Além desse aspecto da convivência, existe outro muito importante, que é a estimulação do pensar, do fazer, do dar, do trocar, do reformular e, principalmente, do aprender. Outro aspecto importante é o da atualização, da discussão, da busca de maiores conteúdos. (Zimerman, 2000, p. 34)

No grupo terceira idade do PSF José e Maria tudo isso tem como objetivo estimular os idosos física, mental e socialmente. Exercitam-se a memória, os sentidos, ganham confiança e auto-estima. O tempo que passam juntos é totalmente deles e estão em um ambiente que lhes garante aceitação e respeito, sentindo-se

---

<sup>22</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª edição. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

acompanhados, amados e seguros. Desenvolvem uma forte amizade e um grande companheirismo. Apesar das perdas que têm vivenciado, já há casos diferentes em que há pessoas que têm de ser ajudadas para poderem se adequar à sua nova situação, com pessoas treinadas (especialistas ou cuidadores) para dar-lhes a melhor qualidade de vida possível. Nesses casos, é fundamental que os familiares, o técnico e os cuidadores sejam uma família só. O entendimento, o caminhar junto, o respeito à pessoa e o bom manejo darão ao paciente tranqüilidade e segurança para enfrentar as adversidades. Na casa geriátrica de Petrolina-PE, existem voluntários que fazem o papel da família e atuam como cuidadores, inclusive, a Diretoria da Instituição Asilar. Todos engajados na perspectiva da Dívida: Dar – Receber e Retribuir.

Sendo o envelhecimento uma perda progressiva da eficiência funcional, há sempre uma necessidade de adequação à nova realidade. Além disso, não se deve esquecer que cada velho é um indivíduo diferente, que precisa de um programa pessoal de trabalho, de acordo com suas necessidades. Deve-se levar em conta seu passado, sua bagagem, suas perdas. Assim como seu presente, suas possibilidades, seus ganhos, seu respaldo psicossocial e econômico. Só assim se trabalha para que esse velho seja uma pessoa mais saudável, capaz de usar todas as suas potencialidades e ter uma vida mais feliz. (Ibid., p.35)

É baseado nestas questões que se faz importância em aprender a entender, respeitar e valorizar os velhos, deve-se conscientizar de alguns pontos básicos. É importante prestar atenção a alguns cuidados, tais como:

- 1 – Respeitar as individualidades, evitando as generalizações;
- 2 – Não infantilizá-los;
- 3 – Não tratá-los como doentes;
- 4 – Não tratá-los como incapazes;
- 5 – Oferecer-lhes cuidados específicos para sua faixa etária;
- 6 – Preservar sua independência e autonomia;
- 7 – Ajudá-lo a desenvolver aptidões;
- 8 – Ter paciência, pois seu tempo é outro, são mais lentos;
- 9 – Trabalhar suas perdas e seus ganhos;

10 – Promover muita estimulação biopsicossocial. (Zimerman, 2000, 47)

Nesta perspectiva, tem-se a compreensão de que quando se vive não individualmente e, sim, pelo próximo a sociedade só tem a ganhar, seja pela solidariedade, pela dádiva, pelo dom, etc. Neste subtítulo, tem-se a contribuição de Zimerman.

### **3.3.1 – Novas Atitudes**

É preciso parar de associar velhice com doença, morte, etc. Se os jovens de hoje tiverem outra percepção da velhice, certamente ter-se-á uma visão mais otimista do que foi construído pelos jovens.

Por isso é necessária uma mudança de atitude tanto dos velhos quanto dos jovens, para que se possa estabelecer um verdadeiro diálogo e uma convivência harmoniosa entre as diversas gerações. A sociedade é um sistema em eterna modificação, o que exige uma adequação, uma adaptação a cada mudança. É bom lembrar que, com o aumento da longevidade, hoje não é raro encontrar em uma mesma família quatro gerações convivendo ao mesmo tempo. (Zimerman, 2000, p. 71)

As atitudes dos indivíduos se formam através das normas e valores dos grupos sociais e da sociedade em que se vive. Nas diferentes culturas, os velhos desfrutam de status variados. Na civilização ocidental, por exemplo quase sempre existe tendência a valorizar-se mais o jovem, pois é aquele que mais “produz”. Já nos continentes africano e oriental, a sociedade é mais tradicional e define a velhice como a fase da sabedoria e da experiência, dando ocupação e destaque ao velho. Ele tem funções importantes nos campos jurídico, religioso, médico, educativo e econômico<sup>23</sup>.

Não se pode responsabilizar apenas a sociedade, os jovens, a falta de educação dada pela família e pela escola, esquecendo o papel do velho na transmissão da ideologia. Se ele se mostra sempre como alguém doente, deprimido, rejeitado,

---

<sup>23</sup> Ibid. 71

solitário e abandonado, será muito difícil ser aceito, pois não é fácil, nem agradável conviver com uma pessoa assim. Se o velho admitir que doenças crônicas são inevitáveis nessa idade e aceitá-las, ele se sentirá bem, procurará viver sua vida, buscando satisfações e, conseqüentemente, não será um doente solitário e abandonado, tornando-se uma pessoa desejável no contato com os outros.

A chave da mudança de atitudes está na própria família por meio da educação e da sensibilização para a importância de se discutir o relacionamento entre jovens e velhos. É importante considerar o conceito de velhice, as normas e os valores dos grupos sociais e da sociedade, a idéia sobre velhice transmitida de geração a geração e a própria postura do velho. É importante que sejam levados em conta conceitos como sabedoria, tranquilidade, aceitação, flexibilidade, responsabilidade e amor. Mas eles não podem ser vistos unilateralmente, ou seja, achando-se que apenas o outro deve ter esses atributos. Volta-se à necessidade de cada um se colocar no lugar do outro, entender e aceitar as diferenças. Assim surgem os “mal-entendidos”, que na verdade são resultados da falta de uma verdadeira compreensão do outro. Também interfere nesse processo a questão da troca de papéis entre pais e filhos, jovens e velhos. Não se pode deixar de mencionar a importância do reconhecimento e da aceitação dos limites de cada um, suas limitações, costumes, normas, regras e diferenças, além dos aspectos inconscientes, valores éticos, morais e religiosos. (Ibid., p. 72)

Sabemos que a diferença de idade não é motivo para divergências, existem avós ou avôs que são o referencial dos netos, seu ponto de apoio, como também jovens que percebem que eles são os orgulhos dos avôs e avós. Há também netos que não toleram os avós.

Esse caso revela a importância dos pais na relação entre avós e netos. Mesmo que tenham suas restrições e problemas quanto aos pais e sogros, sabe-se que não devem interferir na relação das crianças com os avós, deixando que elas próprias construam seus relacionamentos e escolham seus modelos. Acredita-se, também, que a rivalidade entre avós paternos e maternos não deve existir, pois prejudica a estabilidade das crianças. É comum avós disputarem o amor e a atenção dos netos, “comprando-os” com presentes e tentando ser os mais queridos.

Essa atitude é totalmente equivocada. Se os avós amam seus netos, possivelmente esses virão a gostar deles pelo que são, pelo modelo de pessoas e de avós que representam e não pelo que têm a oferecer materialmente. Da mesma forma, é muito mais importante para sua formação psicológica, social e afetiva que eles se sintam amados, que convivam com os avós, tanto paternos quanto maternos, que tenham idéias e sentimentos positivos a respeito. Os avós têm que estar mais preocupados com o bem estar de seus netos e não alimentar disputas egocêntricas para ver quem é o avô mais querido. Supõe-se que os avós, que viveram mais e têm mais experiência, saibam que os valores têm mais significado que os objetos materiais.

Parece ser condição indispensável para um bom diálogo entre as gerações o respeito, a comunicação e o afeto. Colocar-se no lugar do outro, viver o outro, é nutrir amor. (Ibid., p. 73)

A seguir, mostra-se o trabalho com grupo, por ser de suma importância para uma construção feliz da terceira idade.

### **3.3.2 O trabalho com grupos**

Sabe-se que o indivíduo é, por natureza, um ser gregário. Desde que nasce, vive em interação com outras pessoas e durante seu desenvolvimento passa por diferentes grupos: família, amigos, escola, trabalho. *“O velho, no decorrer da vida, transitou por todos esses grupos, devendo ter todas as condições internas e a necessidade de se filiar a um grupo de pessoas iguais a ele.”* (Zimerman, 2000, p. 74 )

Uma boa ilustração para o acima mencionado é o exemplo dos porcos-espinhos descrito por Freud em seu trabalho Psicoterapia de grupo e análise do ego:

Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia de frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros, e assim salvaram-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. Dessa maneira, foram impulsionados, para trás e para a frente, de um problema para outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual podiam mais toleravelmente coexistir. (Freud apud Zimerman, 2000, p. 75)



Em relação à dinâmica dos integrantes do grupo, o psicanalista inglês W. Bion diz que

Em qualquer situação de convívio ou de trabalho grupal existem sempre dois planos: o primeiro é o da tarefa propriamente dita executada por todos os participantes em um nível manifesto e consciente; um segundo, subjacente a esse, é onde estão os conflitos inconscientes existentes em cada um e todos do grupo. Esses conflitos latentes têm conteúdos e formas diferentes (dependência, inveja, medo, vergonha, rivalidade, submissão, exibicionismo, sadismo, masoquismo, etc.), podem emergir ao nível manifesto da tarefa operativa do grupo e perturbar sua interação entre os elementos do grupo, perturbando sua boa marcha.

Essa interação constitui-se em uma relação de dar e receber e retribuir (dádiva), o que leva os indivíduos a se modificarem constantemente. “É a ponte do ‘eu’ e do ‘você’, sem essa ponte o ser se desintegra, pode destruir-se a si próprio ou a terceiros de forma acintosa”. (Bion apud Zimerman, 2000, p.75)

Através da formação de grupos é que se dá, entre os seus componentes, a integração do indivíduo, possibilitando sua extensão individual como membro operante de seu grupo, de sua família, de sua comunidade, através das redes de solidariedade. Em outras, entende que pela formação de um vínculo com os elementos do grupo que lhes dê segurança, apoio, compreensão e liberdade é que se alcança o almejado: dar condições aos componentes do grupo para que se desenvolvam livre e sadiamente.

Um grupo só se torna grupo, isto é, mais do que a soma de indivíduos, quando desenvolve um determinado tipo de relacionamento, um vínculo, uma força que dá a ele um sentido de pretender. Em todo grupo, se produz uma força interna que regula a conduta dos seus membros e os faz-se comportarem de uma maneira peculiar, distinta do comportamento que assumiram os membros individualmente e distinta da interação de outro grupo qualquer.

As pessoas agem e se comportam socialmente permitindo a interação humana “para desenvolver a interação social, que é o processo pelo qual as pessoas se influenciam mutuamente, pela troca de pensamentos, sentimentos e reações”. (ibid. p. 75)

Nesta perspectiva, é por meio das experiências das interações e das oportunidades de vivências que surgirão mudanças no comportamento, tanto como indivíduos quanto como elementos do sistema. É no grupo que o indivíduo reconhece valores e normas, tanto os seus como os do outro, embora diferentes dos seus ou mesmo opostos.

Os grupos com idosos têm algumas peculiaridades. À medida que os anos vão passando, as perdas de pessoas aumentam e os grupos exigem uma reestruturação. O que acontece com muitos velhos é que, por uma série de razões, eles acabam não refazendo seus contatos e ficando sem seus grupos, sejam familiares, de trabalho, de lazer ou outros. Há uma grande necessidade de fazê-los participar de novos grupos e ajudá-los a se enquadrar naqueles que mais satisfação vão lhes dar, a fim de proporcionar aos idosos uma boa convivência na sociedade a qual está engajada.

Os grupos com velhos podem adquirir distintas modalidades, conforme as circunstâncias e os objetivos propostos por eles mesmos: 1) de integração; 2) com familiares; entre outros nessa pesquisa, só esses dois foram delimitados.

Os grupos de integração são assim denominados porque sua finalidade principal é a de reintegrar cada velho em sua respectiva família. Esse propósito é alcançado a partir de uma integração prévia entre seus participantes, a ser obtida no seio do grupo, por meio do estímulo à realização de tarefas coletivas e do assinalamento tanto das angústias e das falsas crenças que cercam a velhice como também do desempenho dos seus papéis e dos problemas dos mal-entendidos da comunicação. (Ibid, 76) Esses problemas acontecem, na maioria das vezes, até com os próprios familiares e também no grupo de terceira idade a que pertencem, ou até mesmo na casa geriátrica.

Durante o desenvolvimento das tarefas, nos grupos do PSF do José e Maria, percebiam-se resistências apresentadas por alguns, que derivam de uma forte desvalia e de um acentuado medo do fracasso (o grau mais preocupante da qualidade de vida é quando o velho está submerso em um estado mental que se pode denominar “desistência”). Neste caso, o idoso raramente se motiva, opondo-se

a qualquer iniciativa sob os mais diversos argumentos racionalizados. A experiência mostrou que o indispensável descongelamento desse estado de “desistência” se efetiva a partir dos estímulos solidários, provindos dos demais elementos do grupo, até porque eles falam a mesma linguagem e, por isso, se sentem mais compreendidos.

Já a família “descobre” quem é seu velho, necessidades, suas possibilidades, e o velho, também se descobre e aprende a se conhecer. Tem-se o somatório de muitas idades e o velho tem que descobrir e aproveitar a beleza de sua idade atual, usando o que todas as fases vividas têm para lhe ensinar. Ele precisa redescobrir seus gestos, suas limitações, suas possibilidades, suas vontades e seus objetivos de vida, principalmente, o de continuar vivendo, buscando, realizando e, assim, ser feliz. (Ibid., p. 80)

Para Zimerman (2000, p. 80), uma condição “*sine qua non*” do atendimento ao velho, é que existisse um gerontólogo e fosse incorporada por todos os participantes da equipe uma autêntica atitude interna, na qual prevaleçam a honestidade nas demonstrações afetivas, a aceitação e o respeito pelas limitações, angústias e possíveis ranzinzeiros do velho, assim como um estado de disponibilidade para prestar esclarecimentos, interagir em momentos difíceis e ajudar a elaborar progressivas perdas, que culminam com a possibilidade de sérias intercorrências de doenças orgânicas ou mentais e a inevitabilidade da morte.

O que deve ser feito neste contexto, é prestar esclarecimento à família e delinear uma linha de orientação segura e firme, para que a ansiedade da família comece a diminuir a patamares compatíveis com a relativa gravidade da situação. Os problemas que mais comumente observam os familiares do velho são devidos, principalmente, a uma generalizada falta de conhecimentos mínimos quanto aos problemas de ordem física, mental, social e de organização que cercam os velhos e a um descrédito nas capacidades que ainda existem no velho, embora elas tenham sido abandonadas e aparentemente, estejam perdidas, como acontece com os que, às vezes, vão para lá porque a família não os querem mais.

Esta última afirmativa introduz um importante problema, que a família deve conhecer muito bem, ou seja, a distinção entre o que, de fato, representa uma perda definitiva de alguma capacidade, as perdas que não são definitivas e que apresentam possibilidades de serem resgatadas parcial ou totalmente. Como consequência de uma subestimação, às vezes, total das capacidades e das potencialidades do velho, alguns familiares costumam centralizar todos os encargos. Ficam, assim, sobrecarregados, gerando um estado de ressentimento crônico, que, por sua vez, produz um círculo vicioso do velho desamparado e do familiar cada vez mais cansado. (Ibid., p. 81)

Comenta Zimerman, que além disso, as modificações no velho e, conseqüentemente, na estrutura familiar, processam-se por etapas, de sorte que os familiares deveriam estar preparados para partilhar os problemas novos e para colaborar na possível troca dos papéis que cabem a cada um. Para que se alcance essa qualidade de colaboração por parte dos familiares, torna-se indispensável participar de grupos com o grupo familiar, os quais, conforme a variação das circunstâncias, podem ser mensais, quinzenais ou ter outra periodicidade, orientando-os uns com os outros. (Ibid, 81) As reuniões de acompanhamento são importantes para a família se dar conta do que está acontecendo, bem como para elaborar a redistribuição de papéis e verificar a necessidade da entrada de outras pessoas (cuidadores) no caso.

O importante para cada família é seguir o ritmo, pois sua freqüência é determinada pelo próprio relacionamento familiar, pela ansiedade, pelas culpas, pela situação econômica de cada família e pelas mudanças no quadro do idoso. As reuniões são positivas, porque reduzem o nível de ansiedade dos familiares, trazem dados importantes para o acompanhamento, permitem analisar a situação e chegar a conclusões quanto às diretrizes para com o velho, a família e os cuidadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo oportunizou um melhor entendimento acerca do processo de envelhecer da população, a partir das representações dos idosos. Chega-se ao término deste trabalho consciente de que não se trata de uma produção acabada. É sim, um estudo que remete às novas investigações, esperando que seja entendido como indicativo de novas pesquisas, aquilo que aqui transpareça como possíveis lacunas.

É dentro de um contexto histórico, sócio-econômico e cultural que se dá a formação e o desenvolvimento das Representações Sociais acerca da velhice. As representações são sociais porque surgem pela interação dos grupos sociais em que as ações recíprocas dos indivíduos criam as associações – unidades nas quais os códigos e regras sociais que definem concepções e práticas são construídos, nutridos e mesmo renovados no processo de interação, pelos próprios sujeitos sociais. Para tal, aprender como o idoso representa e auto-representa a velhice nas relações sociais cotidianas através do saber do senso comum. Enfim, parecem estar se (re)descobrimo e buscando a auto-realização, obstinados a melhorar sua qualidade de vida.

Na busca da compreensão do que é ser velho, encontra-se a maneira de ser e de viver de alguns idosos, o que ajudou a empreender uma reflexão sobre um setor importante da vida social: a categoria velho, mas tratada de modo novo. Remexendo fantasias socialmente repartidas num diálogo – muitas vezes mudo ou inconsciente – entre velhos e sociedade, encontra-se velhos atuantes como nova categoria.

Ao estudar a velhice enquanto um fenômeno social, o objeto não foi esclarecer, mas fazer parte da discussão sobre um tema que se espera constituir um vasto campo de estudos que está a exigir atenção dos especialistas em Ciências Sociais, pois como diz Darcy Ribeiro, mesmo “aos troncos e barrancos” o Brasil é um país que envelhece.

Não se pode ignorar que uma parte, não pequena, das pessoas idosas vive em condições vergonhosas, porquanto contradizem os princípios e objetivos de uma sociedade que se diz democrática e defensora da dignidade humana.

Realmente, são muitos e mesmo demasiados, os idosos que se encontram numa situação de marginalidade e exclusão, que são considerados sem qualquer préstimo e, por isso, são atirados para o caixote das coisas inúteis. Porém, a marginalidade e a exclusão, parecendo mais graves nessa idade, têm gravidade bastante nas outras idades.

Deste modo, foram obtidas algumas categorias que traduziram o envelhecimento de cada indivíduo, permitindo observar que o envelhecer pode apresentar traços peculiares a cada um, porém manifesta muitas características comuns, tais como o período da degenerescência, o desengajamento social, a perda do poder de decisão e viuvez. Diante dessas características, identificadas nos depoimentos, percebeu-se que a qualidade de vida não está ligada somente aos fatores biológicos, mas aos sociais, familiares emocionais, dentre outros.

A qualidade de vida é o fator estratégico e integrador de um esforço global e abrangente da sociedade, de forma a reforçar o conceito do todo. De resto, a evolução da estrutura da população deve ser entendida como uma evolução do processo de qualidade ou qualificação da vida, da busca do aprimoramento da sua identidade e da construção do seu sentido, do prazer e da razão de viver.

Em suma, a política do futuro não poderá deixar de ter como uma das suas linhas centrais a configuração da vida segundo os interesses e as necessidades dos idosos. E, dentre as várias medidas de uma verdadeira política social, emergirá, certamente, a de lhes proporcionar uma atividade desportiva plena de sentido e significado. Que o estatuto do idoso seja posto em prática.

Como se sabe, a estrutura de condições sociais dos idosos tem uma correlação muito estreita com a sua condição corporal, espiritual e social e está sujeita a grandes alterações. Alterações da estrutura familiar, o corte brusco com muitas dimensões da vida provocado pela reforma, a conseqüente diminuição de contatos

sociais, a resignação, o isolamento e o decréscimo da capacidade de rendimento corporal são alguns dos fatores que jogam aqui uma influência decisiva. Ao cabo e ao resto, trata-se de pôr termo ao estereótipo negativo do idoso e de estabelecer uma melhor relação entre as expectativas da sociedade e as dos idosos. O desporto dos idosos não pode seguramente alterar as circunstâncias sociais, mas pode e deve, influenciar, positivamente, a atitude individual.

Refletir sobre a aposentadoria, já que é expressivo o número de idosos aposentados e pensionistas, é analisar mais uma etapa do desenvolvimento do homem no seu contexto. A preparação para a aposentadoria é um processo educativo, contínuo e deve estar relacionada a um planeamento de vida. Pela interdependência dos conteúdos do passado, presente e futuro, o tema interessa a qualquer idade sendo que deveria ser discutido pelo jovem que ingressa no mercado de trabalho e por aquele que passa a receber uma pensão sem a “necessidade” de continuar a trabalhar.

Uma comunhão de esforços entre governo, empresas e comunidade é fundamental para proporcionar o diálogo e os intercâmbios que levem em consideração as carências da comunidade e a perspectiva dos aposentados, enquanto receptores ou doadores de serviços.

Ao governo, principalmente tendo em vista a distribuição dos recursos e o aumento considerável do número dos aposentados, caberia, através dos ministérios da Educação, Saúde, Desenvolvimento Social e do Trabalho, junto com as empresas e a comunidade, promover pesquisas e discussões sobre a situação atual e futura do aposentado no Brasil, tendo em vista a ampliação dos recursos necessários e a busca de soluções que melhorem a vida de uma população que aumenta a cada dia, através de legislações pertinentes a este assunto, entre outras.

A terceira idade constitui uma nova expressão democrática, que objetiva perceber a sua relação com a constituição da cidadania, na qual foram explanadas as formas de solidariedade entre idosos e analisados os processos de institucionalização, todos engajados na perspectiva da dádiva. Percebe-se que o tema central desta

pesquisa envolveu a dádiva, uma vez que se procurou demonstrar que o idoso de hoje não é mais aquele das formas tradicionais (citadas anteriormente) e sim é o que através da tríade (dar, receber e retribuir) vive para a família, a sociedade. Embora eles não solicitem a troca diretamente, eles só querem se sentir amados, amparados ou seja, sentir-se gente, úteis, não só para a família como para a sociedade como um todo. Acredita-se que eles gostariam de usar um lema sempre: “ei pessoal, eu existo e posso ser útil.” É nesta perspectiva e em outras situações, a começar pela família que as trocas simbólicas do espírito da dádiva de todos os idosos esperam da vida, no reafirmar do tema central é, “O idoso e cidadania – o trabalho de reinvenção da vida.”

A sociedade tende a confrontar-se com a crescente reivindicação e afirmação de direitos de grupos especiais, notadamente dos portadores de deficiência, das crianças e de outras pessoas ligadas às novas e refinadas modalidades de marginalidade, ou seja, para além da heterogeneidade, também a complexidade dos problemas sociais parece não diminuir e constituir uma marca dos tempos vindouros. O desemprego e a exclusão, a violência, a insegurança e os problemas que lhes estão associados não vão desaparecer. (Embora não sejam tratados nesta pesquisa). Pelo contrário, surgirão em novas formas, bem mais difíceis de abordar do que as já conhecidas, não deixando, portanto, adormecer a necessidade de reflexão sobre a sociedade e a democracia, sobre o seu teor humanista e ético, sobre os valores e a sua razão de ser. Isso coloca à sociedade e às suas instituições, a obrigatoriedade de se abrirem à prestação de novos serviços e de redefinirem e atualizarem sua missão, inclusive fazer valer a legislação pertinente ao idoso.

Isso vale dizer que o idoso – e não apenas a criança e o jovem – deve constituir um destinatário privilegiado e, quiçá, o principal dos esforços científicos e pedagógicos, obrigando-se estes a colmatarem a manifesta insuficiência de fundamentações e conceitos atualmente vigentes. Não tanto por uma questão de brio, para não ficarem para trás, mas, sobretudo, por força das suas obrigações éticas e da sua incumbência humanista, como expressão do respeito pelo compromisso de contribuírem para a melhoria da vida e do homem – do homem todo e de todo homem, em busca de sua cidadania.



As alterações sociais ocorridas, das últimas décadas, trouxeram com elas algumas preocupações relativamente à população idosa, uma vez que levaram à criação de novos valores, atitudes e posições sociais que, de certa forma, entram em contradição com os valores e tradições dos membros mais idosos da sociedade.

Uma das grandes problemáticas em relação aos idosos é, exatamente, a opção entre o isolamento dos idosos em ambientes protegidos com características institucionais, como exemplo, a Casa Geriátrica ou a criação e desenvolvimento de novas alternativas que permita aos idosos envelhecer e morrer nos seus ambientes residenciais. O apoio domiciliário, deveria ser alargado a um período de sete dias por semana, 24 horas por dia (tal como já acontece em algumas instituições). Os centros de dia e de convívio com transporte, permitindo ao idoso que mora num local mais afastado ou tem problemas de locomoção deslocar-se até lá, para suprir as suas necessidades de convívio e outras, tais como a alimentação. A instituição com valência de Lar, mas que funcionem em regime de estada temporária, em que se o idoso tiver necessidade vai lá apenas passar uns dias, uma semana, um mês, mas depois volta para a sua casa. Afinal, não será preferível manter o idoso em sua casa, onde ele tem tudo aquilo que o satisfaz, mantendo a sua autonomia e integrando-o na sociedade, dando-lhe a possibilidade de poder contar com ajuda externa para tudo aquilo que ele próprio definir como necessário? Esse modelo parece ser o ideal.

Para finalizar, é de suma importância que temática como este seja lida, escrita, debatida, pois as pessoas muito têm a conhecer sobre a vida dos idosos, da sua cultura, do seu modo de pensar e, principalmente, de como contribuir com a sociedade, com o nosso país. Acredita-se que este papel já está sendo assumido por alguns programas de pós-graduação como o da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Elisabeth. Aspectos emocionais da aposentadoria. In: VERAS, Renato **Terceira Idade: Alternativas para uma sociedade em transição.** Rio de Janeiro: Relume Dumará UnATI/UERJ 1999.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. **A trama da vida, maturidade e gênero.** In Terceira Idade – Humanidades. Brasília-DF: UNB-Editora, 1999.

ASSIS, M. de. O envelhecimento e suas conseqüências sociais. In: CALDAS, Célia Pereira. **A saúde do idoso: a arte de cuidar.** Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa/Portugal:Edições 70, 2000.

BEAVOUR, S – **A Velhice.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENTO, Jorge O. Século do Idoso. O papel do desporto. In: BENTO, Jorge O. **Terceira Idade** – Humanidades. Brasília, DF: – UNB – Editora, 1999.

BERQUIÓ, Elza. “Alguns considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil.” **Anais do 1º Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional.** Brasília: MPAS, SAS, 1996.

BÍBLIA. Êxodo. Português. **Sagrada Escritura.** Tradução por Ivo Storniolo, São Paulo, Paulus, 1990-20.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade.** Lembrança de velhos. São Paulo: Edusp. 1994.

BOUDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico,** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL Projeto, de Lei do Senado n.º 629/99. **Dispõe sobre Política Nacional do Idoso**, Cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências, para incluir o capítulo – Direito do Idoso de autoria do Senador Paulo Hartung. PPS/ES, 1999.

\_\_\_\_\_. **Constituição Federal do**, de 1998 Art. 14§ 1º, INC. II, alínea “b”, art. 153 § 2º, inc. II ART. 203, inc. I a V, ART. 230, § 1º E 2º. Ed. atualizada, 2001

\_\_\_\_\_. **Estatuto do Idoso**, instituído pelo Projeto de Lei 3561/97 aprovado pelo Plenário em 23/09/03,

\_\_\_\_\_. **Política Nacional do Idoso**. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional dos Direitos Humanos – Brasília. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, de 1998. Lei n.º 8842/94. Dispõe sobre Política Nacional do Idosos e cria o Conselho Nacional e dá outras providências.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do Dom**. Terceiro Paradigma. Tradução de Ephrain F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DEBERT, Guita Grin (org.). “Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice.” **Antropologia e velhice**. Textos Didáticos, Campinas, nº 13, 1994.

DEBERT, Guita Grin (org.). Envelhecimento e Representação da Velhice. **Ciência Hoje** nº 8, 1988.

DUARTE, MJRS. Autocuidado para a qualidade de vida, In: CALDAS, Célia Pereira. **A saúde do Idosos**: A arte de cuidar. Rio de Janeiro: Veg, 1998.

**ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL**. Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações. São Paulo: 1976.

FOUCAULT, Michel. A. Michel A. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** – A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

FRANÇA L. Preparação para aposentadoria: desafios a enfrentar. In: VERAS, P. (org) **Terceira Idade**, org. Renato Veras – Rio de Janeiro: Relume Dumará UERJ. UnATI, 1999.

GARBIN, Tânia Rossi; MARTEKA, Adriana. **Qualidade de vida do idoso Institucionalizado**: um estudo sobre as atividades que facilitam a realização. Reunião anual da SBPC, 53. Salvador: SBPC/ UFBA, 2001 (Anais/ Resumos - CD-ROM).

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar Projetos de pesquisa**. 3 ed, São Paulo: Atlas S/A, 1996.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GOLDBAULT, Jaques T; CAILLÉ, Alain. **O espírito da dádiva**. Tradutor Patrice Charles F. X. Wuillaume – Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências sociais. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário Social da Seca**. Recife: FUNDAJI, ed. Massangana, 1998.

GRECO, Sheila. **O Vovô virou papai**. Veja, Abril, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho A. Sem dinheiro não há salvação. “ancorando o bem e o mal entre os neopetencostais: In: GUARESCHI, P. A. **Textos representações sociais**, 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GUERREIRO, T & RODRIGUES, R. Investindo no potencial do ser. Preparação para a aposentadoria. **Anais do I Simpósio de Preparação para a Aposentadoria da UERJ**. Rio de Janeiro, 1996.

HAGHETTE, J. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

HALBEWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo Vértice. **Revista dos Tribunais**, 1990.

JÖUCHELOVITCH, Sandra. **Vivendo a vida com os outros**. Intersubjetividade, Espaço Público e Representações sociais in: GUARECHI P. A. **texto de representação social**, 2ª ed. Petrópolis, RJ Vozes, 1995.

KASTEMBAUM, Robert. **Velhice: Anais de Plenitude**. Hamburg Ltda. 1979.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M.A. de. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marlz E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Marco. **Terceira Idade e Direitos Humanos**, publicação out. 1998 (disponível em <[www.tercdire.htm](http://www.tercdire.htm)> acesso em 14 jul, 2001);

MARTINS, Paulo Henrique. **A Dívida entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Tradução de Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

\_\_\_\_\_. **Cultura Identidade e vínculo Social: Pensando a cidadania Democrática na Escola Pública**. Seminário de capacitação dos professores da Rede Pública Municipal de Recife, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estudos de Sociologia** – Revista do programa do Pós-graduação em Sociologia da UFPE vol. 5 nº 2 de 1999, com o título imagens ambivalentes da globalização, Libergráfica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Texto didático 2: Dádiva e Redes Sociais**, Etapa da pesquisa – Rede de Vigilância, Cidadania e Problemas Endêmicos financiada pelo Ministério da Saúde / FACEPE – 2003.

MATHEUS, Terezinha de Fátima Fernandes; ANDRADE, Carmem Maria Andrade. **Percepção de Professores Pesquisadores acerca da ação da Universidade Frente ao Envelhecimento Populacional**. In. Reunião anual da SBPC, 53. Salvador: SBPC/ UFBA, 2001 (Anais/ Resumos - CD- ROM).

MEIRELLES, Morgana. E.A. **A Atividade física na terceira idade: uma abordagem sistêmica**. Rio Janeiro: Sprint, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Textos em representações Sociais** / Pedrinho A. Guareschi, Sandra. Jouchelovitch (orgs.) 2ª ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 1995

MORAES, Mauro. **O jovem a Família e a Sociedade**. Disponível em: <http://www.mauromorais.com.br/juventude.php.artigo=9/>. Acesso: 30/04/04.

MOSCOVICI, Serge. **A representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Textos em representações sociais** / Pedrinho A. Guareschi, Sandra. Jouchelovitch (orgs.) 2ª ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 1995

MOTTA, Edith. **Envelhecimento social**. Temas sociais. Rio de Janeiro: CBCISS, nº 230, p. 57, 1996.

NERI, A. L. **Qualidade de vida e Idade Moderna**. Campinas-SP, Papirus, 1993.

OKUMA, Silene Simire. **O idoso e a atividade Física**, Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PASSOS, Silésia Maria Sales. **Imagens do envelhecimento**: Histórias de vida dos idosos que vivem em asilos na cidade do natal. In: Reunião anual da SBPC, 53. Salvador: SBPC/ UFBA, 2001 (Anais/ Resumos - CD- ROM).

PEIXOTO, C. E. **Histórias de mais de sessenta anos**. In: Estudos Feministas. Rio de Janeiro: 1997 IFCS/UFRJ V.5.

ROUANET, Sérgio Paulo. **A razão cativa** - As ilusões da consciência de Platão a Freud, Brasília, DF: Brasiliense, 1987.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Representações Sociais, o conceito e o estado atual da teoria**. In Spink, M. J. (org) o conhecimento no cotidiano – As representações sociais na Psicologia Social, São Paulo: Brasiliense, 1993

SAFONS, Marizete. **Envelhecimento e atividade física**. In terceira idade – humanidades, Brasília-DF, UNB – Editora, 1999.

SANTOS, Boaventura de S. **Pela Mão de Alice**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, M. F. S. **“Velhice: Uma questão psicossocial”** Temas de Psicologia nº 2, Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2 p. 123-131 – 1994.

\_\_\_\_\_. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SFEZ, J. – **A Saúde Perfeita**. São Paulo: Unimarco/Ed. Loyola, 1996.

SILVA, Bianca Andréia e outros. A representação do envelhecimento pelo idoso – uma contribuição para equipe de saúde da família, **Revista Enfermagem Atual**, Rio de Janeiro, Biomédicas, 2002.

SIMMEL, Georg. Sociologia / Organizada da Coletânea. Evaristo de Moraes Filho; Tradução de Carlos Alberto Pavanelli... et al – São Paulo – Ática, 1983

SOCIEDADE e ESTADO/ **Revista Semestral de Sociologia UNB** – Vol. XVI. Nº 1-2 – 2001 – Vários colaboradores.

SOUZA, Elza Maria. **Reminiscências – As lembranças como patrimônio social**. In Terceira Idade – Humanidades. Brasília-DF. UNB-Editora, 1999.

SPINK, M.J./Org./1995. **Desvendando as teorias implícitas**: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI texto de representação social. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social** São Paulo Ed. Brasiliense,1995.

TEIXEIRA, Fátima de Jesus. **As verdades que se revelam nos meandros do tempo**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1999 (Disponível em <[www.partes.com.br/terceira](http://www.partes.com.br/terceira)> acesso em 14 de jul/2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**, São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, H. S. **Psicogeriatría Geral**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

VERAS, R. P. (org.) **Terceira Idade: Alternativas para uma sociedade em Transição** / Organização, Renato Remoto Veras – Rio de Janeiro: Relume Dumará. UERJ, UNAI, 1999.



\_\_\_\_\_. (org.) **Terceira Idade: Um envelhecimento digno para um cidadão futuro / Organização, Renato Remoto Veras** – Rio de Janeiro: Relume Dumará. UERJ, UNAI, 1999.

\_\_\_\_\_. **País jovem com cabelos brancos.** A saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

VIEIRA, LISZT. **Os argonautas da cidadania.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

WOORTMANN e WOORTMANN, R. **Fugas a três vozes anuário antropológico.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

\_\_\_\_\_. **O Trabalho da Terra – a lógica e a simbólica da Lavoura Camponesa.** Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. **Velhos Camponeses.** Editora Universidade de Brasília nº 46/99 Livro Humanidades.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice Aspectos biopsicosociais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

# **ANEXOS**

Figura dos idosos PSF – José Maria



Alguns integrantes do PSF - José Maria em momento de descontração.



Grupo de senhoras em momento de integração com o PSF – José e Maria.

Figura da Casa Geriátrica



**Ambiente intimo (quarto) da casa geriátrica de Petrolina.**



**Desfrutando do seu lazer predileto (fazer tricot) na casa geriátrica.**

## **ENTREVISTAS:**

### **1 – ENTREVISTA COM IDOSOS DO PSF (PROGRAMA DE SAÚDE DA FAMÍLIA)**

**NOME:**

**IDADE:**

**NÍVEL DE ESCOLARIDADE:**

**ESTADO CIVIL:**

**PROFISSÃO (EXERCIDA):**

**ENDEREÇO:**

**RELIGIÃO:**

1 – Qual a relação com a sua família? (se mora, apoio)

2 – Aponte as atividades profissionais já exercidas:

3 – Como preenche o seu tempo? (atividades profissionais, sociais, lazer, família, amigos)

4 – Como se mantém em relação a situação financeira?

5 – Qual a sua visão do mundo sobre a velhice?

6 – Como vê a relação sociedade e velhice?

7 – Na situação atual, como a pessoa deve se preparar para a velhice?

8 – Que contribuições o idoso pode oferecer a sociedade?

## 2 – ENTREVISTA COM IDOSOS DA CASA GERIÁTRICA

NOME:

IDADE:

1 – Nome Completo:

2 – Nível Escolar:

3 – Estado Civil:

4 – Morou com a família quanto tempo?

5 – Tem apoio da família? Quem?

6 – Em caso de não, quem a apoia?

7 – Quanto tempo mora na Casa Geriátrica?

8 – Porquê mora aqui?

9 – Tem aposentadoria? Quem recebe?

10 – Tem alguma religião? Qual/

11 – Já trabalhou?

12 – Com que?

13 – Faz alguma atividade?

14 – De que tipo?

15 – Recebe visitas?

16 – De quem?

17 – Tem amigos?

18 – O que pensa da velhice?

De Bem:

De Ruim:

19 – O que você pretende da vida:

20 – A sociedade lhe ajuda?

21 – Conhece os Direitos do Idoso?

## 2 – CONDIÇÕES DE VIDA E REPRESENTAÇÃO COM IDOSOS DO JOSÉ E MARIA

### QUESTIONÁRIO I:

IDADE:

SEXO:

- Masculino

- Feminino

ESTADO CIVIL:

SOLTEIRO

CASADO

VIÚVO

OUTROS

Com quem mora atualmente?

Relacionamento com a família: Bom \_\_\_\_ Ótimo \_\_\_\_ Regular \_\_\_\_ A desejar

Religião de Origem:

Praticante:

Sim:

Não:

Atual:

Tem simpatia por outra religião?

Tem simpatia por outra religião?

Qual: \_\_\_\_\_

Escolaridade:

Analfabeto: Sim \_\_\_\_ Não

1º Grau: Sim \_\_\_\_ Não

2º Grau: Sim \_\_\_\_ Não

Superior: Sim \_\_\_\_ Não

Estado Civil:

Solteiro: Sim \_\_\_\_ Não

Casado: Sim \_\_\_\_ Não

Viúvo: Sim \_\_\_\_ Não

Outros: Sim \_\_\_\_ Não

Profissão / ocupação

Há quanto tempo?

Rendimento:

Aposentado: Sim \_\_\_\_ Não

Pensionista: Sim \_\_\_\_ Não

Assalariado: Sim \_\_\_\_ Não

Outros: Sim \_\_\_\_ Não

Rendimento:

1 a 3 salários mínimos ( )

3 a 6 salários mínimos ( )

Mais de 10 Salários Mínimos

Lazer:

Familiares: Sim \_\_\_\_ Não

Amigos: Sim \_\_\_\_ Não

Grupos 3ª Idade: Sim \_\_\_\_\_ Não

Vizinhos: Sim \_\_\_\_\_ Não

Viagens: ( )

Freqüentemente ( )

Raramente: ( )

Lugar que viaja: \_\_\_\_\_

Relacionamento familiar melhor com quem?

( ) Família

( ) amigos

( ) Grupos 3ª Idade

( ) Vizinhos

Família sempre:

( ) Ausente

( ) Próxima

( ) Normal

( ) De quem mais gosta

Trabalho:

Não trabalha ( )

Trabalha ( )

Em que? \_\_\_\_\_

Divertimento:

( ) Nunca

( ) Sempre

( ) Às vezes

Expectativa do futuro: (O que pensa?) \_\_\_\_\_

Facilidade em ser velho?

Sim ( ) Não ( )

Dificuldade em ser velho?

Sim ( ) Não ( )



### **3 – ENTREVISTA COM SEGMENTOS LIGADOS AO IDOSO DO ACS, PSF, CASA GERIÁTRICA, PADRE MINISTÉRIO**

#### **(OBTER DADOS ESTRUTURAIS E FUNCIONAIS)**

1 – Profissão? \_\_\_\_\_

2 – Há quanto tempo trabalha com idoso? \_\_\_\_\_

3 – Que trabalho desenvolve com o idoso? \_\_\_\_\_

4 – Qual a orientação que segue para esse trabalho? \_\_\_\_\_

5 – Programa as atividades para esse fim de que maneira? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6 – O que precisa ser melhorado?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7 – Como avaliam a ação social para o grupo de idosos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8 – Porque trabalhar com idosos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**QUESTIONARIOS:**

**1 – QUESTIONÁRIO GRUPOS DE 3ª IDADE – GRUPO JOSÉ E MARIA**

1 – Como ficou sabendo do Grupo de 3ª Idade? \_\_\_\_\_

2 – Porque procurou o grupo? \_\_\_\_\_

3 – O que mais gosta de fazer? \_\_\_\_\_

4 – O que acha das atividades no grupo? \_\_\_\_\_

5 – O que não gosta de fazer no grupo? \_\_\_\_\_

6 – Como se sente sendo integrante do grupo? \_\_\_\_\_

7 – Como é a relação da equipe PSF com vocês? \_\_\_\_\_

8 – Quais outras atividades que poderiam ser feitas pelo grupo? \_\_\_\_\_

9 – Para quem dirige os grupos ou asilos? \_\_\_\_\_

10 – Tempo de fundação? \_\_\_\_\_

11 – Objetivo? \_\_\_\_\_

12 – Cronograma de atividades? \_\_\_\_\_

13 – Número e funções dos membros que compõem a diretoria?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14 – Músicas e atividades que mais fazem?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### 4 – ROTEIRO ENTREVISTA COM O IDOSO E QUEM O CERCA

1 – O que é ser idoso?

a) Problemas e dificuldades em ser idoso:

b) Modificações do corpo: (corpo, semelhança, pensamento, comportamento, etc.)

2 – Relacionamento com a família:

3 – Participação na sociedade:

a) Amigos:

---

b) O que faz nos momentos de lazer:

---

c) Trabalho:

---

4 – Como você vê?

a) Diversão:

---

b) Sexo:

---

c) Futuro: (quais os seus objetivos):

---

5 – Como o idoso é visto pela sociedade?

---

6 – Quais os direitos assegurados e cumpridos em relação ao idoso:

---

7 – Quais os direitos assegurados e cumpridos em relação ao idoso:

---

8 – Quais as expectativas para o idoso em relação ao futuro?

---

9 – Qual é a vantagem em ser velho?

---

10 – Qual é a desvantagem em ser velho?

---

Algumas das entrevistas com idosos do PSF (Programa de Saúde da Família) e com idosos da casa geriátrica.

Idoso P - grupo de 3ª idade José e Maria

Tenho 68 anos, estudei até a terceira série, antigamente as coisas eram difíceis na época de 30 a 50, sou viúvo, dez anos que fiquei, foi em 92, tinha 35 anos de convivência, morreu de pneumonia em 15 dias foi-se embora. Ela fumava. Eu também fumava. Fumo de rolo, faz 4 anos, cismeixi deixei...

Moro no bairro José e Maria há 22 anos, sou um dos mais antigos do bairro, fui um dos primeiros a chegar. Isso tudo era conhecido como favela do papel, primeiro veio um tio meu, após eu vim, quando já casado. Teve muita briga pra gente se firmar aqui, aqui perto passava uma lagoa e ninguém queria essas terras quando o proprietário viu, engrandeceu os olhos e não queria deixar nós ficar. Foi feia mesmo a briga, mas no final deu tudo certo... Na abriga fui um guerreiro mesmo um orgulho dessa batalha... Só fica as lembranças dos amigos que participaram e já se foram, poucos ainda tá vivo como eu, num deixa de ser um presente de Deus num é mesmo.

Há já trabalhei de agricultor e me aposentei, vivo da aposentadoria pelo FUNRURAL, já plantei milho, feijão, mandioca, algodão, hoje tá tudo muito diferente, hoje, precisa de veneno, o povo morre por esse produto. O pessoal antes vivia mais quando num mexia com isso.

Sou católico, gosto, vou sempre à igreja. Eu nasci nela e não mudo, hoje tem várias igrejas só para confundir nossas cabeças, meus filhos são todos batizados, tenho 13 filhos, são todos batizados, 11 são casados, 23 netos, criei as 13 filhas na raça, minha mulher só cuidava de casa. Todos os filhos nunca me deram trabalho, alguns estudaram fizeram o ginásio até a Sexta, todas sabem ler e escrever no mato as coisas são mais difícil. Moro com 3 filhos uma casada e duas solteiras. A casada tem 2 filhos um de 7 e o outro de 6 anos. O marido dela mora em Juazeiro porque trabalha lá tenho um filho que mora em São Paulo, outro em Omicuri, outro em Salgueiro. Meus filhos são bom. Toda vez que fico doente eles se chegam.

A minha vida toda fui agricultor mais trabalhei também de zelador da Sanassa, me aposentei por idade pelo FUNRURAL, recebo R\$ 200,00 (o salário), hoje fico só em casa, sou diabético e hipertenso, não trabalho, pra moço, tá difícil, imagine para velho. Vou muito pra missa, festa da padroeira, procissões. Tá bom demais, converso com muita gente, gosto de conversa que renda alguma coisa e gosto das palestras do grupo PSF, gostava de ler mais a vista não dá mais, faço os exames direitinho. Os amigos hoje só os fios, tem uns colegas, outros já morreram, um irmão faleceu agora. Sinto muito, é horrível essas perdas. Vivo bem graças a Deus. Vivo com o que tenho para ir se virando. Gastamos muito com remédio e é porque o da pressão eu recebo no postinho, eu acho que me cuido, eu pratico esportes, ainda me acho bem em várias coisas.

Fico tranqüilo, é novo e depois fica velho, feliz de quem fica velho pois estou vivendo muito, meu pai e minha mãe morreu cedo, eles tinham 17 anos de diferença, o problema vem da pressão é da família da minha mãe, sinto que existe discriminação, mas não me afeta, se não quiser envelhecer morra logo. É só uma nova fase não dá para comparar. Aos trinta anos, hoje dói tudo.

O que se tem a fazer é preservar a vida, não estragar a vida não deve, sempre trabalhei muito mais beber demais não, tem que se cuidar, tem que ter satisfação e não viver se maldizer. Isso faz mal. Gosto de ajudar as outras e dar bons conselhos até mesmo já tenho idade para isso.

Há os direitos dos velhos precisa ter mais respeito para dar certo, né mesmo?

Quando invadimos os terrenos tive risco de vida para nos salvar e salvar os amigos (invasores da favela do papel) como era chamado o bairro que se tornou o José e Maria.

2 Idosa C – grupo familiar de 3ª idade PSF José e Maria.

A minha idade é 78, não tive oportunidade de estudar, não me botaram na escola pois era mais de légua para chegar lá, eu e meus irmãos nunca estudamos, o estudo era a enxada, há, há, há... Eu me lembro que pai nunca deu valor a isso e mãe mal podia abrir a boca era só cuidar da casa. Hoje sinto falta de não saber ler. Sou viva, tem uns 22 anos, morreu de uretra, trabalhamos na roça e cuidava de um sitio depois que casei vim morar em Petrolina e nas apossamos do terreno que hoje é nossa casa, começou pequeno encontramos água e fizemos 3 vão, gosto de morar aqui, mas o marido morreu, meus filhos não moram comigo, cada um tem sua casa, minha religião é católica, gosto muito de ir à igreja.

Tive três filhos, uma morreu com 7 dias e criei mais quatro filhos, três foram dos meus irmãos. Hoje estão todos casados. As vezes os irmãos chegam, eu sinto só, tenho uma filha com o juízo frouxo.

Hoje ajudo quando peço a uma colega na feira, sou aposentada, vivo da aposentadoria e ajudo os 3 netos o dinheiro fica curto não dá para nada. Quem faz a minha comida sou eu mesma, cuido da casa, lavo roupa, cuido às vez dos netos, não gosto de andar muito em c asa dos outros, mas gosto de participar desse grupo do PSF, dos passeios que o grupo faz,,, Não gosto de andar encangada com ninguém, já tive muitas amigas que já se foram dessa vida. sinto muito a falta delas. Sinto muita saudades, depois que meu velho foi-se tudo morreu, tudo acabou.

Acho que a minha vida ficou confusa, transtornada com a aposentadoria. Graças a Deus, se não recebesse tinha era morrido, mas é pouco, tem muita gente que me ajuda muito. Tudo o que ela tem na banca dela me dá às vezes falta ajuda... esses sentimentos de não querer ser um fardo para os outros, eu acho que é o pior de tudo, não queda depender era de ninguém.

Tem uma parte da velhice que é bom e outra ruim, de bom é a vivência, entrega a Deus mais um dia vívido. De ruim o pior é a saudades (do marido, mãe, irmãos) as doenças é ruim também, não escuto, nem enxergo como antigamente.

O posto de saúde ajuda muito o povo do PSF é muito bom graças à Deus quase não compro remédio controlado de hipertensão, o posto dá o remédio evita o açúcar sem ficar fraca, voltei a comer o açúcar pouquinho...

O jeito que tem com tudo isso é para gostar tenho vontade de viver embora

não acho graça em nada, quero viver para ver os tios todas organizadas junto com as netas e os bisnetos. Se cheguei até aqui... não é?

Já fumei o meu vício troquei por comida, quero mostrar que nem tudo são flores mas temos vida... mesmo com saudades do meu velho.

### 3 Idosa J – grupo de 3ª idade do José e Maria

Tenho 60 anos, só sei assinar o nome, já tenho, 30 anos de casada, sempre trabalha na roça recebe pensão e moro no José e Maria há 3 anos, sou evangélica, gosto muito de participar de cultos das escolas de evangelização.

Tive 11 filhos, já tenho 3 casados, uns moram na roça, fico com os netos para ajudar os filhos a trabalhar, a pegar uns biquinhos emprego certo tá difícil. Agora mesmo tá parado, o marido também o que ganha dá pra sustentar a casa com muita dificuldade mesmo. Vim da roça o que agente plantava o lucro é pouquinho. Às vezes penso em voltar as forças estão poucas. Me sinto como um atrapalha, porque assim pertubo a minha família, queria era poder ajudar mais.

Meu afazer é botar comida no fogo, arrumar a casa, mas quando a coluna ataca não dá, fico pedindo ajuda aos filhos e aos netos.

Minha vida é com muita dificuldade, tô pensando em voltar para roça, o marido quer ir, como nós estamos tá ruim não pode estar pior, né por isso que me sinto como um atrapalha.

Ser velho tem apoio do governo, as pessoas gostam da gente, graças à Deus faço tudo para não perder o grupo do PSF, facilita nessas vidas, para suportar a velhice tem que ficar bem tranqüilo, não fazer extravagância, não deveria se preocupar assim é pior, a velhice chega mais rápido.

Gosto das pessoas, visito as colegas, semear amor, querer bem, sinto falta dos parentes que já se foram a saudade é uma coisa ruim, me conformo foi uma morte dada por Deus. Os nossos direitos é mais ou menos tem que ser melhorar a única coisa que não gosto da velhice é me sentir atrapalha da família.



#### 4 Idoso – M. – Grupo de 3ª idade do PSF José e Maria

Tenho 75 anos, meu saber é muito pouco, o pouco de saber é de boa vontade, não tive estudo não, mas o que aprendi foi pouco, sei escrever o nome, não sou mais casado, sou viúvo, não fui casado no civil, só na igreja católica, sou aposentado pelo FUNRURAL de Ouricuir (trabalhei na roça), hoje meu filho que cuida da roça. Minha religião é católica, mas não gosto de padre, creio em deus, a mulher era mole para caminhar e me acompanhar.

Hoje moro com filhos, uns morando comigo dentro de casa, perto tenho dois filhos e são muito bom para mim, me dão assistência, principalmente na hora da doença.

Trabalhei a vida toda na roça, hoje tou aposentado, já plantei de tudo, trabalhei muito desde pequeno. Desde 93 me aposentei. Não sou eu só que boto o dinheiro dentro de casa, ai dá pra viver. Meu fio mesmo o que cuida da roça, pois não tenho físico para isso sempre vem prestar conta comigo.

Meu tempo é o seguinte, qualquer coisa pela rua, resolver os problemas da rua, pagar conta, gosto de me divertir hoje não muito porque tou velho, até que me acho velha, apesar dos 75 anos eu não tive a sensação de estar velho, só estou encostado entendeu? O que acontece é que tem de viver, ser amigos.

Graças à Deus dá pra se manter as outras de casa contribuem. Graças à Deus, posso ficar doente, já tenho garantido o da farmácia..., isto é, com ajuda. A aposentadoria é boa e certinha.

A velhice é coisa boa, é o seguinte é boa porque pelo menos eu tive o direito de viver o que muita gente não viveu. Uma coisa que tá na vista de todo mundo, os velhos tão bem tratado, a maioria recebe aposentadoria. Na mocidade vi muita tristeza e bandidagem no Brasil. Muita tristeza. Temos os velhos por obrigação, não sei se estou errado. É o seguinte tratar, bem os outrosi o caboclo é o seguinte não querer mal querencia com ninguém, não arrumar o mal para si próprio. A lição de vida que tenho a dar é a pessoa só procurar o caminho do bem e não querer o mal.

Gosto muito de participar do grupo do PSF José e Maria do PSF, gosto das atividades física é a melhor parte, a equipe é muito boa conosco. Muito respeitada. Nos ajuda bastante, faz festa, passeio, dar vida nova aos participantes alem de tratar de nós.

5 Idoso S - o 3ª idade José e Maria

73 anos, nem sei ler nem escreve, só para roça, sou apresentado, sou casado 4 filhos, 2 homens, 2 mulheres cada cá, tem sua casa, uma mora em Curitiba era padeiro, aposentado por invalides. Diabético, pressão, católico e já trabalhou na roça na terra da mulher.

Graças a Deus, nem tu nem minha a velha, jamais graças a Deus. 40anos de casado. Apoia os filhos graças a Deus.

Trabalhei em Petrolina em 55 padeiro antes no inverno roça e no verão na oleria (tijolos) sua mulher trabalhou no comércio. Só faz coisas de casa desde há 68 anos.

Andando para cá para cada com as filhas.

Mãe, os 2 filhos mais velhos me ajudou um tá no sul e outro tá na roça da mulher

E porquê a velhice o velho é sempre discriminado até no ônibus. Os jovens não tem educação são mal educados. O respeito não existe. No tempo do meu pai tinha respeito hoje não tem.

A sociedade precisaria melhorar cada dia que passa a coisa vai piorar.

Já tenho caixão, lugar no cemitério, que jeito, vivo conformado. É isso que eu digo os jovens. As coisas que acontece hoje não acontece com os velhos. Não quer escutar conselho de ninguém.

Antigamente carnaval era bom., brincava e não tinha essa violência que tem hoje em dia.

Não sei nem me expressar nesse ponto, pode dar um conselho, todo dia de tarde eu fico dando conselho. Eu quero, não tenho o que dizer não. As vezes ela se acha velha tem que sair e não se isolar. Ela pesa 96Kg.

Atualmente sou conhecido como "Velho Chico" uma homenagem ao nosso rio conheço plantas e no final da tarde dou conselho e ensino receita sentado na minha cadeira sou muito respeitado e fundada.., um dos meu fio ainda roça herança da mulher o outro tá no sul.

Não, [não eu não sou velho], absolutamente. Eu estou completamente atiro, afinal de contas estou vivo muito vivo. E dando conselho e passando receitas caseira para quem precisa.

## 6 Idosa Q – grupo de 3ª idade PSF José e Maria

Estou com 70 anos e se Deus quiser viver mais um bocado depende da vontade do Senhor fui fundadora do bairro, brava lutadora, hoje sou hanseniana, nunca estudei primeiro vivi no mato, meu pai dizia que mulher não é pra aprender a ler e escrever assim ida escrever pros namorados sou casada, tenho 10 fio eu e meu vei somos aposentado foi difici aposentar dois numa casa só, sou da religião católica. Dos 10 fio que tenho,1 bebe muito, chega em casa quebrando tudo, tenho uma fia que me ajuda me dá um salário por mês. Na hora da doença eles chegam. Meu marido é diabético, operado da prosta, cada fio tem seu canto só fiquei com o trabalhoso.

Já trabalhei pra mim, já tive bodega, bar, já trabalhei em feira, doente das varizes, vendia comida, cerveja, pinga, era em casa mesmo no tempo de Paulo Afonso, ajudava o veio a criar os fio.

Dentro de casa, as neta vem ajuda, lava as roupas arruma a casa, faz faxina, gosto muito desse grupo que faço parte, nós lembra das história, lembro que no início do José e Maria tinha um homem chamado de José (não lembro o resto do nome dele) foi um bravo lutador pelo domínio das terras.

Vivo bem, dá pra viver direitinho com o meu e o do veio e ajuda das filhas se fosse só da aposentadoria não dava não.

Tendo saúde a velhice é boa, nem me lembro mais como era moça. O outro tempo era bom também era um tempo sei lá prestava não e prestava. "Ave Maria" a família toda já morreu. "Ave Maria" a saudade é demais ... (lágrimas escorrendo pelo resto)

O povo do posto arruma a vida da gente médico tem sempre, tá bom demais esse grupo PSF, como eu gosto das reuniões.

Tem velho que não gosta da velhice, e eu sei tem um deles que não deseja ser velho, porque sofre muito, não quero mais saber da mocidade, meu marido não tem vício, sempre foi trabalhador. Desejo felicidades a todos que chegou nessa idade e para qualquer pessoa e dizer que a vida é bonita e boa, que tem de viver numa vida organizada.

## 7 Idoso R – grupo de 3ª idade PSF José e Maria

74 anos, sou alfabetizado, nasci no sítio, foram professores me ensinar, na fazenda sou viúvo, 5 anos de viúvo, vive com 2 filhos aposentado, não ajuda os filhos, sempre vai a igreja, mora em casa própria, já mora aqui há muito já um Serra Talhada, atualmente estou cego desde os 25 anos, moro com 2 filhos - 1 casal e estão solteiros, eles são bem, existe humanidade dentro do conjunto, trabalham numa oficina de bicicleta (é dele mesmo), tem além da aposentadoria e alugueis tem o problema de saúde, pressão alta nem belo era bem casado, ainda penso em casar mais achar uma pessoa ai tenho medo. E acomodo porque tenho bom relacionamento com os filhos em saúde tem distonia e agora apresentou uma zoeideira nos ouvidos além da cegueira preenche o tempo alguém lindo para mim, estudando a Bíblia (Brailer), passeia de ônibus, não ficar quieto sempre andando. E prendas domésticas nem sempre vivo da aposentadoria, e de alguns alugueis acho que a velhice anda muito ao apesar de que fica velho falta de alguma coisa. Ex. a resistência, visão, força física, agradeço a Deus ter chegado nessa idade.

Então através de um convite pela equipe de PSF e encontrei apoio, gosto da física, palestra, recebe muita explicação gosta dos passeios, sinto bem, ganha saúde, não quer sair desse grupo. Aqui é uma sociedade.

Tem uma filha que mora em São Paulo.

O conselho aos mais novos é que responsável pela família. É o espelho da família a boa vontade ajuda muito.

Olhe anos atrás a velhice não tinha quase valor. Mais hoje tem bastante apoio.

Até quando desce no centro outro, os jovens dão o lugar no ônibus. Antes na era mais difícil por causa dos estudos.

Eu me preparo para a velhice tom a palavra estando com Cristo nós já estamos para velhice.

No meu pensar não sei se vou falar ou é dar prova de bondade e dialogar com os jovens.

Sou dos fundadores e participei dos conflitos das invasões..., me sinto estimado e respeitado por todos ....

## 8 Idosa D – Grupo PSF José e Maria.

Estou com 69 anos, semi analfabeta, do tempo de que mulher não estudava, morei na roça, o pai não deixava estudar para não fazer carta para namorada, vivo a 9 anos, não quero casar de novo, tem 9 filhos morreu um, 2 moram na roça e os outros moram aqui perto. Casa própria tem 2 filhas e 1 neto comigo que são solteiras.

Vivo bem com os filhos, não ajuda e recebe pensão 2 sal e sustenta todas. Já trabalhou com roça recebe pensão e aposentadoria, preencho o tempo dentro de casa e sempre das filhas, aconselhando, é de casa para igreja e depois que fiquei viúva agora é que ando mesmo aproveito bastante.

Vivo bem financeiramente, só vivo nas minhas condições.

Acho bem a velhice, vive das lembranças da infância, gosta de ser alegre, e tem idade boa, sou diabética, bico de papagaio, e coluna e pressão alta, não pego peso, faz a dieta direitinho e tomo remédios, tomo o pó do maracujá que é bom para diabete pois o remédio está faltando no posto.

A sociedade ajuda já esse grupo que estou aqui a E. S. F. me trata muito bem, faço exercícios adora vir para cá (grupo 3ª idade), e passear preparo com amor ao próximo, reservo para a velhice, atender a idade paciência. Eu tenho a dizer que seja uma pessoa boa junto a família, na paz, humilde, não fazer coisa feia muita violência, deve dar conselho pro bem e ficar sempre junto com a família não ficar nomeio destas coisas da vida para não procurar o que não presta.

## 9 Idosa E – Casa Geriátrica

Boa, tem sobrinhas a maioria mora aqui 2 ou 3 distantes vem me visitar pouco e vem me buscar pouco o horário de visita é inconveniente. Todas me estimam bastante eu sou a mais velha dos irmãos, e irmãos casado e um homem casado. Todos me estimam bastante. Eu sou a mais velha dos irmãos, e irmãs, 3 irmãs casado e um homem casado. Todos tem filhos. Só uma teve 12 a outra 20. Graças a Deus fômo todos 7 homens e 3 mulheres o irmão que tem meus.

Entrou para ser freira com 17 anos. Era um Afrânio nas Salesianas, se dedicou a trabalho manuais e músicas ser professora primária, jardim da infância e alfabetização, passei 38 anos e sai por extração de ovário, trabalhei também com as índias em missão aos 23 anos passei 7 anos com os índios fronteira com a Venezuela e 2 em Manaus, nas margens do alto Rio Negro (Rio Tiquiê) tem as casas missões. Era semi internado, na área educativa, e trabalhos manuais, canto, religião católica. Alimentação a base de peixe é caça. Cada tribo tinha seu costume e língua diferente. A língua geral de lá era o tucano. Era um pouco distante de uma tribo para outra. Só os missionários que iam de tribo em tribo.

Eu mesmo que quis D. Malam era missionário ele era italiano Francês filho de Italiano foi aluno de D. Bosco. Ele viu um raio de luz um D. Malan Ele profetizou um D. Malan mandou D. Malan para Itália e foi Bispo em Mato Grosso, visitou tribo em Mato Grosso e filmou e levou para Afrânio em Caboclo, nasci lá e me curei em Afrânio, ele durou pouco, morreu cedo e minha professora, preparou uma saudação. Eu pequena gravei uma referência a D. Madame (foi gravada). Por causa disto se interessou de ir para as missões e também. Uma noviça se preparando para ser freira ela era índia foi criada pelas irmãs e tinha condições para ingressar. Estão eu mi entusiasmei. Eu estava lá, já em Manaus lá era considera a casa das Missões, então abriram uma casa pertencente a missões, lá tinha muitas vocações e aqui minha família reclamava por não visitar toda vez que a família reclamava aí a Madre me mandou passar aqui para ver a família ai eu fui para Santa Catarina. A diretora de lá era muito boa. Ai o cisto do ovário cresceu e eu tive que operá-lo. Com isso precisava ai esperei 20 e poucos anos com distúrbio pela necessidade e pelo rigor eu pedi para saís para me tratar quando foi para entrar e quando foi para sai não fizeram objeções e faz 26 anos que eu sai.

Faço caminhada quarenta minutos agora passo por fora chego temo café, como tudo, eu evito doce, massa, gordura não tem aqui. O que vem da refeição, aí depois do café faço minhas orações, não deito um pouco, faço crochê sapatinhos, luvinha e toquinha. Depois durmo, tudo me cansa com facilidade tenho 80 anos sou de 12/02/23. Eu nunca peço um viver muito, mais graças a Deus nem lembro de idade. Nem tira minha atividade, depois almoço, repouso um pouco. Depois, faço crochê. A noite eu vou me arrumar para dormir rezo escuto o rádio (o terço) a hora do Brasil - muito bom. Antes de dormir tem as orações. E assim se encerra o seu dia. Faz de atividade uma oração.

Sou aposentada, pedi a irmão para me inscrever no INSS, foi um ano antes de eu sair até chegar a idade de me aposentar, minha família contribui também com o INSS Mostrei as irmãs a caderneta. Mas queriam que me aposentar por 2 salários não se o que aconteceu que só recebo por 1 salário. Eu saí com 55 anos e minha família contribui mais ou menos 4 anos. Minha filha já envelheci precocemente hoje me considero melhor que antigamente

Eu acho que a sociedade ajuda mesmo que não seja materialmente. Existe pelo menos uma boa vontade de colaborar. Tenho tantas amigas de caminhada. Isso é sinal de compartilhar um carinho. Tem uma Senhora que me chama que você me vê quanto a velhice todo mundo.

Deve-se preparar principalmente pela fé aceitação da vontade de Deus e está a bondade com os outros e solidariedade. Cada um tem seu estilo de vida e na velhice deve ter procurado não magoar ninguém.

Eu acho a educação é muito importante. Assim que não volta pura a tristeza. Aqui tudo passa. Deus é alegria e devemos nos apoiar em Deus. Pedir forças a Deus e não se achar capaz sem ajuda de Deus. "Tudo posso naquele que me conforta". Vou fazendo as coisas para Deus e recebendo as respostas e criando mais força nada te pertube.

O que vejo da velhice de ruim é que quanto fui assim um crediário não pude só se levasse um acompanhante. Isto é exclusão desrespeito com o idoso. Pretendo viver intensamente o dia-a-dia, não me sinto excluída muito pelo contrário, mas as pessoas e a sociedade excluem. O importante disso tudo é ter fé com meus 80 anos, nasci em 12/02/23. na velhice tem coisa que a gente quer fazer e não pode porque agente é discriminada. Mas nem me lembro que sou velha. A aposentadoria é muito pouca precisava ser revista...

## 10 Idosa A - Casa Geriátrica

Tenho 68 anos, não lembro a data do meu nascimento, sei ler, escrever e fazer conta, naquele tempo fim o primário, com muita dificuldade. Sou viva, nasci em Petrolina com a família por 38 anos. Atualmente, faz 20 anos que não vejo a família, tive 3 filhos, fiquei viúva, me sinto só. Eu comecei a envelhecer quando meu marido morreu, faz dois anos que moro aqui na Casa Geriátrica, estou aqui porque não tenho para onde ir. A família me abandonou, gosto de morar aqui, tem quem olhe pela Saúde, mas não me acostumo, fui criada solta (lágrimas nos olhos), sou aposentada, se não recebesse aposentadoria já tinha era marido, às vezes falta ajuda. O que recebo da aposentadoria fica todo aqui é pouco demais. Sou católica gosto de rezar, já trabalhei de doméstica, em casa de família, hoje não faço nada, também não escuto, nem enxergo como antigamente, aqui não precisa ajudar tem empregado aqui, recebo visita das ordens, dos coelhos (família tradicional Petrolina), alguns amigos vem me visitar. O que eu acho da velhice de bom que não gosto de ser velha e de ruim. É ruim, mais Deus quis, as doenças, as saudades, falta os parentes. Para a vida qualquer coisa me serve, me contesto com qualquer coisa. A sociedade me ajuda pela Casa Geriátrica que me mantém aqui, pela aposentadoria, pois é tem uma parte da velhice que é bom a outra ruim, a ruim é as saudades das que já se foram e as doenças que aparecem, não escuto, nem enxergo como antigamente os direito tão ai né? Não entendo disso...



## 11 Idosa B – Casa Geriátrica

Há são 97 anos de vida sou de 1905 (na época da entrevista o idoso tinha essa idade) do dia 2 de outubro, não estudei, sou viúva e pensionista, comecei a morrer quando um marido morreu. Morei com a família até pouco tempo, tenho pouco apoio da família sinto muita falta dos parentes que já se foram, a saudade é coisa ruim, me conformo, se Deus quis... (pausa), foi uma morte dada por Deus. A família demora vir me visitar, mais vem, quem vem mais é um sobrinho e um sobrinha, moro aqui faz 4 meses, vim morar aqui por falta de recursos para me manter, não podia continuar a morar só com a pensão, sou católica gosto de rezar e cantar, já trabalhei em tudo, roça com bichos (bode, porco, galinha), não faço mais nada e com 97 anos o que vai fazer mais. Eu só tou viva. Hoje enxergo muito pouco, já ensinei bordado, recebo visita dos sobrinhos e tenho muitos amigos. Acho a velhice uma graça de Deus, conforto, esta viva, "Deus sabe tudo" as coisas ruim da velhice é que a mãe pode dar jeito, na vista, falta doa parentes, saudade, embora me conformo. Espero da vida, um dia morrer pois comecei a envelhecer quando meu marido nos proteger é bom né?